







*es mihi illustranda Petarino da Gazeta
e Noticias - da Corte - como prova de alto
apreço e consideração
do autor*

THEATRO

— DOMINGOS JOAQUIM DA FONCECA —

MANOEL BECKMAN

DRAMA HISTORICO

EM VERSO E EM SEIS ACTOS



Pernambuco

—
TYPOGRAPHIA APOLLO

—
1888.

SÃO RESERVADOS OS DIREITOS
DO AUTOR

Illm.º e Excm.º Sr. Conselheiro
Visconde de Parauaguá

De entre os que, no nosso paiz, tem se distinguido mais pela nobreza de character, intelligencia, patriotismo e amor ao estudo, destaca-se o respeitavel vulto de V. Exc.; e nutrinão ardentes desejos de dar uma prova inequivoca do elevado apreço e gratidão que á V. Exc. consagro, resolvi dedicar-lhe o drama MANOEL BECKMAN, convencido de que nenhuma outra poderia ser mais agradavel á V. Exc. visto como, semelhante trabalho, ao passo que demonstra gosto pelas letras, refere-se a um personagem historico que se distinguiu tambem, que, notabilisou-se até, por seo patriotismo e firmeza de character.

Desculpando a humildade da offerta, queira V. Exc. dignar-se de accèita-la unida aos sinceros protestos da mais alta estima e consideração com que sou:

De V. Exc.

Amigo Respeitador e muito grato,

Domingos Joaquim da Fonseca.

AO LEITOR

Em 1868 escrevi, na Bahia, o drama *Manoel Beckman* o qual, defeituoso, embora, no fundo e na fórma, consequencia de meos fracos recursos intellectuaes e da pressa com que foi planejado e escripto, todavia, representado no theatro *S. João*, parece-me que agradou aos que assistiram áquella exhibição.

Pretendi corrigir os alludidos defeitos, para que esse drama pudesse se aproximar do alto merito do illustre e distincto Estadista a quem tinha de ser dedicado : mas, com quanto fôsse-me talvez possivel realisar essa pretensão, não julgaria, ainda assim, o meo trabalho, no caso de merecer tão subida honra.

A gratidão, porém, se me impôz altiloqua, e o desejo, ou melhor, o dever de a manifestar, tomaram taes proporções que, não sendo poéta, nem pretendendo sê-lo, resolvi, não obstante, escrever em verso um novo drama, sob o mesmo titulo e tratando do mesmo assumpto historico, persuadido de que, humilde ainda, adquiriria este algum merito, ao menos pela fórma, ficando assim mais apropriado ao honroso fim á que o destinava.

João Francisco Lisbôa e Sonthley foram os meos guias na parte historica, e os que desejarem se instruir a respeito do assumpto de que me occupei, pôdem consulta-los.

Nenhum d'esses historiadores dá o nome da mulher de Beckman, e, relativamente a partida de Thomaz, para Lisbôa, sustentam que não foi na mesma occasião, em que partiram os jesuitas, como o fiz por conveniencia litteraria, mas sim em épocas differentes.

Referindo-se, o primeiro d'esses historiadores, á Lazaro de Mello, diz, mais ou menos, o seguinte : — “ Se foi só a ambição de ser nobre, ou *se houve qualquer outra razão* que o levasse a atraiçoar seo padrinho, factó é este do qual não tratam as chronicas.

A historia, por tanto, duvida, ou, por outra, não affirma ter sido a pri-

meira, a causa unica d'essa hedionda traição; e, pois, á litteratura, ficou livre o direito de destruir a duvida, creando outro motivo qualquer, tal coño, o sensual e criminoso amor de Lazaro por Laura, amor que imaginei para dar tambem algum realce e vida a esse drama que devia desenvolver-se captivo ou subordinado sempre á historia.

Essa criação me parecêo natural e acceitavel, por que todos os sentimentos baixos e indignos pôdem encontrar abrigo no coração dos homens da tempera ou da indole de um Lazaro de Mello : assim como, acreditei ser natural, o procedimento de Laura, após a prisão do marido, procedimento, em parte, confirmado pelos historiadores : Laura partio a pé, para S. Luiz, ao passo que, seo marido, fôra antes, para alli, conduzido em uma canôa.

Publico este drama convencido não só de que dou um sincero e patente testemunho de profunda gratidão, como tambem de que, sob a protecção do muito illustre e elevado Cidadão á quem é dedicado, ficará livre dos farpões da critica litteraria ; e, quando assim não venha a succeder, consolar-me-hei lembrando-me de que :

“ Na grande empreza até a queda é nobre. ”

Recife, 13 de Abril de 88.

Domingos Joaquim da Fonseca.

Allm. Sr. Domingos Joaquim da Fonseca

Acabo de ler detidamente o drama de sua composição, que tene a bondade de enviar-me, em autographo, para que eu lhe dissesse sobre elle a minha desautorizada opinião.

E' com o maior prazer que me desempenho desse dever,—contrahido, aliás, desde que tive occasião de ouvir, em Dezembro proximo passado, a leitura de sua peça.

E' o seu trabalho um drama historico em 6 actos, de assumpto profundamente nacional, por isso que se resume na interpretação litteraria de um facto da nossa historia colonial, correspondente ao anno de 1684, e portanto bastante afastado para prestar-se a uma idealisação rasoavel.

A dramatisação da revolta maranhense, em que foram figuras principaes os dous irmãos Beckman e Jorge de Sampaio era e é uma tarefa difficil, pela ausencia, que nella se nota, de grandes rasgos heroicos, ou de grandes paixões intimas, a abalarem as individualidades que a promoveram e dominaram.

Perante aquelle acontecimento da nossa vida social, na epocha do colonato,—o dramaturgo actual encontra-se nesta contingencia: ou põe em scena uma peça recheiada de grandes lances epico-tragicos, ao sabor das nossas platéas, e nesse caso corre o risco de fazer simples drama de imaginação sacrificando a verdade historica; ou theatrisa o que a historia lhe narra, pura e simplesmente, e então produz apenas um drama secco e monotono,—uma especie de pagina de Compendio, mettida em dialogos.

Isto quer dizer que eu não approvo a escolha do assumpto que fez, para a sua bonita tentativa de drama historico.

Devo, porém, confessar-lhe desde já que, apesar dessa má escolha, foi o Sr. felicissimo na execução do seu trabalho.

Dou-lhe parabens pela habilidade com que soube, sem prejudicar a Historia, introduzir na sua peça um elemento verdadeiramente dramático, que—só elle—podia dar vida e colorido a aquella revolta burguezia e incolor, de que foi chefe o protagonista do seu drama.

A paixão de Lazaro—o afilhado ingrato—por Laura, a honesta mulher do protector e padrinho desvelado, foi um magnifico achado das suas faculdades imaginativas, e a elle deve o Sr. ter feito um bom drama, onde muitos outros teriam feito um pessimo PASTICHE theatral.

N'uma simples carta de companheiro e confrade, a qual não tem de ir além da carteira do seu destinatario, porque não foi ra biscada para ver a luz da publicidade, é impossivel e é tambem desnecessario levantar theorias, fazer critica de escolas, estender todo um programma litterario.

Por isso vou limitar-me a dizer-lhe aqui, rapidamente, o que fiquei pensando do drama que o Sr. intitulou MANOEL BECKMAN e cuja leitura fiz, ha pouco.

O conjuncto da peça deixou-me uma agradável e duradoura impressão ; é o que sinceramente lhe devo dizer. Mas não é só : Destaco no MANOEL BECKMAN trez pontos, para mim muito apreciaveis :—a scena 12.^a do 4.^o acto e os finaes do 5.^o e 6.^o actos. São pedaços do seu drama em que se conhece que não lhe é difficil jogar com a analyse psychologica e traduzir, de modo correcto, certos estados d'alma, que são microcosmos originaes repletos de brillantes phenomenos emotivos.

Ha de me permittir, entretanto, que faça um ligeiro reparo ao bello final do 5.^o acto, a que acabei de me referir.

Aquillo tem effectivamente belleza, e é de um grande effecto ; mas... aquillo não é natural ; aquella situação pintada na ultima scena do 5.^o acto, entre Lazaro e Laura, depois da prisão de Beckman, não é aceitavel. Uma mulher que ama extremosamente seu marido, e que o vê retirar-se no meio de soldados por ordem do individuo que a persegue com as exigencias de um amor criminoso ;—essa mulher não abandona o marido preso para attender ao seu algoz e fazer-lhe exprobações envoltas em logares communs de moral... muito pura, mas muito pouca opportuna. E' a minha opinião.

As ultimas scenas do drama, no 6.^o acto, são boas :—movimentadas e energicas.

Os endecasyllabos em que está escripto todo o seu drama são, em geral, bem metrificadas, e ha alguns delles magnificos, realmente poeticos.

Não devo terminar esta ligeira apreciação do seu drama sem lhe dizer o seguinte : Si fosse eu quem tivesse feito o MANOEL BECKMAN, não teria ficado a este personagem o papel de protagonista, em minha peça. Seria Lazaro de Mello esse protagonista. Na alma deste homem deshonesto, ambicioso e sem character, é que eu iria buscar a nota psychologica do meu drama ; é elle é que eu havia de esculpir na sua maldade, como uma estatua de lama. Todos os outros personagens do drama ser-lhe-iam inferiores. Imaginaria Lazaro como um espirito perverso, porém luminoso ; do seu amor sensualissimo por Laura eu havia de fazer o ponto nodal do meu trabalho, e desse amor faria nascer até a idéa da revolta, considerando-a como um resultado das insinuações do meu protagonista, desejoso de ver sacrificado Manoel Beckman, para que Laura lhe cahisse mais facilmente nos braços.

Assim, o drama viria a ter mais vida, mais força e mais encanto.

Si esse tivesse sido o plano pelo Sr. adoptado, as suas apreciaveis aptidões artisticas se teriam salientado do modo mais brilhante, no trabalho que acabo de ler.

Mas por não ter sido concebida desse modo, a sua producção dramatica não perde o valor que lhe reconheço, — razão pela qual julgo-me obrigado a applaudir-lhe d'aqui o talento e os esforços.

Recife, 12 de Fevereiro de 1888.

Sou de V. S. Confrade e amigo,

Pyidoro Martins Junior.

PERSONAGENS

Manoel Beckman.
Gomes Freire de Andrade.
Thomaz Beckman.
Eugenio Ribeiro.
Jorge Sampaio.
Manoel Serrão.
Lazaro de Mello.
Padre Elias.
Hilario de Souza.
Estevão Gandolf.
Um leigo.
Costa Bello.
1.º Soldado.
2.º Soldado.
Laura Beckman.

Officiaes, povo, soldados, jesuitas, officiaes de justiça, e duas filhas de Manoel Beckman, de 10 a 12 annos de idade.

A acção do drama passa-se no Maranhão, de 1684 á 1685.—O 1.º e o 5.º acto em uma sala da casa de M. Beckman, em sua fazenda—Santa Cruz—; o 2.º, em frente ao convento de S. Francisco, em S. Luiz, aonde, em uma sala da casa do governo, se passam o 3.º, 4.º e 6.º actos.

As indicações de direita e esquerda se referem ao es-pectador.

ACTO I

Sala modestamente mobiliada. A' esquerda, sofá e cadeiras. Uma porta á direita, outra á esquerda e duas no fundo, distantes uma da outra, deixando ambas ver, ao longe, um bosque frondoso. A' esquerda, junto, a porta, ha uma corda prolongada na parede, com argola na extremidade.

SCENA I

MANOEL BECKMAN, JORGE SAMPAIO, MANOEL SERRÃO e THOMAZ BECKMAN (*sentados e pensativos*)

JORGE SAMPAIO (*sahindo d'esse estado*)

Quereis, então, deixar que se arrefeça
O assumpto, que anciosos discutiamos ?...

MANOEL SERRÃO

E' impossivel, Sampaio, que se aplaque
Em nossos corações, que afflictos soffrem,
O rancôr, que nos causam as perfidias
E oppressões com que tanto nos flagellam,
Não só todos os padres, vis, hypocritas,
Que á Companhia de Jesus pertencem,
Como o terrivel Sá, esse usurario,
Esse Governador de astucias cheio,
E que, Senhores, por vergonha nossa,
'Inda está dirigindo esta Colonia !

THOMAZ BECKMAN

Não ! Francisco de Sá e os jesuitas
Não são os que, sómente, nós devemos,
Severos, condemnar ! Sejamos justos,
Condemnando, igualmente, á esses despotas,
Que o governo encaminham da metrópole,
Promulgando umas leis que, além de iniquas,

Têm só por fim lhes dar lucros enormes
Com grande sacrificio dos que habitam,
Aqui, n'esta Colonia !

MANOEL SERRÃO

... Thomaz Beckman,
Por que não incluis n'estas censuras
O nosso altivo Rei Pedro II ?
Esse..

MANOEL BECKMAN

... Manoel Serrão... sêde cordato !
Contra El-Rei... (*levanta-se, descobre-se, depois senta se e
põe o chapéo*)

...nem se quer uma palavra !

MANOEL SERRÃO

Desculpai-me ; de El-Rei não pretendia
De certo me occupar ; más, tendo ouvido
Vosso irmão, com fervor, com eloquencia,
'As leis de Portugal erguer censuras...

MANOEL BECKMAN (*interrompendo-o*)

Como não profligar leis oppressivas
E tão incoherentes que, se affirmam,
Ao mesmo tempo negam seos principios,
Ora, um hymno entoando á liberdade,
Ora terna canção ao captiveiro !
Porém, se El-Rei é quem as sanciona,
Não é quem as formúla ou as expede.
Não cabe-lhe, por tanto, a maior culpa,
E, sim, aos seos fanaticos ministros,
Conselheiros indignos e perversos ;
E ainda, aos usurarios e malevolos
Governadorès d'esta tão querida,
Quanto fertil e mal guiada terra !...
D'esses que, desde o ferreo dominio
De Pedro Cezar só visaram lucros,
Ou ganancias incriveis transferindo
Para Belém as suas residencias,
Prejuizo immenso ao Maranhão causando !...

JORGE SAMPAIO

E' d'elles, d'esses monstros que, até hoje,
 Têm provindo os atrazos da Colonia.
 Se quizessem manter, aqui, a séde
 Principal do governo, estou bem certo,
 De que tal prioridade nos traria
 Sociaes e politicas vantagens,
 E até mais faceis e expeditos meios
 A mór parte das nossas dependencias.

THOMAZ BECKMAN

Que mais culpados são os que nos regem,
 A' isto não se oppõe a menor duvida.
 Longe de mitigarem nossos males,
 Augmenta-los só buscam esses perfidos,
 Novas leis expedindo assaz injustas,
 E que, os nossos direitos recalcando,
 Tendem sómente a ver-nos na miseria !
 Mudar não soube a séde do governo
 Para Belém, o imbécil Pedro Cezar ?
 Mais tarde, esse cruel Ignacio Coelho,
 Inclinado por gosto ao despotismo...

MANOEL SERRÃO (*interrompendo*)

Contra a sua memoria eu brado anáthema !...

MANOEL BECKMAN (*Com força. Levantam-se*)

Caia dos Ceos a maldição mais negra
 Contra os nossos crueis perseguidores !...
 Adhesão e coragem, meos amigos !...

JORGE SAMPAIO

Contai connôscos, e á vós, ó Manoel Beckman,
 Nosso libertador, futuro embora,
 Todo o respeito e inteira obediencia.

TODOS (*menos M. Beckman*)

Viva o Beckman !...

MANOEL BECKMAN

... Sampaio, eu agradeço,
E a vós também, amigos meos, os votos
Que vindes de fazer ; convém, no entanto,
A chegada aguardar do illustre Eugenio.

JORGE SAMPAIO

Tem Eugenio Ribeiro hoje tardado.

MANOEL BECKMAN

Mas, por certo, acceitou o meo convite,
E não póde deixar de procurar-me.
(*muda de tom*) Porém... prosegue, irmão, no teo resumo
Da patria historia...

THOMAZ BECKMAN

...Ha pouco referia-me...
Sim... tratava de Ignacio Coelho, o celebre
Autor da provisão que diz respeito
Aos indios e missões ; pungente escarneo,
Mais uma vez lançado, impunemente,
Contra o nosso direito e ás nossas faces !
Provisão confiando aos jesuitas
Não só a competencia ecclesiastica,
Como também jurisdicções profanas,
Ficando os outros padres prohibidos
Do goso d'essas vastas regalias !

MANOEL BECKMAN

Abusos taes não de custar bem caro,
Principalmente áquelles que, sedentos,
Se têm locupletado á expensas nossas !

THOMAZ BECKMAN

Emfim, Senhores, d'esse Ignacio Coelho
Foi Francisco de Sá o substituto,
Que, de accôrdo com um famigerado
Pascoal Jansen, sagaz, traiçoeiramente,

Conseguiu, a final, que acceito fôsse
Do estanco o celeberrimo contracto !
O qual sabeis, concede aos assentistas,
Pelo longo percurso de vinte annos,
Privilegio exclusivo do commercio
Creado entre o Pará e esta Cidade !

TODOS (*menos Thomaz e M. Beckman*)

De vinte annos !?

MANOEL SERRÃO

... El-Rei culpado o seja
Ou qualquer outro, certo nós vivemos
Sob uma d'essas oppressões tyrannicas,
Que, incessantes, revoltam nossos brios !
E, pois, juremos, sim, juremos todos,
Reagir contra tantas picardias !

TODOS (*Descobrem-se*)

Juramos todos...

MANOEL BECKMAN (*pouco a pouco se exaltando*)

... Oh ! soffrido muito
Já temos nós ! e quaes mansas ovelhas
Que dóceis para o aprisco se encaminham,
Ou, antes, como autômatos humanos
Que não pódem quebrar a monstruosa
Influencia dos padres jesuitas,
A qual se dobram vis governadores...
Nunca pensamos em quebrar o jugo,
Esse jugo despotico e terrivel,
Que até hoje nos trouxe acobardados !...
Mas, agora, devemos, meos amigos,
A voz erguer dos martyres, rebeldes
Ao supplicio que impôr-lhes pretendesse
Um sanguinario algôz em ira acceso !...
(*vindo para a frente*) Povo do Maranhão, ó nobre povo,
Que sempre em muda paz tendes vivido,
— Embora sob as leis mais compressivas —

E' tempo, sim, de levantar a fronte
 E de arrancar das garras oppressôras,
 Esta Colonia que nos é tão cara !...
 (*para os outros*) Acabemos com tantas injustiças
 Abaixo o monopolio do Commercio,
 E, pela vêz terceira, expulsas sejam
 As hydras que envenenam nossas vidas,
 Anesthesiam nossos brios de homens,
 E até tornar-nos querem seos captivos !...
 (*mudando de tom*) Se a timida gazella no deserto,
 Ao vêr faminto lôbo pretendendo
 Os aterrados filhos arrancar-lhe,
 De dôr desprende os mais pungentes gritos,
 E, se esquecendo até das fracas forças,
 Em luta desigual se lança ao monstro !..
 O homem, forte e brioso, embora saiba,
 — Que a lei não lhe confere tal direito —
 O brado da vingança fazer deve
 Soar por toda a parte e valoroso,
 Correr da patria ao prompto desaggravo !...
 Guerra aos contractadores usurarios. . .
 Aos jesuitas guerra... e a todos quantos,
 Só por nos humilhar impunemente,
 De alheios nomes fazem seus escudos.

MANOEL SERRÃO

Sim, guerra ao monopolio e também guerra
 A Balthazar Fernandes esse, frouxo,
 Esse Capitão mór tão sem prestigio.

SCENA II

OS MESMOS E LAURA

LAURA (*entrando da direita*)

Manoel... (*para o marido que vai ao seo encontro*)

MANOEL BECKMAN

... Laura, que queres ?!..

LAURA (*reparando para os outros*)

... Ah !... desculpa
Se, por acaso, venho interromper te.
Como tudo está prompto, desejava
Saber se queres... (*ambos á sós, á direita*)

MANOEL BECKMAN

... Não, é cedo ainda; (*vindo para a esquerda*)
Alem d'isto, eu aguardo que nos chegue
Aquelle que será em poucos dias,
D'esta Colonia o chefe prestimoso.

JORGE SAMPAIO

Sim, Eugenio Ribeiro é um grande vulto,
Mas á vós caberá a gloria, ó Beckman,
De empunhardes, com tino e independencia,
O bastão honrosissimo de chefe
Do pleito que intentar nós pretendemos.

LAURA (*sobresaltada*)

Não, meo esposo, não ; talvez, quem sabe,
Se esse honroso bastão dar-te-ha venturas,
Ou, no futuro, as dóres do martyrio ?!..

MANOEL BECKMAN

Laura!...

LAURA

... Perdão esposo, mas eu sinto
Dentro d'alma, ao pensar n'essa revolta
A' que Sampaio ha pouco referio-se,
Presentimento horrivel que me aterra !..
E, pois, por Deos, te imploro, não accites
O bastão do governo.

MANOEL BECKMAN (*vindo com ella para a frente*)

... Laura, attende-me :
Tu me votas, bem sei, subida estima,
E, dotada de rara intelligencia,

Tens tido em tua* vida alguns palpites,
 Que, a predicções assemelhados fôram,
 Fazendo crêr-se até que te igualavas
 Do Endôr á decantada pythouissa !..
 Entretanto, eu te rogo, ó cara esposa,
 Que em face d'esse pleito fiques muda,
 Como se a estatua fôsses do silencio !
 (*gesto de Laura*) Oh!.. Laura, sobre mim têm teos pedidos,
 Uma tal influencia que, bem podem,
 Meo animo fazer que se enfraqueça,
 Quando preciso ter força e coragem,
 Para affrontas vingar que me aviltaram,
 Livrando ao me-mo tempo esta Colonia
 Das garras dos abutres que a devoram. (*para os outros*)
 Do Mearim pelas margens verdejantes
 Vamos dar um passeio, em quanto chegam
 Os outros convidados. Sopra agora
 De l'êste branda arage' embalsamada,
 Pelo doce perfume das baunilhas..
 O rio que suave serpenteia,
 Dos bosques a frondosa magestade,
 Tudo alli nos enleva o pensamento,
 Produzindo-nos n'alma effeito enorme !..
 Vamos amigos.

MANOEL SERRÃO

... Todos nós estamos,
 A seguir predispostos vossos passos.
 Vamos.

MANOEL BECKMAN

... Laura até já. (*saem menos Thomaz*)

SCENA III

LAURA E THOMAZ

LAURA (*detendo Thomaz*)

... Thomaz, espere.

THOMAZ BECKMAN

Que me quer, minha irmã?...

LAURA

... Abrir-lhe quero,

Meo pobre coração de angustias cheio !
 Quero dizer-lhe, mano, francamente,
 Que, horrendo como funebre catástrophe,
 Ou'inda mais cruel do que o supplicio
 A que fôra votado outr'ora Tantaló,
 Eu prevejo um futuro desastrôso,
 Para os que n'este mundo mais adoro,
 Bem como para todos que envolverem-se,
 N'essa revolta sobre modo ousada !..

THOMAZ BECKMAN

Tranquillize-se, mana ; vãos são estes
 Receios que partilha contra o pleito
 Que, o porvir mudará d'esta Colonia.

LAURA

Arrancar de meo peito esses receios,
 Não poderei jamais, pois que o futuro,
 De negros crépes só trajado eu vejo !.. (*pezarosa*)
 Se outr'ora, por bem futeis occurrencias,
 Foi meo marido preso e degredado,
 Quanto a soffrer virá se fôr o chefe,
 D'esses loucos que tentam revoltar-se ?!..
 De horror, minha alma, agora, fria torna-se...
 Sentindo o coração em plena angustia,
 O pranto, a falla me embargar pretende !.. (*chorando*)

THOMAZ BECKMAN (*commovido*)

Minha irmã !..

LAURA

... Ah !.. Thomaz, escute, peço
 Que seo irmão d'essa revolta affaste,
 Prenuncio dos mais negros infortunios.

THOMAZ BECKMAN

Não se amedronte em vão. Se Ignacio Coelho
 Poude, Mancel, mandar para um degredo,

O governo geral, em pouco tempo,
 Tal ordem revogando por injusta,
 Reconhecêo também os altos prestimos
 De meo distincto irmão ; no emtanto vêmos
 Nosso Governador, de um modo horrivel.
 — Como um monstro feroz que até se enleva,
 Co' as torturas que soffrem suas victimas —
 Teimar, como um carrasco, em perseguir-nos.
 E', pois imprescindivel a revolta,
 Meio legal..

LAURA (*interrompendo*)

... Legal ?.. Que outro o dissesse,
 Eu não replicaria ; mas o homem
 Que é o mais illustrado d'esta terra,
 Tentar me convencer de que essa luta,
 E' justa, ou é legal ?!.. Melhor não fôra,
 Que o mano ou meo marido indo a Lisbôa
 A' El-Rei apresentasse suas queixas,
 E, junto ás Côrtes, defendesse energico
 Os sagrados direitos d'esse povo ?..

THOMAZ BECKMAN

Mas o Governador não se opporia,
 A que eu, ou meo irmão, p'ra alli partisse,
 A fim de defender tão nobre causa ?..
 E, consentindo, poderia crer-se
 Que nos fôsse feliz o resultado ?..
 E quanto tempo para nós perdido
 Se nada se alcançasse ?.. Oh ! não; nos cumpre,
 Desde já, activar os movimentos,
 E, meo irmão, intelligente, nobre
 E corajôso deve ser eleito
 Nosso chefe...

LAURA (*sobresaltada*)

... Thomaz, não o repita...
 Pois faltam, por ventura, homens distinctos
 Que possam pôr-se á testa da revolta ?..
 Ah ! pelos laços que nos prendem peço,
 Imploro que desvie meo marido...

THOMAZ BECKMAN (*com esforço, interrompendo-a*)

Laura, entre nós não ha, por ora, um chefe :
 Chefes, julgamos ser ainda todos
 Que vierem jantar hoje connosco.
 Tranquillise-se, pois, e se convença
 De que o porvir dirá quanto infundados
 São estes seos receios. Até logo. (*sae pelo fundo*)

SCENA IV

LAURA E POUCO DEPOIS LAZARO DE MELLO

LAURA (*triste*)

Lá se vai e, com elle, as esperanças
 Que affagava em meo seio !. Oh ! Deus ! valei-me,
 A mente illuminaí-me !.. (*entra Lazaro e Laura com intima
 satisfação*)
 Ah ! (*muda de tom*) Sr. Lazaro. (*comprimentando-o*)

LAZARO (*depois d'este cumprimento*)

D. Laura, dizer-me sabe, aonde
 Encontrarei agora meo padrinho ?

LAURA

Alli, (*apontando para o fundo*) perto do rio, estando á espera,
 Que cheguem mais alguns dos seos amigos,
 Membros, tambem, da tresloucada e injusta
 Revolta que ha de ser, talvez, p'ra muitos
 A jornada a mais curta para o tumulto !..

LAZARO (*espantado*)

Que diz?.. Como se illude !.. só de glorias
 Para todos será, principalmente,
 Para vosso marido...

LAURA (*interrompendo*)

... Ha de caber-lhe
 Somente punição a mais severa,

Se acaso, infelizmente, sujeitar-se
A ser d'essa revolta o chefe...

LAZARO (*interrompe admirado*)

Como !...
Podeis, Sr.^a, crêr que assim succeda ?..
Não, tal não se dará ; pelo contrario
Deveis estar até de orgulho cheia,
Vendo elevar-se tanto vosso espôso.

LAURA (*com pezar*)

Por desgraça pensais como outros pensam !..
Em quem poder achar então appôio ?..
Em Thomaz confiava e mais ainda,
Em vós, á quem sincera hei dispensado
Inequivocas provas de amizade.

LAZARO (*com satisfação*)

Ah ! contaveis comigo ?!

LAURA (*esperançada*)

... Sim, comvosco.

LAZARO (*intimamente satisfeito*)

(*á parte*) Em fim !.. (*alto*) Dizei, em que, servir-vos posso?

LAURA

Se me estimais, se firme crêr eu devo,
N'essas demonstrações...

LAZARO (*enternecido*)

... Oh ! D. Laura,
O que vos recusar quem almejava
Convencer-vos de que, por vós, daria
Té mesmo a vida se preciso fôra ?..

LAURA (*circumspecta*)

A vida é muito; não, apenas peço

Que lanceis mão dos meios necessarios,
 Ou para dissuadir vossos amigos
 De elegerem, Manoel, para seo chefe,
 Ou para conseguir que não accete,
 Se acaso fôr eleito, um tal encargo.

LAZARO

Que não accete !...

LAURA

Sim, Sr., e peço-vos
 Por saber que é extrema a confiança
 Que, em vós, tem meo marido; ah ! sim, vos rogo,
 Por prevêr, ou peor, por que diviso
 A morte esvoaçar em torno d'elle !...
 Oh ! por Deos, Sr. Lazaro, desvie
 Meo marido...

LAZARO (*dissimulando*)

... Eu irei assim expôr-me,
 Ao seo justo rancôr...

LAURA (*com insistencia*)

... Julgais acaso...

LAZARO

Não julgo, creio; e até se inclinem todos
 A me suppôr hostile á santa causa
 D'essa revolta; oh ! peça-me Snr.^a,
 Peça-me que transponha abysmo enorme,
 Que por vós eu renegue minhas crenças,
 Que para vos servir affronte as iras
 De um tigre, ou de um leão... porém que falle...

LAURA

Começo a perceber que minhas supplicas
 Nada valem ; que tantos sacrificios
 Que citastes, seriam-me negados,
 Se eu de vós qualquer d'elles reclamasse !
 Ah ! por que não de fazer-se, aqui no mundo,

Promessas que não têm de ser cumpridas ?...
 Oh ! tudo, sim, faria o Sr. Lazaro,
 Menos de certo aquillo que desejo !

LAZARO

Para que duvidaes da immensa estima
 Que, de toda minha alma, vos consagro ?...
 Estima que me tem trazido sempre
 Prezo e de todo ás minimas vontades
 Que, ante mim, succedêo manifestardes ?...
 Para que me levais, com estas duvidas,
 Ao denso vô rasgar, com que buscava
 Esconder no meo peito sentimentos,
 Que eu não devia..

LAURA (*interrompendo com gravidaãe*)

... Não vos comprehendo !

LAZARO (*apaixonado*)

Não me comprehendeis e, talvez, nunca
 Chegasseis a saber que um terno filtro,
 Mais forte e mais sublime do que seja
 A simples gratidão ou a amizade,
 A vós me prende, como á terra prendem,
 Vastas raizes o mais rijo cedro !...

LAURA. (*demonstra um grande pasmo*)

LAZARO (*continuando*)

Não me comprehendeis, nem de meos labios
 Ouvirieis jamais estas palavras,
 Se não houvesseis pôsto, ha pouco, em duvida,
 O que, de coração, vos garantia !...
 Quereis, porem, que falle á meo padrinho ?...
 Que vá expôr-me á sua justa colera;...
 Que seja, em fim, traidôr á causa nobre
 A que tenho-me tanto dedicado ?...
 (*resoluto*) Pois bem, irei lutar, e da victoria,
 A' vossas plantas, lançarei as palmas,

Só para conseguir, Sr.^a, ao menos
 Uma palavra, carinhosa e terna,
 De recompensa á sacrificios tantos !

LAURA (*com dignidade*)

Sim, de meos labios ouvireis protestos
 De alta amisade, gratidão e apreço.

LAZARO (*contrariado*)

De gratidão e de amisade apenas !..
 A que ponto levais, Sr.^a, o escarneo !...
 Que exprimem estes sentimentos frios
 Que, dos raios do Sól nunca se aquecem
 Aos ardentes influxos, vegetando
 N'um sanctuario caimo, enregelado,
 Sem na terra fruir se quer um gozo !..
 Gratidão ! amisade !... e quando !.. quando...
 De confessar acabo que vos amo,
 Vos adoro.... (*curvando-se e querendo tomar-lhe a mão*)

LAURA (*altiva*)

... Sr. !...

LAZARO (*insistindo*)

Vos idolatro,
 A tal ponto, Sr.^a, que enlouqueço !...

LAURA (*com força*)

Basta, Sr., nem mais uma palavra !...

LAZARO (*curvando-se*)

Perdão, Sr.^a, sim... perdão.

LAURA (*idem*)

... Erguei-vos.
 Como de quem eu sou vos não lembrastes ?!..
 Como esquecêstes que constante prézo

A virtude 'inda mais do que a existencia ?!..
 Que para repellir tão grande insulto,
 Em mim encontraria todo o alento,
 Sem recorrer a força alguma estranha ?!..
 No entanto, á meo marido, hei de dizê-lo
 Para que saiba quanto sois indigno
 D'esses grandes favores que, até hoje,
 Tendes d'elle acceitado servilmente (*sae pela direita*)

SCENA V

LAZARO E DEPOIS MANOEL BECKMAN

LAZARO (*olhando para Laura que sae*)

Mulher !.. por que este amor immenso, incrível,
 Fizeste-me dos labios desprender-se ?..
 Me desprezaste e firme premeditas
 Levár á meo padrinho tuas queixas !. .
 Ah ! que não sabes, Laura, ou não calculas
 'Té onde chegarei para vingar-me
 D'esse teo cruelissimo desprêzo !...
 Para subir ou ser por ti amado,
 Hei de empregar, mulher, brutaes esforços !..
 Qual de nós vencerá, por fim, na luta?.. (*vai sahindo pelo
 fundo e encontra-se com Manoel Beckman que entra*)
 Meo padrinho !.. (*assustado e a parte*)

MANOEL BECKMAN

... Ah ! és tu ?!. Quando chegaste ?

LAZARO (*calmo*)

Pouco depois de haverdes resolvido
 Ir ao rio esperar pelos amigos. (*ambos vêm para frente*)

MANOEL BECKMAN

Apraz-me vêr-te ; que noticias trazes ?..

LAZARO DE MELLO

Quer da cidade ou mesmo do reconcavo,
 As melhores possiveis; entretanto...
 Supponho... sim... que... novos embarços...

MANOEL BECKMAN (*sobresaltado*)

Que dizes ?

LAZARO DE MELLO

... Duas legoas pouco abaixo
D'esta vossa fazenda ganhei terra,
Para com uns amigos entender-me,
Que, bravos, approvaram nossos planos.
Mas... quando aqui cheguei...

MANOEL BECKMAN

... Ah ! continúa.

LAZARO DE MELLO

Levado fui a crer que não desponte,
Em poucos dias, como nós pensavamos,
A aurora percursôra d'essa época
Em que, do Maranhão, os nobres filhos
Hão de livres ficar das tyrannias
Dos terriveis mandões que'inda nos regem.

MANOEL BECKMAN (*sobresaltado*)

Porque motivo pensas d'este modo ?...

LAZARO (*impondo-se*)

Um poder, contra vós, com toda força
Tremendo se alevanta e firme julgo,
Que foi e que será de todo inferno
A' essa que abraçamos, nobre causa.

MANOEL BECKMAN (*inquiêto*)

Oh ! explica-te, Lazaro...

LAZARO (*com mysterio*)

... E até creio

Que esse poder actúa sob o astuto
Predominio dos padres jesuitas.

MANOEL BECKMAN (*contrariado*)

Sê claro ; que poder é esse ?...

LAZARO (*firme*)

... Exijo
 Todo o segredo e plena confiança.

MANOEL BECKMAN (*positivo*)

Falla,

LAZARO (*confidencialmente*)

... Estais convencido do respeito,
 Da gratidão subida que vos devo ?

MANOEL BECKMAN (*impaciente*)

Sim... sim...

LAZARO (*idem*)

... Sabeis que sou capaz de tudo
 Arrostar, para que triumphe esplendida
 Essa causa que tanto nos enléva ?...
 Que, para eleito sêrdes nosso chefe,
 Bem como deputado da nobreza,
 A sorrir-me daria a propria vida ?...

MANOEL BECKMAN

Porém... porque...

LAZARO (*idem*)

... Porque... sim... vossa espôsa...

MANOEL BECKMAN (*sorprezo*)

Laura !...

LAZARO (*firme*)

... Sim, D. Laura está tramando
 Com grande esforço contra os nossos planos,
 Contra a nomeação que em vós, por certo,
 Recahirá em breve.

MANOEL BECKMAN (*a parte*)

...Sobresalta-me,
E, por demais, me afflige esta noticia.
(*alto*) Porem dize-me, como descobriste
As intenções que minha esposa nutre
A cerca da revolta ?..

LAZARO

... D. Laura,
Ainda ha pouco, n'esta mesma sala,
Invocou, pr'a alcançar os seus intentos,
A firme gratidão, respeito e estima
Que a vós tributo como meo padrinho,
Como aquelle a quem devo mais no mundo !
E, porque recusei-me ás suas supplicas
Não só ameaçou-me, altivamente,
Com seo desprezo e colera suprema,
Senão com os satanicos conselhos
Que lhe dêsse Gandolf...

MANOEL BECKMAN

... Ah ! tranquilliza-te,
Meo bom, quanto fiel amigo e filho !
Não foram, de Gandolf, os máos conselhos;
E sim o grande amor que me consagra,
Amor que tem-me dado mil venturas,
O que t'êz com que, Laura, prorompêsse,
Como nunca o fizera, em vãs ameaças
Contra ti, a pessoa, apóz meo mano,
Na qual hei confiado mais no mundo !
N'esta sala, á Thomaz, e não ha muito,
Com instancia pedio que me affastasse
Da revolta, que só traria funebres
Consequencias p'ra mim; e, pois, meo Lazaro,
Fielmente a servir-me continúa,
Acreditando assim na confiança
Que firme deposito em meos amigos.

LAZARO

Quando em seo amor proprio é offendida,
Busca activa a mulher um desagravo;

De vosso irmão não creio, mas, por certo,
Em breve ha de querer de mim vingar-se,
E, quem sabe até'onde esse desejo...

MANOEL BECKMAN

De nada receiar-te deves, Lazaro.
Laura dispõe de grande intelligencia,
De elevado criterio e, pois, não ha-de,
Querer tomar de ti desforra alguma;
E, quando, por acaso, assim pensasse,
Saberei affasta-la d'esse alvitre. (*mudando de tom*)
Foi uma forte prova que me déste
Da profunda affeição que me consagras (*Pensativo.*)
Vai tu agora alli, ao pé do porto,
Vêr se Eugenio Ribeiro se aproxima.

LAZARO

Sempre ao vosso dispôr (*sae pelo fundo*)

SCENA VI

MANOEL BECKMAN, E DEPOIS LAURA

MAOEL BECKMAN (*pensativo, caminha para o sofá*)

... Ainda teima

Em não querer-me á frente da revolta !... (*pausa*)
E sendo prophecias quasi sempre
As suas presumpções !... Em fim, verêmos. (*senta-se*)

LAURA (*entra pouco depois*)

Ah !... Manoel, (*correndo para elle*) felizmente, posso vêr -te
Separado dos que perder-te querem,
A' mim e ás nossas filhas tão prezadas!... (*M. B. levanta-se*)
Deixa-os, esposo, deixa-os para sempre,
Não os ouças, não queiras para amigos
Esses que, apenas, tramam tua perda !

MANOEL BECKMAN

Laura !...

LAURA

... Não me interrompas, não ; separa-te,
 Manoel, dos revoltosos; e, a meo lado,
 Busquemos só viver p'ra nossas filhas. (*Manoel mostra-se
 impressionado*)

Compara, espôso, a paz, o doce encanto,
 Que esses caros anjinhos sabem dar-nos,
 Com essas horrorosas peripecias,
 Tremêdas consequencias das revoltas,
 E, dize; que preferes?... (*pausa*) Não respondes?...
 És pai, adoras tanto a tuas filhas... (*commovida*)
 Que será d'ellas ?...

MANOEL BECKMAN

... Ah ! cala-te, Laura;
 Cala-te, minha esposa; não pretendas
 Com teos rogos, tornar-me pusillanime,
 Ou fazer com que eu venha a ser perjuro! (*Laura, como
 quem quer fallar*)

Oh !... cala-te, sim, Laura, eu t'o supplico;
 Deixa-me conservar serêno o espirito,
 Quebrar não queiras a energia e a força
 Que me cumpre manter inalteraveis,
 Para levar a effeito a grande idéa,
 Da salvação moral d'esta Colonia.

LAURA

Não, Manoel, é impossivel...

MANOEL BECKMAN

... Laura, cala-te;
 Não tentes constranger-me a que prefira,
 O puro amor que á ti e ás filhas vóto,
 Ao que consagro heroico a minha patria !...
 Peço-te, pois, exijo que não trates
 Jamais, comigo, á cerca da revolta.

LAURA

Exíges !.. Sabes tu o que me exiges ?!
 E' que soffra o martyrio o mais pungente,

Por não poder salvar-te ó caro esposo !...
E' que fique privada de fallar-te,
D'aquelle que simula ser-te grato...

MANOEL BECKMAN

De Lazaro de Mello...

LAURA

... Sim, d'esse homem,

No qual de hoje em diante...

MANOEL BECKMAN

... Basta, Laura !

Eu sei... eu já sabia... não ha duvida... (*dissimulando*)
E... mesmo te asseguro... porém, dize-me,
Teremos um jantar soberbo, esplendido ?..

LAURA (*contrariada*)

Sim ; um lauto banquetê e que, de certo,
Da revolta será o triste prólogo ! (*ouvem-se vozes*)

MANOEL BECKMAN

Estas vozes !... (*indo ao fundo*)

LAURA

... Meo Deos ! Oh !... inspirai-me !.. (*sae
pela direita*)

MANOEL BECKMAN

Com certeza é Ribeiro que aproxima-se !...

SCENA VII

MANOEL BECKMAN, LAZARO, E DEPOIS, SERRÃO,
SAMPAIO, EUGENIO RIBEIRO E MAIS ALGUNS CONVIDADOS

LAZARO (*entrando pelo fundo*)

Elle ahi chega...

MANOEL BECKMAN (*que tem vindo para a frente com Lazaro*)

... Vamos encontra-lo... (*indo ambos ao fundo
encontram-se com Eugenio Ribeiro*)

Ah !... Eugenio !... (*abraçam-se*)

EUGENIO RIBEIRO

... Manoel !... (*caminham para a frente*)

MANOEL BECKMAN

... Em fim !... chegastes !...

EUGENIO RIBEIRO

Era de meo dever aqui achar-me,
Em vista do convite que fizestes-me.

MANOEL BECKMAN

Muito obrigado, Eugenio; e a vós, amigos,
Do fundo d'alma reverente presto,
Da gratidão os votos mais sinceros.

EUGENIO RIBEIRO

A nós é que compete agradecer-vos,
Essas provas de estima tão continuas.

MANOEL BECKMAN

Não ; nada a mim deveis, amigos, nada ;
Cumpre-me, até, bem alto confessar-vos
Que, n'alma sinto uma alegria immensa,
Vendo entre nós o vulto gigantesco (*aponta para E. Ribeiro*)
De quem, por seo prestígio e intelligencia,
Saberá promover os interesses
D'esta bella colonia, 'inda sujeita,
Aos ferrenhos grilhões do despotismo !...

EUGENIO RIBEIRO

Quanto de mim dizeis eu não mereço ;
Porém, sem fraquejar um só instante,
Hei de altivo esforçar-me, assim o juro,
Pela prosperidade d'esta terra
Que, misera, se curva ás prepotencias
Dos padres e dos máos governadores,

Sem que a tenham seos filhos arrancado
D'essa lenta agonia em que se estorce !...
No em tanto, á vós, Manoel...

MANOEL BECKMAN

... O' não insistas..
Porque, somente, Eugenio, a vós compete
Os destinos guiar d'esta Colonia..

EUGENIO RIBEIRO

Obrigado, Manoel; mas não me illudo ;
D'esse elevado encargo eu não sou digno.

MANOEL BECKMAN

Vós tanto o mereceis, meo caro Eugenio,
Que, sem vacillações, eu me resolvo
A proclamar-vos...

EUGENIO RIBEIRO

... Não ; não penseis nisto.
Mais do que vós, ninguém, está na altura...

MANOEL SERRÃO

Da mesma fórma todos nós julgamos.

ENGENIO RIBEIRO (*continuando e para M. Beckman*)

Pois que todos confirmam vossos meritos,
Mostrando-se de accôrdo assim comigo;
Visto que a intelligencia em vós de feito
Ao criterio e ao valor está unida,
Accrescendo que o povo, ardentemente,
Vos estima, ou melhor, vos idolatra,
Quem, acima de vós, quem mais no caso
D'esta terra tornar feliz e fórte ?..
Desde já, meos senhores, vos convido
A saudar nosso chefe !.. Viva o Beckman !

TODOS (*menos Manoel Beckman*)

Viva ! viva !..

SCENA VIII

OS MESMOS E LAURA

LAURA (*da direita para Manoel Beckman*)

... Manoel, tudo está prompto. (*passa pela frente do marião, vai á esquerda e comprimenta Eugenio Ribeiro*)

MANOEL BECKMAN (*ao mesmo tempo*)

Senhores, attendei-me ; 'inda não devo
Aceitar essa tão subida honra.
Entretanto, me curvo muito grato,
Da recusa o direito reservando-me.
Mas, (*muda de tom*) o jantar espera-nos ; sim, vamos,
Meos amigos; e, após, com toda calma,
Convirá decidir o que é preciso,
Para erguer-se esta terra do marasmo
Que a vai atrophiando, a largos passos !..
Entremos, meos amigos, sim, entremos.
Eugenio... (*fazendo signal para entrarem*) e vós tambem...

MANOEL SERRÃO

... Nós vos seguimos. (*Saem todos, menos Laura; Lazaro finge sahir e entra de novo, sem que ella o veja*)

SCENA IX

LAURA E DEPOIS LAZARO DE MELLO

LAURA (*olhando para a direita por onde os outros sahiram*)

Vão para a meza e alli, talvez, pensando
Que farão prosperar esta Colonia,
Consigam, insensatos !... que transforme-se
A fagueira esperança que os embala,
Em scenas de traições e de martyrios !... (*Lazaro entra*)
Incautos! que a sonhar com bases falsas
Em que possam firmar a f'licidade
D'esta terra, oh !... meo Deos !... não comprehendem
Que estão lavrando, assim, negras sentenças,

Que muito em breve os levarão, por certo,
A's prizões, ao degredo e ao cadafalso !..
Ao cadafalso ?! Oh! Céos!.. Quem!.. meo marido ?!..
Impossível ! (*fôra de si*) A mente se me turva,
E não vejo... e não posso achar um meio,
Para o livrar de um fim tão desastrôso !...

LAZARO (*se aproximando*)

Tendes um meio; é dar-me a recompensa (*Laura assusta-se
ao ouvir Lazaro fallar-lhe*)
De tudo que por vós, amante, eu faça.

LAURA (*indignada*)

Se, desta arte, a chafurda em lodo immundo,
Saiba, senhor, que eu idolatro a honra! (*sae pela direita*)

LAZARO (*furioso*)

Hei de fazer com que tu sejas minha,
Ou então !.. ai de ti !.. mulher soberba !.. (*Sae pela direita.
Ouvem-se vivas á Manoel Beckman*)

CAE O PANN0

ACTO II

Uma rua da cidade. No segundo plano vê-se, á esquerda, a face do Conventode S. Francisco, da qual começa um muro quebrado em alguns lugares, correndo parallelamente á frente da scena. D'este, pafa a direita, parte uma cerca de estacas separadas umas das outras. Alem, no fundo avista-se a Cidade. E' noite.

SCENA I

ESTEVIÃO GANDOLF e o LEIGO (*entram da direita*)

ESTEVIÃO GANDOLF (*ambos reparando cautelosamente*)

Chegamos, felizmente, muito a tempo...
Por aqui tudo ainda está deserto.
Ide, porém, por traz d'aquelle muro, (*apontando*)
Où mesmo, irmão, p'ra alem d'estas estacas, (*idem*)
Pesquisar, se acoutados como espias
Estarão, por ventura, alguns sicarios,
D'esses que ao Beckman loucos acompanham !
E' sempre, por alli, que elles se escondem,
Como se esconde a sérpe venenosa
Para, com mais certeza, dar o golpe
N'quelle que tentou levar á morte !
Ide, irmão.

O LEIGO

... Por Jesus será cumprido,
O que vem de ordenar vossa eminencia.
A noite está escura; mas, meos olhos
'Té nas trevas divisam esses perfidos. (*sae pelo fundo com cautela, etc.*)

ESTEVIÃO GANDOLF

Para desaggravar impias affrontas
Perco o socego e arrisco a triste vida !
Esses monstros diabolicos pretendem
Me degredar e a toda Companhia,

D'esta abençoada terra p'ra Lisbôa,
 D'esta terra em que nós chamado havíamos,
 A vosso Santo gremio tantas almas !...
 E vós, ó grande Ignacio de Loyola,
 Que a suprema ventura merecêstes
 De sêrdes lá no Céu glorificado,
 Da santa c'rôa que vos orna a fronte,
 Fazei de luz partir viva centêlha,
 Que vindo illuminar meo pobre espirito.
 Essa eloquencia dê-me indispensavel,
 Para, ao Capitão Mór, de um modo claro,
 Convencer de que tramam rebellar-se
 Os impios mais temiveis da Colonia !

O LEIGO (*entrando pelo fundo*)

Solitarios estão aquelles sitios.
 Pesquizei quanto pude... mas, de balde !...
 Não descobri ninguem... ninguem occulto...

ESTEVÃO GANDOLF (*interrompendo*)

Mas, elles hão de vir : não faltam nunca;
 E, ou aqui, ou alli, (*apontando para o muro e para a cerca*)
 ... da noite á sombra,
 Nós tambem saberemos esconder-nos,
 Para escutar com sacra tolerancia,
 — Conforme aos evangelicos preceitos —
 Os tenebrosos planos da revolta.
 Oh ! por Jesus !... (*forte*) se fôr ainda tempo,
 Em apoio dos nossos interesses,
 Havemos, caro irmão, de destrui-los !...

LEIGO

Mestre, se, por ventura, assim julgardes,
 Para chamar ao nosso lado, o povo,
 Envolver-me-hei com elle e, talvez, possa
 D'esta arte, por Jesus, bem gratos frutos
 Vir a colher...

ESTEVÃO GANDOLF (*interrompendo*)

 ... Propôr, vos receiava
 Esse plano tão cheio de perigos!...
 Calculai que podeis ser descoberto...
 E, ai ! então...

O LEIGO

...Mestre, nada, nada eu temo... (*abrindo o habito.*)
 Olhai... estou vestido, como veste-se
 O povo quasi todo da cidade;
 Além arremessando este meo habito,
 Não ha quem julgue, em mim, um jesuita.

ESTEVÃO GANDOLF

Ah! irmão! De Jesus, com esta idéa,
 Demonstrastes que sois um digno filho,
 E, em seu nome, vos lanço minha benção!...
 Mas, (*mudando de tom*) cumpre-nos em tudo ser prudentes,
 Que os que não têm prudencia aqui no mundo,
 O reino do Senhor jamais alcançam;
 E, pois, devo temer que vos conheçam,
 E que, a sós, de envolta com tacs homens...

O LEIGO (*interrompendo*)

Eu não hei de estar só...

ESTEVÃO GANDOLF

... Não comprehen lo...

O LEIGO

Trez companheiros estarão comigo;
 Seremos quatro ao todo e, em taes momentos,
 A coragem se exalta co'a lembrança
 De que, na terra, os martyres grangeam
 A gratidão de todos os confrades.
 E lá no céo, a recompensa eterna!...
 Além d'isso, do povo a concurrencia,
 Enorme sempre e sempre estrepitosa,
 Qual do inferno convulsa gargalhada,
 Dará lugar á que ninguem palpite
 Que sômos, de Jesus, humildes servos.

ESTEVÃO GANDOLF (*d parte*)

Se assim fossem, ó céos, todos os leigos,
 Maior, Jesus, seria a vossa gloria!.. (*alto*)
 Como Estevão Gandolf, e mais ainda,
 Como Reitor, acceito o sacrificio,
 Certo de que fareis quanto puderdes,
 Em vantagem da nossa Santa Ordem.
 Hei de, entretanto, conservar-me occulto,
 Em quanto vós e vossos companheiros...

O LEIGO (*que tem estado a olhar para a direita*)

Sinto passos... (*sobresaltado*)

ESTEVÃO GANDOLF (*idem*)

... De certo!... ah!... escondamo-nos!...

(*Saem pela aberta do muro e ao mesmo tempo entrão, pela direita, Manoel Serrão e, pela esquerda, Sampaio.*)

SCENA II

MANOEL SERRÃO E JORGE SAMPAIO

JORGE SAMPAIO (*encontrando-se com Serrão; ambos caminham com cautela ao entrar em scena.*)

Manoel Serrão!...

MANOEL SERRÃO

... Sois vós, Jorge Sampaio!...

JORGE SAMPAIO

Sim; creio ser aqui, por estes sitios,
 Da reunião o ponto assinalado...

MANOEL SERRÃO

E' este o sitio; alli, de S. Francisco. (*apontando*)
 Se devisa o Convento e aquelle muro
 Em parte espedaçado e se prestando,

— Qual da revolta um poderoso cúmplice —
 A passagem nos dar e escondedouro.
 Nenhum ponto escolher melhor podíamos,
 Sem que os vis espiões nos descobrissem,
 Do que este justamente.

JORGE SAMPAIO (*reparando*)

... Foi sem duvida,
 D'este logar bem acertada a escolha;
 Distante da cidade e solitário,
 Quando a noite caminha quasi em meio.

MANOEL SERRÃO

Com esta escuridão e assim tão tarde,
 Ninguém a passear aqui se atreve.
 Mas agora, Sampaio, ter devemos
 A maior vigilancia, pois, constou-nos
 Que havia dado o provedor Teixeira,
 A' Balthazar Fernandes, muito séria
 Denuncia contra nós.

JORGE SAMPAIO (*ponderando*)

... E' caso grave!...

MANOEL SERRÃO

E' grave, sim, concordo; mas, que importa,
 Desde que prevenidos nos achamos?...
 Milhares de espiões não amedrontam
 Corações á revolta predispostos
 E que, firmes, só buscam ver a patria
 Livre de seus crueis perseguidores!...
 Espalhem por aqui servos ou padres,
 Em espias ou não transfigurados,
 Que havemos de marchar, sem um instante... (*o Leigo ap-
 parece no fundo ao começar Serrão este ultimo verso*)

JORGE SAMPAIO (*sobresaltado*)

Silencio... ouvi rumor e não mui longe! (*apontando para o
 fundo*)

MANOEL SERRÃO (*indo ao fundo e pesquisando*)

Sim!?...Vejamós... (*vem á scena*) Ninguem; vos enganastes...
Creio que demonstrais ser homem tímido!

JORGE SAMPAIO (*com altivez*)

Quem, eu?! Como ter medo se acompanho
As pegadas do nosso heroico Beckman?...?

MANOEL SERRÃO

Heroico, e até direi... sem par no merito!...
Manoel Beckman é como um desses typos,
De tempera de ferro que não dobram,
Que preferem morrer a deshonrar-se!...
Que em seus labios bem sabem, quando expiram,
Conservar um sorrir de nobre orgulho,
Do olhar partir deixando ardentes raios,
Da coragem que ativa os distinguira!
E as gerações por vir, talvez um dia.
O bronze immortedouro lhe consagram,
Que ao mundo falle de seu nome illustre!
(*muda de tom*) E não sabeis, ainda, o que tem feito
Depois que aqui chegamos?

JORGE SAMPAIO

... Não sei nada...
A ida á Santa Cruz e... com franqueza,
O soberbo jantar, encommoaram-me.
Depois de meu regresso, alguns abalos
Tenho sentido neste velho corpo.
E se, Beckman, não fosse nosso chefe,
Eu deste pleito não faria parte,
Nem gasto houvera desmarcadas sommas!...
Porém contaí-me...

MANOEL SERRÃO

... Vou narrar-vos tudo.
Discutidas as bases da revolta,
De lá, de Santa Cruz, p'ra aqui voltamos
Haverá quatro dias; neste espaço,

Embora limitado. já se poude
 Alistar dos melhores, tantos homens,
 Quantos nos bastam para conseguirmos
 A conclusão dos nossos vastos planos.
 E, se a religião, todo esse povo
 Aferrado não fôsse, hoje teríamos
 Ficado, em fim, de posse da cidade.

JORGE SAMPAIO (*espantado*)

Que dizeis ?!...

MANOEL SERRÃO

... O que deo-se.

JORGE SAMPAIO

... Porem como ?...

MANOEL SERRÃO

Escutai-me. Da noite no começo,
 Atravessava a procissão dos Passos
 Todas as ruas que, de lá do Carmo,
 A' da Misericórdia se dirigem.
 Foi grande, enorme foi a concorrência,
 De modo que, a cidade, em abandono
 Quasi ficou de todo, e os revoltosos,
 Sem disparar um tiro, poderiam
 Desfraldar o estandarte da victoria!
 Se perdemos, porem, um tal ensejo,
 De publico fizemos os convites,
 Para de novo aqui nos encontrarmos

JORGE SAMPAIO

E este conciliabulo de certo...

MANOEL SERRÃO (*forte*)

Haja o que houver, farei que seja o ultimo!
 Esperar... esperar por tanto tempo,
 Sem nada resolver-se... é um supplicio,

E' querer que referva nosso sangue,
Que se morra entre as ancias mais horriveis!..
Ou hoje, ou nunca mais contem comigo.

JORGE SAMPAIO

Assim tambem eu penso... Mas... parece... *olhando para a esquerda*).

MANOEL SERRÃO (*idem*)

Sim, p'ra aqui se dirige alguem agora..

JORGE SAMPAIO (*caminha e aponta para o fundo*)

Escondido por traz d'aquelle muro
Poderemos ficar...

MANOEL SERRÃO (*caminhando tambem para o fundo*)

... Não é preciso...

Aqui mesmo encostados ficaremos, (*prolongando-se com o muro*)
Como de pedra solidas estatuas.

SCENA.III

OS MESMOS, THOMAZ BECKMAN E ESTEVÃO
GANDOLF

THOMAZ BECKMAN (*da esquerda e com cautela*)

Ninguem ainda! (*olhando em torno*) e é quasi meia noite!..
Mas... alli... sim... eu creio ver dois vultos. (*indo ao fundo*)
Meos senhores. (*comprimenta*)

MANOEL SERRÃO

... A noite é sempre escura;

THOMAZ BECKMAN

Porem da noite o sol rasga as cortinas,
A luz do dia resurgir fazendo.

MANOEL SERRÃO

E' dos nossos, Sampaio; aproximemo-nos.

THOMAZ BECKMAN (*reconhecendo-os*)

Sois vós, Manoel Serrão!... Sr. Sampaio!
Aqui, porém a sós...

JORGE SANPAIO

... A sós estamos. (*dá meia noite*)

MANOEL SERRÃO (*pequena pausa*)

Lá sôa o bronze nos lembrando a hora
Que parte a noite ao meio, hora marcada,
Para aqui nos acharmos reunidos.
E Manoel Beckman... (*apparecem o Reitor e o Leigo na
aberta do muro*)

THOMAZ BECKMAN

.. Ah!... talvez meu mano
Se retarde...

JORGE SAMPAIO

... Porque? dar-se-ia o caso...

THOMAZ BECKMAN

Nada de novo; mas, Manoel, precisa
Dos movimentos conservar-se á frente,
Aproveitando o tempo que nos foge.
Assim é que elle pode ter certeza,
Não ha muito, de que não fôra acceita,
De Teixeira, a denuncia contra os nossos.
Balthazar não lhe deo o menor credito.

(*que tem estado na abetar do muro*) ESTEVÃO GANDOLF

Pelo inferno!... (*ocultão-se ambos*)

MANOEL SERRÃO (*espantando-se e olhando todos para o fundo*)

... Oh! d'alli... alguém nos ouve!...
(*vão ao fundo*) E até me pareceu que nos fallaram...

THOMAZ BECKMAN (*depois de olharem em torno*)

Foi susto, ou prevenção... nem um só vulto!

MANOEL SERRÃO (*que sae até da aberta do muro*)

Pessoa alguma, alli, não está occulta...
Mas quasi que jurava ter ouvido
Alguem fallar, até, de nós bem perto!

JORGE SAMPAIO (*para Serrão*)

Foi engano talvez de vossa parte... (*para Thomaz*)
Mas, dissestes que não acreditaram
Na denuncia...

THOMAZ BECKMAN

.. Affianço...

JORGE SAMPAIO

... Então, sem duvida,
Não só dos espões como da Camara,
Ter não devemos mais nenhum receio.

MANOEL SERRÃO

Em receios fallais de novo, quando
Sampaio, só valor mostrar devieis?...

JORGE SAMPAIO

Minha presença oppõe-se a tal juizo,
Como tambem se oppunha o meo estado
A que sahisse, quanto mais á noite.

MANOEL SERRÃO

Em duvida não puz vossa coragem...

THOMAZ BECKMAN (*insinuante*)

Coragem que já tem tocado as raias
De uma temeridade quasi incrível !

JORGE SAMPAIO

Nem sempre destruir os annos podem,
O que só destruir compete á morte!
Sou rico, independente, já bem velho
E em Portugal nasci, não n'esta terra;
Poderia, portanto, recusar-me
A adherir á revolta ; mas adoro
Esta Colonia tanto como á patria,
Onde vi a primeira luz do dia ;
Mas quero tanto a Beckman que, com elle,
Até do inferno eu partilhara as iras !.. (*mudando de tom*)
Mas.. continuai, Thomaz, a informar-nos...

THOMAZ BECKMAN (*continuando*)

Tranquillo vive Balthazar Fernandes,
Deixando-nos assim o campo livre.
A senha de que ha pouco nos servimos,
Já de todo perdêo os seus effeitos.
O povo, em grita, a meo irmão saudava,
E a tal ponto chegou-lhe o enthusiasmo
Que, prorompendo em vivas á revolta,
Dava morras aos vis monopolistas,
Aos fanaticos padres jesuitas
E a Balthazar tambem, esse homem fraco,
Esse Capitão mór da inercia o exemplo!

MANOEL SERRÃO

Sou muito impetuoso, é bem verdade,
Mas indiscreptos julgo taes assômos,
Antes que chegue o suspirado instante
De hastear-se a bandeira que abraçamos.
Sim, quando, em um sermão, o Padre Elias
Disse, que os nossos males só provinham
Da tôrpe creação do monopolio,
— E que, d'esta arte, o povo, por milagres,
A sua salvação não aguardasse,

Quando nas proprias mãos tinha o remedio—
 Tal proceder tachei de arriscadíssimo! (*ouvem-se vozes que se aproximam*)

Ei-los que chegam!

VOZES FÓRA

Morram os traidores,
 Abaixo o monopólio, viva Beckman !...

SCENA IV

OS MESMOS, EUGENIO RIBEIRO, PADRE ELIAS e POVO

EUGENIO RIBEIRO (*junto aos bastidores, á direita, fallando para o povo que ainda está de fóra*)

Reprimi, por momentos, meos amigos,
 Vossa, aliás, mui justa impaciencia !
 Nosso chefe não tarda e aqui chegando,
 Ha de marcar a hora do combate. (*entram todos em scena*)

UM DO POVO

Viva Eugenio Ribeiro !...

TODOS (*menos Eugenio Ribeiro*)

...Viva ! viva !..

EUGENIO RIBEIRO (*saudando*)

Thomaz... Manoel Serrão... Jorge Sampaio...
 Tambem vós, apesar de adoentado ?!..
 Vós, um dos homens mais independentes,
 E por certo o mais rico da Colonia ?!

JORGE SAMPAIO

Quando se trata dos grandiosos planos,
 Tendentes a fazer que se liberte
 E não viva, este povo, como escravos...
 Quando se encara para o grande atrazo
 Em que jaz esta terra que idolatro...
 Quem ha que não se esqueça do que soffre,

Para, embora doente, velho embora,
Pressurôso render-lhe seos serviços ?...
Ai ! do que se olvidar jamais não soube
Da familia, de si, de tudo e todos,
Para vingar affrontas despejadas
Sobre o cóllo da patria ! Ai, sim, d'aquelles,
Cujos brios vergar, em tal momento,
Infames deixam e, mais vis, se affastam
Do campo marcial, para... covardes !
Nem se quer enxugar o triste pranto,
Que ella, em soluços, verte amargurada !...

MANOEL SERRÃO

Era, Sampaio, assim que eu esperava
Ouvir fallardes dedicado e bravo.

JORGE SAMPAIO

N'esses momentos nosso enthusiasmo
Cresce e recresce e agigantado chega
A transformar, em bravo, o pusillanime,
E o mais fraco ou mais velho, em um colosso !...

EUGENIO RIBEIRO

Exaltação, Sampaio, igual a vossa,
Podeis crêr que, tambem, a nós domina,
E que este povo corajôso e nobre,
Ha-de nos ajudar galhardamente,
Na luta honrosa que travar nos cumpre.

Povo

Viva Eugenio Ribeiro ! Viva ! Viva !..

THOMAZ BECKMAN (*para o povo*)

Bem vêdes, meos amigos, que os exemplos
De uma dedicação sincera e firme,
Partem de vossos chefes, que não buscam
Encobrir-se, tornando responsavel
De seos actos, somente, o heroico povo,
Que com tanta adhesão os acompanha.

Não ; de vós, não quizemos, nem tentamos,
Fazer muralhas de granito inerte,
Para alcançarmos da victoria os louros:
Arriscamos tambem as proprias vidas.

PADRE ELIAS

Quem o fizesse não seria digno
De, nem um dia, commungar comnôco !
A traição, o egoísmo e a covardia
Jamais podem se unir á honra e ao brio !..
Fui censurado por me ter valido (*para o povo*)
Do pulpito sagrado, para expôr-vos
Os vexames que todos nós soffrimos,
Contra os mais comesinhos rudimentos
Das leis divinas e das leis humanas !..
Leal, porem, eu fui ; perante o publico
Preguei verdades como prégo sempre,
Verdades preferiveis aos mysterios,
A' hypocrisia, intrigas e perfidias
D'esses que de Jesus se dizem filhos !..

VOZES AO LONGE

Ao nosso presidente, viva, viva !..

O Povo (*que está em scena*)

Viva ! Viva !..

THOMAZ BECKMAN

... E' Manoel !

PADRE DIAS

... A effervescencia
Geral vai se tornando; meos amigos,
Peço em nome de Deos e do progresso
D'este berço bemdito em que nascemos,
Todo o respeito a Beckman, e, á revolta,
Dedicção constante e sem limites.
Viva ! Viva a revolta !..

TODOS

...Viva !. Viva !..

SCENA V

OS MESMOS, MANOEL BECKMAN, LAZARO DE MELLO
E EM SEGUIDA O POVO

MANOEL BECKMAN (*comprimendo*)

Padre Elias, Serrão, Thomaz, Eugenio,
E vós, Jorge Sampaio, e vós, senhores, (*para o povo*)
Do nosso povo os mais fieis interpetres, *pretos*
Desculpai-me por ter me demorado,
Quando sei que com ancia a hora esperam
Em que devemos libertar a patria,
Da cruel depressão em que a conservam.

TODOS

Partamos !... (*o Leigo entra em scena e por entre o povo*)

MANOEL SERRÃO

.. Ataquemos a cidade !... (*movimento geral para sahirem*)

MANOEL BECKMAN

Detende-vos, amigos! oh !.. detende-vos !..
Desde já poderia aproveitar-me,
— Se em mim houvesse um mercenario apenas —
Dos impetos ardentes que mostrastes,
De correr pressurosos p'ra o combate !..
Sim; partir para a luta poderia,
Bem certo de que os louros da victoria,
Em breve cingiriam minha fronte,
De gloria enchendo os revoltosos todos !..
Lealdade e dever, por~~em~~, me obrigam
A declarar que não darei um passo,
Nem um só, para a frente, em quanto, unanimes,
Não prestardes dois firmes juramentos.

MANOEL SERRÃO

Por vós, a tudo, estamos resolvidos.

POVO

E todos nós também...

MANOEL BECKMAN

... Assim o espero
E, em completo silencio, agora ouvi-me. (*pausa*)
Um d'esses juramentos se refere
Aos assentistas e ao fatal estanco !...

PADRE ELIAS

Irmãos, por Deos, jurai dos assentistas
E do ferrenho estanco a eterna queda !...

Povo

Todos, por Deos, juramos !..

MANOEL BECKMAN

... O segundo
Diz só respeito ao tenebroso enxame
D'essas hydras, que as carnes nos devoram
E que, certo, por calculo tomaram
A Jesus, por sagrado padroeiro !..
Sim ; se evitar quizermos que a miseria,
Entre nós a lavrar de novo torne,
Alcançada a victoria suspirada,
Do Maranhão, os padres jesuitas
Devemos expellir, com toda a urgencia !..

ALGUNS DO POVO, (*d esquerda*)

Vivam os jesuitas !..

MANOEL BECKMAN (*fóra de si*)

... Oh !..

OS MESMOS

....Sim, vivam !..

MANOEL BECKMAN (*com força tndo-se dado um panico geral e diversos movimentos*)

Vivam, porem, de nós bastante longe. .
Vivam, mas todos os traidores morram !.. (*com a espada, em punho, dirige-se para a esquerda*)

LAZARO (*detendo-o*)

Meo, padrinho !..

THOMAZ BECKMAN (*os outros personagens tem se aproximado de Manoel Beckman*)

... Manoel !..

MANOEL BECKMAN

... Inda o não creio !.. (*pausa e concentradamente*)
Ter deixado o meo lar, esposa e filhas, (*vindo para frente*)
Viver fazendo enormes sacrificios
Pelo engrandecimento da Colonia,
Pela restauração da liberdade
D'este povo que, livre, proclamou-me
Seo presidente, ou chefe da revolta !..
Querendo ser leal, pois meo character
Tenaz se oppõe a falsas apparencias..
Não podia eximir-me de mostrar-lhe
Que era tão necessario, quanto urgente,
Do Maranhão banirmos esses frades,
Nossos encarniçados inimigos !. (*com magoa e força*)
E no emtanto, é incrível! desprenderam-se
D'alli. (*aponta para a esquerda*) ha pouco, repetidos vivas
Em prol dos mesmos detestaveis padres !..
Oh !.. (*com força*) Não, Srs, nunca acceitaria
O cargo que por vós me foi entregue
Se, por desgraça, me toldasse o espirito,
Uma idéa, se quer, de mim indigna !..
Nem um instante só de minha vida,
O interesse mover, jamais não poude ;
Nem tão pouco, o desejo ou mesmo o orgulho
De occupar posições que outros invejам,
Abrigo encontrou nunca n'este peito !.. (*batendo sobre o peito*)

EUGENIO RIBEIRO

Não ha quem duvidar, de vós, se atreva.

(Durante a ultima falla os Leigos têm procurado chamar a si, alguns homens do povo. Dois d'aquelles e dois d'este estão d'esquerda e outros tantos d direita)

MANOEL BECKMAN

Assim o devo crêr ; mas collocado
A vossa frente, prescindir não posso
De toda obediencia e confiança
Para levar-vos da victoria ao campo,
Victoria que fará ver-vos, em breve,
Como no Maranhão existem vastos
E ferteis elementos de progresso,
Os quaes, infelizmente, se atrophiam
Sob o jugo voraz do monopolio,
E a nefanda influencia jesuitica !

OS QUE ESTÃO NO MEIO DO POVO

Abaixo, fóra os jesuitas todos !...

MANOEL SERRÃO

Sim ; Portugal com elles ! longe, longe,
P'ra bem longe de nós estes malvados !...

LEIGO *(que está d esquerda)*

Não ; vivam, vivam ! Contra nenhum d'elles
Não queremos que mal algum se faça
(Vindo os quatro para o extremo da direita sempre juntos ao povo)
Deixemos estes monstros que, no inferno,
Precipitar pretendem nossas almas !...
Abençoado, Jesus, p'ra sempre seja !...
Saíamos ; que o Senhor nos acompanhe !...
Saíamos !...
(Os oito passam para a esquerda e pela frente do povo, pretendendo sahir. Manifesta-se então, uma tal ou qual disposição para acompanha-los.)

MANOEL SERRÃO (*desembainha a espada e interpõe-se a esse movimento*)

...Não, ninguém d'aqui se move
 Sem dirigido ser por nosso chefe !...
 Nem um passo dareis brioso povo,
 Dos traidores levado pelas vozes !...
 Acreditai que ao ponto a que chegamos,
 — A dissolvermos este ajuntamento —
 E' preferivel atacar de prompto
 A cidade, que está desprevenida
 E que não pode oppôr-se as nossas armas !...
 Nada de hesitações !... Abaixo as mascaras
 D'estes covardes, que affastar-vos querem
 Do trilho da victoria e do da honra,
 Para na infamia chafurdados vêr-nos,
 Ou nas masmorras da Colonia presos !.. .
 Sim, amigos, os vivas que se deram
 São mesquinhos ardis para levar-vos
 A's prizões, como suas tristes victimas!
 A' vergonha algemados os traidores,
 Fiquem aqui, saudando os jesuitas !.. .
 Os mais, avante !... Viva ! viva o Beckman !.. .,

Povo

Viva !...

MANOEL BECKMAN (*espada em punho*)

Avante ! ataquemos a cidade,
 Abaixo o monopolio e os assentistas.
 Abaixo os jesuitas !..

TODOS (*menos os Leigos*)

Viva o Beckman !..
 Abaixo os jesuitas !...

MANOEL BECKMAN (*exultando e com força*)

... Ah !.. partamos,
 Que os louros da victoria nos aguardam !..
 Avante ! avante !!.. (*saem todos, menos quatro, indo Manoel Beckman na frente, ouvindo-se ainda ao longe o povo exclamar*)
 ...Viva... Viva!..

SCENA VI

OS QUATRO LEIGOS EM SCENA E ESTEVÃO GANDOLF
JUNTO A ABERTA DO MURO

LEIGO

... Incautos' !...
Ide, sim, como uns loucos, p'ra o abysmo
Onde haveis de encontrar, não glorias puras,
E, sim, a punição a mais severa !..
Maldição sobre vós ...

OS OUTROS TRES

... Tremenda ! eterna !...

LEIGO (*para os tres*)

Eu vos havia, irmãos, reconhecido !..
De todo a nossa causa estava ganha,
Se esse, Manoel Serrão, ilhéo frenetico,
Quanto cheio de força e de coragem,
Electrisado o povo não houvesse !...
Ai ! de nós, meos irmãos !..

ESTEVÃO GANDOLF

... Jesus, valei-nos
Contra os perversos planos d'esses monstros !
(*para os leigos*) Fizestes muito, irmãos ; demasiado
Vos arricastes pela santa causa !...
Sim, seremos expulsos ; mas, ai ! d'elles,
Que a justiça Christã não dorme nunca !...
(*Estevão Gandolf durante esta falla está junto a aberta do muro
e os Leigos, um pouco para a frente, de um e outro lado.*)

CAE O PANN0

ACTO III

Uma sala da casa do governo. No fundo ha tres arcadas com repositores, sendo a do meio muito mais larga do que as outras. Mobilia decente, portas á direita e á esquerda.

SCENA I

LAURA e LAZARO DE MELLO

LAZARO (*entrando da esquerda baixa, vê Laura sentada no sofá, que deve estar á direita alta da scena*)

Ei-la... meu Deus!... á sós como eu suppunha!
E como está tão linda e feiticeira!..
Vê-la assim e sedento não ama-a,
Seria um desapareço aos seus encantos,
Senão injuria á propria natureza!..
(*pausa*) Aproveitemos tão propicio ensejo.
(*Dirigindo-se para Laura*) D. Laura...

LAURA (*espantada, deixa o livro que estava lendo, levanta-se e exclama contrariada*)

...O Senhor!..

LAZARO

...Perdão vos peço,
Por ter buscado interromper ainda,
O morno isolamento em que vos deixam.

LAURA

Isolamento, quando minhas filhas
E meu marido vivem quasi sempre
Ao meu lado, Senhor!... (*Batem*) Creio que batem...
(*indo á esquerda*)

LAZARO *d parte*)

Quem será o maldito...

LAURA (*na esquerda baixa, ao pé da porta*)

... O reverendo
Padre Reitor !... Podeis entrar. (*entra E. Gandolf*)

LAZARO (*á parte*)

... Quem !... Elle !

SCENA II

OS MESMOS e ESTEVÃO GANDOLF

LAURA (*vindo para a scena com E. Gandolf*)

E' sempre para mim prazer subido,
Quando vossa eminencia outorga a honra
De vir me visitar. Porém... sentai-vos...

ESTEVÃO GANDOLF

Obrigado. (*vacillante e olhando de soslaio para Lazaro*)

... Mas... sim... como soubesse

Que vosso esposo estava agora ausente,
Precisando fallar-vos, dirigi-me
Para aqui, esperando á sós achar-me
Na vossa apreciavel companhia.

(*para Lazaro*) Jesus convôsko seja, Sr. Lazaro.

LAZARO

Faz-me vossa eminencia um beneficio,
Em ter agora, aqui, apparecido.

ESTEVÃO GANDOLF

Em que, Senhor eu poderei servir-vos !

LAZARO

Pretendia sahir a procurar-vos,
Quando vós...

ESTEVÃO GANDOLF (*interrompendo-o*)

... Proseguí, Senhor, vos rogo !

LAZARO (*para Laura*)

D. Laura, permite ?...

LAURA (*resignada*)

... Como oppor-me..

LAZARO (*para Gandolf*)

Pt çõ pois, que attenção me deis completa.
 Com tres tabelliães sahi da Camara,
 — Haverá quando muito um quarto de hora —
 Para nos dirigirmos ao mosteiro (*aponta para o fundo*)
 Da Senhora da Luz ; e, se deixei-os...
 Foi . . somente, para dar de meu padrinho,
 Recado múito urgente a sua esposa.

LAURA (*d parte*)

Como sabem mentir os insolentes !

LAZARO (*continuando*).

Pretendia, depois, sem perder tempo,
 Em mãos vos entregar estes officios. (*tira os do bolso*)
 Poder-se-ia suppor que força estranha,
 Vos fez adivinhar qual o caminho
 Que, para os receber, tomar devieis,
 Sem carpir, certamente, a dura magoa
 De serdes intimado no convento.
 Os tres tabelliães estão sem duvida,
 Alli, Sr. Reitor, a vossa espera.

ESTEVÃO GANDOLF (*d parte*)

Notificado ! . . . (*alto*) Prosegui . . . vos peço . . .

LAZARO

Dos *Tres Estados*, a mui nobre Junta (*com reverencia*)
 E' quem estes officios vos dirige. (*mostrando os*)
 Queira-me consentir vossa eminencia,
 Que mesmo agora, em mãos, vol-os entregue. (*entrega os
 officios e beija a mão do Reitor*)
 Beijando-vos a dextra, sempre humilde,
 Haveis de permittir que me retire.
 D. Laura. (*comprimenta e sahe pela esquerda*)

SCENA III

LAURA e ESTEVÃO GANDOLF

ESTEVÃO GANDOLF (*d esquerda e na frente da scena*)

. . . Jesus ! . . . o tom sarcastico
 Que acabou de empregar esse implacavel
 Inimigo de vossa santa ordem,

Está fazendo referver-me o sangue !.
 (*pausa*) E... se já não houver nenhum recurso ?!
 (*pausa*) Ah ! quaes do inferno intensas labarédas,
 Estes officios minhas mãos requeimam !
 (*para Laura*) Deixai que eu leia agora, á toda pressa,
 O que n'estes papeis a mim prescrevem !..

LAURA

Vossa paternidade, bem o sabe,
 N'esta casa não pede e sim ordena,

ESTEVÃO GANDOLF (*jesuiticamente*)

Que vos pague, Jesus, tantas bondades! (*abre o 1.º officio,
 lê e o guarda; abre o 2.º e, lendo alto.*)

" Vossa paternidade aos reverendos
 " Luizio Conrado, Péres e Pedroza,
 " Bem como aos outros jesuitas todos,
 " Queira mandar reunir, para que fiquem
 " Scientes de que devem, hoje mesmo,
 " Estar de todo promptos a partirem
 " Ao primeiro signal para Lisbôa,
 " Cumprindo-lhes prestar o mais solemne
 " Juramento de nunca regressarem
 " A esta terra, por qualquer pretexto. (*pausa e depois fal-
 Seja, Jesus, por vossa eterna gloria !..* *lando*)
 Cheguei tarde ! Amanhã é que devêra
 Ser expedida esta sentença horrivel !..
 E já em minhas mãos !.. só pelo inferno !..
 Ah ! malvados ! Os céos hão de vingar-me ?... (*para Laura,
 que tem se conservado á esquerda e um pouco para o fundo*)
 Eis aqui a sentença excommungada,
 Que me exila p'ra longe d'estas plagas,
 Como se exila um scelerado, um monstro !..
 E eu que vinha invocar o amor extremo
 Que a Jesus consagrais, oh minha filha,
 Para a vosso marido supplicardes,
 Que não nos degredasse !.. E, no emtanto...

LAURA (*com interesse*)

Mas, não será, dizei, ainda tempo...

ESTEVÃO GANDOLF (*interrompendo*)

Revogar, ninguem pode, o que resolvem (*apontando para o
 officio*)

Estes que são, por desventura nossa,
 Cruéis *procuradores e misteres*
 Do tresloucado povo d'esta terra!
 Beckman, Sampaio, Eugenio e muitos outros,
 Cujos nomes estão aqui firmados. (*idem*)
 Oh ! esses homens são inexoraveis !..
 Como oppõe-se á clemencia a crueldade,
 Tambem elles clementes ser não podem !
 (*vindo para a frente*) Santissimo Jesus, de nós valei-vos!..
 (*pequena pausa*)

Partir de Portugal, vencendo afouto,
 Dos mares os perigos e a distancia,
 Já velho, já cansado e sempre enfermo,
 Para, com meos irmãos, ao indio agreste
 Ensinar as doutrinas sacrosantas...
 Com estas mãos senis, em suas fronteas,
 Vertendo as puras agoas do baptismo !..
 Ter chamado, Jesus, ao vosso gremio,
 Como da Igreja o mais humilde apostolo,
 Essa selvagem raça, ainda virgem,
 De qualquer dos preceitos do evangelho !..
 E... apóz tão grande luta... Oh ! quem diria !..
 Recompensado ser com um degredo !..
 E pelos portuguezes !.. Insensatos !..
 Que por christãos passar, assim, pretendem !..
 Ah ! malvados, haveis de arrepender-vos !..
 Se nós com reverencia nos curvamos,
 Para alcançar as palmas do martyrio,
 Corajosos sabemos soerguer-nos,
 Para punir áquelles que nos férem.

LAURA (*que tem se aproximado*)

Oh ! não, padre Reitor ; vossa eminencia,
 Não devêra fallar nunca em vingança !.,
 Quem, a Deos representa, aqui, na terra,
 Da compaixão se desviar não pode !..

ESTEVÃO GANDOLF

Só com quem se arrepende, seriamente,
 Dos crimes que pratica n'este mundo.

LAURA (*supplicando*)

Ah ! por Jesus, poupai meo caro esposo.

ESTEVÃO GANDOLF

Elle é, de todos, o maior culpado.
 Dai-me attenção, eu vou contar-vos tudo.
 Surgia a madrugada. Em frente estavam
 De S. Francisco os revoltosos todos.
 D'estes, (*com fingimento*) a maior parte reclamava
 Em altos brados, como bons catholicos,
 Merecido perdão aos santos padres,
 De Jesus devotissimos apóstolos! (*com hypocrita exaltação*)
 Irado, louco, vosso esposo irrompe,
 Qual um de satanaz feroz assecla,
 E, aproveitando o panico do povo,
 Como um raio o arrastou para o combate !...
 Não houve luta. Ao despontar da aurora
 Era senhor das guardas e do estanco,
 Do Arsenal e de toda esta Cidade,
 Que entregue estava ao mais profundo somno !...
 D'esta arte, de surpresa avassallada,
 O' desditosa terra !...— esses rebeldes
 Prenderam Balthazar, e sob a guarda
 O deixaram ficar da propria esposa!

LAURA

Parece incrível !...

ESTEVÃO GANDOLF

... Sim ; porem é certo,
 Como é certo que vamos para o exilio !...
 E quereis que depois de tantos crimes, (*rancorose*)
 Da minha justa colera exceptue
 Vosso marido ? Oh ! não, fazê-lo... nunca !..
 Malditos sejam da revolta os chefes !

LAURA (*fóra de si*)

Isto é horrível ! (*contendo-se*) Ah ! perdão vos peço...
 Tende, Senhor, por Deus, ao menos pena (*supplicante*)
 De minhas pobres e innocentes filhas !...
 Haveis tanta influencia lá no Reino,
 Que, se quizerdes, não serão punidos...

ESTEVÃO GANDOLF (*interrompendo*)

Porem vosso marido sendo o chefe...

LAURA (*interrompendo*)

Quem poderá provar para o futuro,

Ter elle sido o chefe da revolta ?..
 Ninguém ; porque, Senhor, os revoltosos
 Traçando n'um papel um grande circulo,
 Dentro d'este os motivos expozeram,
 Que os haviam levado a sublevar-se ;
 E, por fóra, nos raios nos extremos,
 Cada um assignou então o nome,
 Sem distincção alguma relativa
 Ao posto que occupar lhes competia.

ESTEVÃO GANDOLF,

De tudo que occorrêo fui informado,
 De tudo, pois, darei a copia exacta,
 E tremenda ha de ser minha vindicta !

LAURA

Se, Jesus, perdoou a seos algozes,
 Como não perdoais tambem aos vossos ?..

EUGENIO GANDOLF (*d parte*)

A franqueza, por certo, é erro enorme ;
 Não sei como esqueci este axioma !...
 Dissimulemos. (*alto*) Filha, vossas supplicas
 As fibras commoveram de minha alma.

LAURA (*ajoelhando-se*)

Vossa eminencia abençoado seja !..
 Graças, graças, Senhor, vos rendo humilde !..

ESTEVÃO GANDOLF (*levantando-se*)

A Jesus vossas graças, minha filha !..
 (*d parte*) Convem-me que o marido nada saiba.
 (*alto*) Bem; agora... deixai que me retire.
 Meos irmãos prevenidos como o foram,
 D'esse degredo inopinado e barbaro,
 Afflitos hão de estar á minha espera. (*sahindo*)
 (*confidencialmente*) Elle não ha de ser, assim o juro,
 Por mim denunciado junto ás Côrtes.
 Guardai, porem, segredo inviolavel,
 Sobre o assumpto de que nos occupamos.

LAURA

Juro..

ESTEVÃO GANDOLF

... Bem; com Jesus, filha, vos deixo.
 Accçitai, para sempre, minha benção. (*sae pela esquerda*)

SCENA IV

LAURA E DEPOIS MANOEL BECKMAN,

LAURA (*vindo para a scena*)

Meo Deos !.. mais um segredo que me cumpre,
 No peito conservar de todo occulto !..
 (*refletindo*) Mas... se acaso... o Reitor.. buscou apenas,
 Co' as promessas que fez... tranquillizar-me !..
 Se me obrigou por esse juramento,
 A nada referir a meo marido,
 Para que não buscando prevenir-se,
 Venha a ser mais segura a atroz vingança ?!.
 (*pausa*) E sempre... sempre tendo ante meos olhos,
 Um funebre painel !... A enlouquecer-me
 Um futuro de horror e de miserias !..
 Que vida cheia de crueis tormentos
 Vivendo agora estou !.. Ah ! quantos males
 Hão de ainda provir d'esta revolta ! (*senta-se e fica pensativa*)

MANOEL BECKMAN (*entrando pela esquerda*)(*para Laura*) Tão triste assim ?!. Que tens ?!.LAURA (*levantando-se*)

... Estava triste...
 Porem ao vêr-te, esposo, me parece,
 Raiar de novo resplendente aurora,
 Que esparge no meo seio amêno encanto !

MANOEL BECKMAN (*com ternura*)

E não poder estar sempre a teu lado !..

LAURA

Mas hoje me darás algumas horas ?..

MANOEL BECKMAN

Não, Laura, infelizmente, hoje não posso.

LAURA

Porque, Manoel, não ficarás comigo,
 Quando sentes, tambem, estar ausente ?
 Quando com tanta magoa me lastimo,
 Por vêr-te prezo ao povo e aos teos amigos,
 E quasi que a viver, nem mais um dia,
 Para mim e p'ra nossas caras filhas ?..

MANOEL BECKMAN

Tranquilliza-te, Laura; muito em breve
 Hão de raiar, p'ra nós, dias mais calmos;
 E, então, ao pé de ti, unidos sempre
 A essas caras filhas, esses anjos,
 Que o nosso amor mais forte'inda tornaram,
 Poderemos em paz, em doce enlêvo
 Fruir da terra os mais honestos gózos !...

LAURA

Oh ! quem déra que rapido chegasse
 Esse tempo !.. mas, não.. o que dis: este,
 Não passará, talvez, de um lindo sonho.

MANOEL BECKMAN

Será, como supões, um sonho, Laura,
 Para, mais tarde, ser real successo !
 Mas tu, querida espôsa, comprehendes
 Que, ao chefe da revolta, é impossivel,
 Logo apoz os disturbios ter descanso !...
 O povo enfurecido, ébrio das glorias
 Do triumpho o mais prompto, n'cessita
 Guiado ser com grande habilidade,
 Para entrar nos principios do respeito
 Que aos seos superiores é devido.

LAURA

Penso que tens razão e, felizmente,
 Qual a um pai todo o povo te idolatra,
 Por seres nobre, franco e por dispôres
 D'essa rara eloquencia que consegue
 Muito mais, do que a mais valente espada.

MANOEL BECKMAN

Sim ; Deos me dêo um claro entendimento,
 E foi p'ra mim a mais subida honra,
 Se dever á palavra e não ás armas,
 O esplendido triumpho que alcançamos,
 Sem ter se derramado uma só gôtta
 Do nobre e ativo sangue d'esse povo !...
 Foi um padrão de gloria demonstrar-lhe
 Que supplantava da eloquencia o imperio,
 O bellico poder das bayonêtas !...
 Oxalá que, algum dia, o mundo inteiro

Venha a saber que, do direito a força
 Não deve ser mantida pelas armas,
 E sim pelo esplendôr da intelligencia !
(mudando de tom) Mas, se intentasse a tropa do governo
 Comnôscio se bater, ah !... com certeza,
 Encontraria resistencia heroica,
 Nos que marcharam sob meo commando. *(pausa)*
 Oh ! Maranhão !... *(vindo para a frente)* Oh ! terra gigan-
 Pela qual desprezei as luzas plagas, têsca
 Onde vivi durante a minha infancia !
 Sim; ou te hei de fazer marchar adiante
 De todas as Colônias brasileiras,
 Ou, se acaso tombar n'essa peleja,
 Meo sangue que se espalhe em grandes jorros
 Por sobre os teos ferozes oppressôres !..

Laura *(aterrada)*

Manoel, meo caro esposo, p'ra que fallas,
 Para que despertar assim procuras,
 Os receios que triste ainda eu nutro ?..
 De novo succumbir fazer-me queres ?!

MANOEL BECKMAN

Não has de succumbir; esses receios
 Que, out'rorá, em demasia te affligiam,
 Devem de todo estar desvanecidos!.. *(Laura faz um signal*
 E quando, por desgraça, acontecesse *negativo)*
 Contra mim o destino revoltar-se...
 Quando eu soltasse o derradeiro viva
 Ao porvir desta terra estremecida,
 — Se, por desdita, horrivel desenlace,
 Viesse terminar minha existencia —
 Dispões, querida esposa, de coragem
 Para, em face de um transe tão funesto,
 Não deixar que o pavôr te quebre a calma !

SCENA V

OS MESMOS E LAZARO DE MELLO

Lazaro *(entrando da esquerda e apressado)*

Senhor, correi, correi...

MANOEL BECKMAN *(anciado)*

... Porque ?. Responde !..

LAZARO

Grupos enormes, percorrendo as ruas,
Contra a prisão, em altas vozes, bradam,
De Balthazar, que ainda está guardado
Pela Senhora.

MANOEL BECKMAN (*com força*)

... A respeitavel Junta
Dos tres Estados resolveo, unanime,
Que, desta fórma, o conservassem prezo.

LAZARO DE MELLO

Junto ás portas da Camara assim disse's es,
Ao sahirdes, Senhor, d'alli ha pouco.
Porem, depois, alguns desenfreados
Reclamaram que, pôsto na Cadeia,
Fosse o covarde Balthazar Fernandes !..

MANOEL BECKMAN

Que dizes ?..

LAZARO

A verdade ; e bem podia
Essa questão se terminar de prompto,
Se, Campêllo de Andrade, não se unisse
A um tal Souza Soeiro, provocando
A que se rebellassem contra a offensa,
Ou, antes, contra a clamorosa injuria
Arremessada á face do que, outr'ora,
Era o Capitão mór d'esta Colonia.

MANOEL BECKMAN

E o povo ?..

LAZARO DE MELLO

... O povo, creio estar disposto
A tentar contra a vida d'esses homens.

MANOEL BECKMAN

De dia em dia, Lazaro, se augmenta
A minha gratidão para contigo !

LAURA (*que tem estado sobresaltada e á parte*)

Que martyrio, meo Deos !...

MANOEL BECKMAN

.. Esses rebeldes
 Serão salvos por mim. Jamais o sangue
 Se deve derramar por causas futeis.
 (*Para Lazaro*) Fica fazendo companhia á Laura. (*sae pela
 esquerda apressadamente.*)

SCENA VI

LAURA E LAZARO DE MELLO

LAZARO

Ouvistes, D. Laura, essas palavras
 Que, por vosso marido proferidas,
 Demonstram quanta estima elle me vota?..
 Estais, senhora, agora convencida
 De que é quasi impossivel, neste mundo,
 Amortecer-se a immensa confiança
 Que elle, em mim, sempre ás cegas, deposita?..

LAURA

Bem o podem suppôr, infelizmente!..

LAZARO

E não vêdes tambem, que todo entregue
 Ao que apenas refere-se á revolta,
 Não tem vosso marido um só instante,
 Para se recordar da f'licidade
 De possuir na terra a flôr mais linda,
 A mulher mais formosa e seductora!..

LAURA

Nem mais uma palavra, Sr. Lazaro!
 E crêde que a não ser essa amizade,
 Que meu marido, *ds cegas*, vos consagra...

LAZARO (*interrompendo-a*)

Para que persistis em desprezar-me?..
 Quando o desprezo a nos matar não chega,
 Não sabeis que nos leva ao desespero?..
 E não comprehendéis, dizei... senhora,
 Que tendo o coração preso, captivo...

LAURA (*indignada*)

O coração?!... E tem-no, por ventura,
Um homem que, de tudo, ousado abusa?!...
Que da hospitalidade que recebe
Esquecido se torna e até se esquece
D'aquelle que, de pai, tem-lhe servido ? !... .

LAZARO

Quereis levar-me aos ultimos extremos ?

LAURA (*continuando*)

Tal homem coração não tem, por certo ;
Pela cabeça, apenas, se dirige,
Cabeça aonde á larga se alimentam
A traição, a calumnia, a hypocrisia
Tudo, emfim, que de máo no mundo existe!

LAZARO

Dizei quanto quizerdes; mas, vos juro
Que cedo, ou tarde, haveis de arrepender-vos.

LAURA (*sardonica*)

Ameaças!... Só isto me faltava
De vós ouvir, Senhor !... Que pobre idéa!...
Ameaças após indignas supplicas!...
O sentimentalismo desprezastes
Para com o terror, agora, armar-vos!...
Pois bem ; ameaçai !... que, a essas phrases,
Quanta ameaça houver prefiro altiva !...

LAZARO

Porque infernal mysterio enraizou-se,
Em vosso coração tanta virtude !...
Mas, não imaginais que sois mui fraca
Para, comigo, proseguir em luta ?
Ah! porque vós, outr'ora me obrigastes
A confessar que vos amava tanto ?
Seria p'ra fazer com que, mais tarde,
Buscasse, arrependido, retrahir-me !
Não; quando o tigre avança sobre a preza,
Se a não póde esmagar, tambem não foge!

LAURA

Sou fraca, sim ; porém, bastante forte,
Para domar um tigre tão ridiculo !... *(vai a sahir e detem-
se por ouvir-se vozes a pouca distancia.)*

LAZARO *(corre ao fundo, levanta um dos reposteiros e olha
para fóra)*

Ah ! já de volta !...

LAURA *(quasi ao mesmo tempo)*

... Emfim!...

LAZARO *(no fundo ainda, aonde se conserva e d parte)*

... Que inferno ! E' elle !:..

E sempre alegre, triumphante sempre !

SCENA VII

OS MESMOS E MANOEL BECKMAN

LAURA *(dirige-se para o marido, que entra pelo fundo d
esquerda, correndo Lazaro o reposteiro)*

Chegaste a tempo e defender pudeste *(vindo ambos para a
As arriscadas vidas d'esses homens ?.. frente)*

MANOEL BECKMAN

Sim; com mui grande esforço, e, p'ra salva-las,
Foi mister lhes tolher a liberdade.

LAURA

Mas, tu, os soltarás logo que possas.
Viver n'uma prizão deve ser triste,
Ou a morte soffrer-se estando em vida !

MANOEL BECKMAN

Ah ! quanto é compassiva esta tua alma !...

LAURA

Para quem soffre é doce, é grande allivio
Poder suavisar alheias magoas !
Manda, Manoel, solta-los quanto antes ;
Evita o fazer mal ; mas, açautela-te
De algum d'esses amigos que te cercam...

MANOEL BECKMAN (*interrompe-a, seriamente*)

Ainda, Laura?!...

LAURA (*firme*)

... Sim...

MANOEL BECKMAN (*disfarçando*)

Mas... sinto passos...

Deixa-me por em quanto; altos negocios
Com toda a urgencia de solvêr eu tenho.

LAURA (*constrangida*)

Assim o queres?! Bem... eu te obedeco. (*sae pela direita e
Manoel Beckman se dirige á esquerda*)

SCENA VIII

MANOEL BECKMAN, THOMAZ BECKMAN,
EUGENIO RIBEIRO, LAZARO e MANOEL SERRÃO
(*entram pela esquerda*)

EUGENIO RIBEIRO

Eis-nos todos, aqui, as vossas ordens. (*vindo para frent
com os outros*)

MANOEL BECKMAN

Muito obrigado, Eugenio; mas, sentemo-nos (*sentam-se*)
Vossas opiniões ouvir preciso
A cêrca d'esses homens, que intentaram
O povo rebellar e, ao mesmo tempo,
Escarnecer da decisão da Camara.
Sobre a prisão de Balthazar Fernandes.

THOMAZ BECKMAN

Era o Capitão mór d'esta Colonia,
E, pois, manda-lo preso p'ra a Cadeia,
Onde teria de ficar de envolta
Até com os maiores criminosos,
Seria mais atroz do que deixa-lo
Permanecer, em casa, sob a guarda
Da mulher como sua carcereira.

EUGENIO RIBEIRO

O que em nada differe de estar preso,
Apenas, sob a guarda de si proprio.

MANOEL BECKMAN

Por certo; mas, dizei-me, o que faremos
De Campêllo de Andrade e de Soeiro? (*)

MANOEL SERRÃO

Deixa-los presos é de grande monta,
Para que saibam que, jamais não deve
Ninguém oppôr-se ás decisões legitimas,
Dos que têm a missão de engrandecê-los.
Se outros fôsem os que, tentado houvessem
O povo rebellar, nós poderíamos
Ter ainda qualquer condescendencia.
Porem, Souza Soeiro e esse Campêllo,
Valentes campeões do monopolio...

EUGENIO RIBEIRO (*interrompendo*)

E, no emtanto, não são os mais acerrimos
No plano de excitar-se, á todo o transe,
O povo contra nós. Vociferaram,
Fizeram tremendissima algazarra,
Mas foram, simplesmente, os instrumentos
D'esses perversos padres jesuitas,
Que, firmes, 'inda buscam perseguir-nos !...
E como deputado da nobreza,
Deixar não posso de exigir, Senhores,
A prompta execução da lei do exilio
Promulgada, por nós, contra esses padres.

THOMAZ BECKMAN

Assim tambem o entendo...

MANOEL SERRÃO

...Estou de accôrdo.

LAZARO DE MELLO

Depois da citação que foi-lhes feita,
Para a partida se apromptaram todos.

MANOEL SERRÃO

Que sigam quanto antes...

(*) Manoel de Campêllo de Andrade, juiz de orphãos.

MANOEL BECKMAN

... Não me opponho.

Quereis que partam: eu tambem o quero.

(*Levantam-se*) Lazaro, vai ao Arsenal e ordena,

Que estejam promptos os bateis que devem

Conduzir esses padres 'té a bórdo.

(*Lazaro vai a sahir*) Espera; passa alli pelo Collegio
(*aponta para o fundo, á esquerda*)

Da Senhora da Luz, e communica

Ao padre Estevam, termos resolvido

Que ao primeiro signal, hoje sem falta,

Hão de todos partir, d'aqui, p'ra o Reino.—

LAZARO DE MELLO

Cumprirei vossas ordens, fielmente. (*sae pelo fundo*)

SCENA IX

OS MESMOS MENOS LAZARO DE MELLO

MANOEL BECKMAN

Muito embora cercado de perigos,

Indispensavel é um tal degrêdo.

Deixar que, por mais tempo, aqui ficassem

Esses padres, seria concorrêr-se

Para a quéda total d'esta Colonia.

De diversos poderes empossados,

De cada qual sabiam, com astucia,

Tirar vantagens para a Santa Ordem,

Sacrificando o povo, que temia-os

Pelo grande terror que lhe inspiravam,

Sem buscarem por actos caridosos,

D'elle alcançar respeito e sympathia.

E para não julgarem, no futuro,

Que em nós actúa sordido interesse,

Da Camara no livro se consigne

Que, pela vêz terceira, esses hypocritas

Foram p'ra sempre d'esta terra expulsos,

Como os mais prépotentes e tenazes

Inimigos do seo geral progresso.

THOMAZ BECKMAN

Estas e outras razões incluiremos

Na representação que, á El Rei, nos cumpre

Expedir com urgencia.

EUGENIO RIBEIRO

... Por sem duvida,
Expôr devemos tudo que fizeram
Esses monstros de usura e de perfidias,
Que, apenas, cobiçando altas riquezas,
Nem um exemplo deram de brandura,
De compaixão, de amor, de caridade !...

MANOEL BECKMAN

E tu, irmão, que, em breve has de ir á Côrte
Para, alli, nossa causa defenderes,
Ante, El-Rei, saberás de um modo explicito
Demonstrar que attendendo com escrupulo,
A' moral, aos principios da justiça
E ao desejo de vêrmos esta terra
Elevar-se, até 'onde pode e deve,
Foi o que nos levou a degredarmos,
Para longe de nós, esses perversos.

THOMAZ BECKMAN

Terá de ser missão assaz difficil,
Na qual naufragarei...

MANOEL BECKMAN (*interrompendo*)

... Nem tal o digas.

THOMAZ BECKMAN

Assim, porem, o creio e mais ainda,
Partindo antes de mim os jesuitas. (*continuando com força*)
Senhores, estes padres são malévolos,
São vingativos, habeis intrigantes,
Têm muita hypocrisia, astucia muita
E, alem d'isso, até gozam de influencia
Perante a fidalguia de Lisboa;
E, pois, hão de cercar, ah ! não me illudo !...
De invenciveis escolhos os caminhos
Por onde a tropeçar cumpre que eu siga.

EUGENIO RIBEIRO

Tendes razão, Thomaz; com vôsco penso,
E devo aconselhar que se transfira,
Por em quanto, a partida d'esses padres...

MANOEL BECKMAN

Adiar-se a partida eu julgo um erro.
 Nossa força moral, talvez, que chegue,
 Ou, com certeza, a enfraquecer-se muito;
 E, os jesuitas, n'esse meio termo,
 Ousados como são e perspicazes,
 Sublevar, contra nós, todo esse povo,
 Quem poderá dizer que não tentassem ?..
 A perfídia, a traição, o odio, a inveja,
 São armas que manejam com pericia
 E, contra as quaes lutar actualmente,
 Seria, meos amigos, difficilimo !..
 Buscai, suggeri outro conselho,
 Com tanto que a partida se effectue,
 Como, por nós, determinado fôra.

THOMAZ BECKMAN

Para que tu não fiques constrangido,
 Saberei destruir a controversia. (*olhando para o relógio que
 tira da algibeira*)

São onze horas agora; no Collegio
 Deve a festa de ramos ter entrado,
 E só ao meio dia ha-de findar-se ;
 Para apromptar-me, é o tempo que me basta. (*guarda o
 relógio*)

MANOEL BECKMAN

Enganas-te ; d'aqui a dois minutos
 Ha de soar a hora d'esse embarque.

THOMAZ BECKMAN

Pois bem ; não se o transfira e sim apenas
 A hora da sahida do navio.

MANOEL BECKMAN

Prestas assim um relevante auxilio,
 Aos partidarios todos da revolta.

THOMAZ BECKMAN

Partir hoje, ou depois, a ausencia é sempre
 Supportar dos que são p'ra nós mais caros ;
 Mas sei conter, no fundo d'alma, as magoas

Crueis embora, e altivo recordar-me
Do que pode convir á nossa causa.
Até logo. (*Ao sahir pela direita Manoel Beckman o acompanha até o fundo e, ahí, conversam*) (**).

EUGENIO RIBEIRO

Thomaz, não poderia
Maior serviço nos prestar de certo.
Oxalá, que partir co' os padres possa ! (*Thomaz sae e Manoel Beckman vem para a frente*)

SCENA X

OS MESMOS MENOS THOMAZ, PADRE ELIAS E DEPOIS
LAZARO DE MELLO

PADRE ELIAS (*entrando da esquerda*)

Até que, finalmente, as negras aves
De pouso vão mudar ! Deos as conduza !...
Que jamais para aqui voltar intentem.

MANOEL SERRÃO

Quem vos dêo a noticia, padre Elias ?..

PADRE ELIAS

Estava no Collegio e ouvi, com jubilo,
Tal ordem, ao Reitor, ser transmittida !...
Os jesuitas todos preparados
Para a festa dos ramos, pretendiam
Dar-lhe começo quando, espavoridos,
A se apromptar para a partida correm,
Implorando, a Jesus, que os soccorrêsse !...

MANOEL SERRÃO

Se aqui não celebraram essa festa,
Em Portugal que busquem celebra-la !..

MANOEL BECKMAN

E vê-los-hei partir pensando ainda
Que suas sombras hão de perseguir-nos !
Porem, (*mudando de tom*) Lazaro, tarda...

(**) Os Jesuitas partiram a 18 de Março de 1684 e T. Beckman em 22 de Outubro do mesmo anno.

PADRE ELIAS

... Ei-lo que chega,

LAZARO DE MELLO (*entrando*)

Tudo está prompto, e, tão somente, á espera
Do primeiro signal.

MANOEL BECKMAN

... Pois vai e ordena
Que seja dado já. Não percas tempo. (*Lazaro sae*)

SCENA XI

OS MESMOS MENOS LAZARO DE MELLO

EUGENIO RIBEIRO

Que d'esta arte a anarchia, em fim, termine,
Que tremenda reinava á sombra d'elles.

PADRE ELIAS

Anarchia !... dissestes vós, Eugenio ?!..
Podeis accrescentar : terror enorme,
Usurpações, demandas sempre injustas
Ganhas pela influencia jesuitica,
E, apenas, em proveito d'essa ordem
Do grande Santo Ignacio de Loyola!..
Para não regressar, que partam todos !

MANOEL SERRÃO

Obrigados estão a não voltarem,
Por juramento escripto que fizeram.

PADRE ELIAS (*com escarnco*)

Juramento por elles feito e escripto !..
Quem pode crêr no que taes padres juram ?..
Quasi sempre promettem o contrario
D'aquillo que, fazer tenazes querem.

Vereis que, embora escripto o juramento,
 —Sem vir para o futuro a ser cumprido—
 No papel ficará gravado apenas.
*(Ouve-se ao longe um tiro de peça e depois a pequena distancia,
 os repiques dos sinos do Collegio de N. S. da Luz)*

MANOEL BECKMAN *(que tem estado pensativo)*

Eis o signal !... *(continua pensativo e senta-se)*

PADRE ELIAS

... Os sinos do Collegio,
 A exactidão dos padres patenteiam !...
 E .. creio que d'aqui será possível,
 Vê-los passar.

MANOEL BECKMAN

... De certo; os reposteiros
 Sendo corridos..

MANOEL SERRÃO

... Sim ; vamos corrê-los.

(O Padre Elias, Manoel Serrão e Eugenio Ribeiro correm os reposteiros. Pela arcada da esquerda vê-se o Collegio de N. S. da Luz; pela do meio e mais ao longe, o mar; e, pela da direita, um môrro, no qual está apinhado o povo, indios etc. etc. Os sinos do Collegio continuam a repicar. Miserére na orchestra. Os padres saem do Collegio, dois a dois, e passam proximos ds arcadas, da esquerda para a direita, com as palmãs de ramos apoiadas nos hombros, rezando a meia voz e cabisbaixos. Dois d'elles, em uma rêde, trazem um padre que, por velho, não pode andar).

SCENA XII

OS MESMOS E LAZARO DE MELLO

LAZARÒ DE MELLO *(entrando pelo fundo)*

Lá saem *(apontando)* do Collegio, em fim, os padres !...
(Pausa. Todos, menos Manoel Beckman, ficam olhando attentamente para o fundo, em quanto vêm se aproximando os jesuitas. Lazaro continuando).

Dentro d'aquella rêde vai deitado,
 Um que, por velho, caminhar não pode !

PADRE ELIAS

E quem dirá, ao vê-los cabisbaixos,
Resignados a sua triste sorte,
Que o rancôr e a vingança lhes refervem,
Nos crueis corações repletos sempre
De cobiça voraz e insaciavel !... (*Manoel Beckman, indica
tal ou qual desgosto ou contrariedade*)

Ah ! sejam essas palmas, emblematicas,
Do Domingo de Ramos que, ainda hoje,
Pensaveis festejar impunemente,
A perpetua lembrança d'este dia
No qual, mais uma vêz, fôstes mandados
Para um longe degredo, por nocivos
Ao socego, moral, progresso e ordem,
D'esta bella Colonia, hoje, liberta
Da vossa hypocrisia e traficancias !
Ide ; aqui ficaremos nós e unisonos,
O *Réquiem Eternam* cantaremos
A' fatal influencia que exercieis !

MANOEL BECKMAN (*levantando-se*)

Silencio, Padre Elias; sim, calai-vos !...
Respeitemos um acto tão solemne !..
Sejamos generosos e curvêmo-nos
A' essa resignação quasi evangel'ca,
Vendo que vão, alli (*apontando*) como os que sobem,
Um por um os degrãos da desventura ! (*Ao vêr passar um
padre, corre para elle e abraçando-o.*)
Padre Antonio Gonsalves !.. Meo amigo !
Se o dever não tivesse tanta força,
Jamais de vós cuidara separar-me ! (*os Jesuitas param*)

ESTEVÃO GANDOLF (*que está perto de Antonio Gonsalves, arran-
ca-o dos braços de Manoel Beckman e, solemnemente.*)

Segui para diante padre Antonio...
Reprobos merecer jamais puderam,
Osculos fraternas de um sacerdote !

MANOEL BECKMAN (*impressionado, volta á scena, cae em
uma cadeira e exclama triste*)

Ah !.. que vingança !..

ESTEVÃO GANDOLF (*solemne, e, em frente d arcada do meio*)

... Beckman, vós fizestes-nos

Hoje calcar o trilho do degrêdo. (*aponta para a direita*)
Talvez vos façam percorrer em breve, (*aponta para a es-*
O tremendo caminho do patibulo ! (*querda*)
(*Para os padres*) Irmãos, sigamos !...

PADRE ELIAS (*estigmatizando-os*)

Rancorosas viboras !...

CAE O PANN0.

ACTO IV

(A mesma decoração do terceiro acto.)

SCENA I

LAZARO DE MELLO e COSTA BELLO (*ambos sentados,
conversam baixo por alguns segundos*)

LAZARO (*levantam-se*)

Sim, muito bem ; fiquemos certos n'isto...
Em desmantêlo estava a infantaria,
Mas, ao Sargento mór... ao Costa Bello...

COSTA BELLO

De vossa Senhoria humilde servo.

LAZARO DE MELLO

Obrigado. Negar, porem, não podem
Que, simplesmente a vós, é que se deve
O bellicoso aspecto e a disciplina
Que ella, agora, ostentar altiva alcança,
Como se fósse um batalhão sujeito
A longos e continuos exercicios.

COSTA BELLO

Sois amavel de mais para comigo...

LAZARO

Vós bem o mereceis, Sr. Sargento...
No emtanto, o que de vós sem falta espero,
E' que vossos soldados se conservem
Obedientes sempre ás minhas ordens.

COSTA BELLO

Não só elles, senão minha pessôa.
Jamais hei de esquecer-me, Sr. Lazaro,
De que, a não dar-se o vosso grande empenho,

Não me empossavam nunca d'este cargo,
Para o qual nomeou-me, ha poucos mezes,
O mui nobre governo da metrópoli.

LAZARO DE MELLO

Os passos vos pedi que não seguisseis
D'esse fatuo mancebo que, comvósco,
Chegou aqui, para exercer, miserrimo !...
O cargo de Ouvidôr !... Inda me rio
Da bizarrice d'esse pobre parvo !...
Quiz ostentar severidade enorme,
Jurando, até, pronunciar a todos
Que tinham se envolvido na revolta !..
Atormentado por baldões e vaias,
Pelo povo coagido foi, por ultimo,
Para o norte a fugir... como um covarde !

COSTA BELLO

Mas tambem, com razão, me aconselhastes
A mostrar que approvava tudo quanto
Haviam resolvido os revoltosos,
Para com elles sendo sempre amavel.
Nada... nada, porem, valor tivera,
Se não fosse a influencia e alto prestigio
De que gozaís perante a nobre *Junta*
Dos *Tres Estados*, que attendêo de prompto
A tudo o que, por mim, então pedistes.

LAZARO DE MELLO

Era preciso dar-vos, com urgencia,
O commando de toda a nossa tropa.

COSTA BELLO

Era, preciso, sim; não o contesto.
Os paizanos sujeitos ao serviço
Especial de nossa soldadêscã,
Supportar não podiam por mais tempo
As vigalias, as rondas, os rebates
E, até, algumas noites sem descanso,
Nem de um minuto, e ao tempo sempre expostos.
Alem d'isto a saudade das familias,
Das roças, dos engenhos, das modinhas
Em noites de luar, os affligia
E tanto lhes ralava o peito e o espirito,
Que, desejavam com fervor crescente,

Vêr nossa infantaria organisada,
 Por poderem volvêr aos dôces lares.
 De tudo me informei, eu não vos nego;
 Porem dentro em meo peito ainda existe,
 E, eterna, hei de guardar pura a lembrança
 Do quanto vos devi e devo ainda.

LAZARO (*passando para a esquerda e á parte*)

Este sargento é, certamente, um nescio !...
 (*alto*) Muito exagera os meos pequenos prestimos.
 Que tremendos perigos se aproximam,
 A Junta é a primeira quem receia,
 E, a meo padrinho, as vezes, tenho ouvido,
 Por fatal presciencia avassallado
 Tristonho praticar sobre o destino
 Que o porvir, sempre incerto, lhe prepara ;
 E, se aqui, não chegassem, por acaso,
 Ha dias, dois navios d'esse Estanco,
 Que, por nós, com acerto foi extinto,
 — Navios que traziam grande carga,—
 Abandonado já teria o povo,
 D'essa revolta a vacillante causa,
 Da anarchia a bandeira desfraldando !...
 Era, por tanto, quasi imprescindivel
 O vosso auxilio; e, assim, por vós pedindo,
 A favôr da revolta eu trabalhava.

COSTA BELLO

Compreendo. Mais força e mais relêvo
 Dar pretendeis ao que, por mim, fizestes.
 D'esta arte, é que a modestia nos dirige.

LAZARO

Não sou modesto, sou sincero apenas.

COSTA BELLO

Não duvido, Senhor; porem não deixo,
 Nem jamais deixarei de ser-vos grato.

LAZARO DE MELLO

Provais, Sargento mór, com taes palavras,
 Que sois reconhecido aos que se prezam
 De inscrever-vos, no rol, de seos amigos. (*Ouvem-se vivas
 a Manoel Beckman. Lazaro sobresaltado*)
 Já de volta !... Sr. Sargento, peço-vos...

Sim... será... não, de certo é necessario,
 Senão conveniente irdes agora, (*apontando para a esquerda*)
 P'ra aquelle gabinete; e, a vossa tropa
 Que se conserve preparada e alerta,
 Obedecendo em tudo as minhas ordens.

COSTA BELLO

P'ra mim, Senhor, a gratidão é um culto.
 Podeis contar comigo até a morte. (*sae pela esquerda*)

LAZARO DE MELLO

Laura, ah ! cruel ingrata, assim o queres !...
 O Sargento será contra a revolta,
 E não contrario ás tropas que se esperam.

SCENA II

O MESMO, MANOEL BECKMAN, EUGENIO RIBEIRO e
 MANOEL SERRÃO (*entram pelo fundo*)

MANOEL BECKMAN (*ainda no fundo*)

Foram, por certo más, ou antes pessimas,
 Do Pará as noticias recebidas. (*vindo para frente*)
 E não menos peiores, por desgraça,
 As que vos trago da Tapuytapéra. (*)
 Sim, foram muito más essas noticias ! (*sentam-se*)
 Estranhou, de Belém, a altiva Camara
 Os excessos a que nos arrojamos,
 Quando até na bondade e na justiça
 Do Real Soberano, encontraríamos
 Prompta réparação aos nossos males,
 Se acaso, humildemente, nos queixassemos.

EUGENIO RIBEIRO

Ponto que foi por nós bem discutido.

MANOEL BECKMAN

Continuar, Senhores, a ficarmos
 N'aquelle tempo escravos dos autócratas,
 Que, tyrannos, contavam desgraçar-nos,
 Seria humilhação, seria infamia.

(*) Hoje cidade de Alcantara,

Seria abandonar nossos direitos,
Seria, em fim, covardes, concorrermos,
Para a completa ruina d'esta terra !..
Revoltamo-nos, sim ; porem não contra
O alto e regio poder do soberano !
Hoje, sentir podemos com orgulho,
Nossas almas soberbas se enlevarem,
Em face do progresso desmarcado,
Para o qual se encaminha esta colonia.
E devo presumir que de viagem
Estará meo irmão, talvez, trazendo
A real amnistia aos revoltosos.

EUGENIO RIBEIRO

E, no caso contrario, a consciencia
Nos diz, Senhores, que cumprido havemos
Os preceitos leaes de amor á patria.
Venha o perdão, ou duras ordens venham
Para prender-se os revoltosos todos,
Que nos hão de encontrar no posto de honra. (*)

LAZARO DE MELLO

E prompta como está a infantaria,
Poderemos vencer, sem grande esforço,
As tropas que, do Reino, ousadas cheguem.

MANOEL BECKMAN

Approvados não sendo nossos actos,
A resistencia alem de temeraria,
Inteiraente inutil se me antolha.
Se fossemos agora vencedores,
Seriamos vencidos n'outra luta !...

MANOEL SERRÃO

Que importa que, mais tarde, uma derrota
Sofframos todos nós ? O que nos cumpre
E' lutar com valôr até a mortê.

MANOEL BECKMAN (*desanimado*)

Enganai-vos, Serrão. Se, El-Rei, negar-se
A nós fazer justiça, aguardaremos,
Resolutos e calmos a sentença,

(*) *Vide a nota no fim.*

Contra nós proferida, embora horrivel !...
Jamais devemos proceder de fórma,
A suporem que tinhamos o intuito
De aniquilar o portuguez dominio,
Para nossa independencia conquistarmos !

EUGENIO RIBEIRO

Mas se não resistirmos, firme eu creio
Que havemos de ser prezos e julgados
Miseros fracalhões, pécha mais negra
Que a de traidôres ao real governo !...
E não deveis, Manoel, ser o primeiro
Que, por firme respeito ao luzo thrôno,
Venha exhibir, com tal abatimento,
Timidas theorias relativas
A' causa a que, sinceros, adherimos !
Não ; vós que sois um homem bravo e illustre,
De uma alma grande e de prestigio immenso,
Não nos dareis, por certo, máos exemplos.

MANOEL BECKMAN (*levantam-se*)

Sois tambem a favor da resistencia ?...
Acaso pretendeis que se nivele
A dedicação, nobre, altiva e bella,
Com a covardia, baixa, infame e horrenda ?...
Quereis, em fim, que chegue a confundir-se
A razão com a loucura ? Crêr não posso. (*mudando de tom*)
Estudar deveremos em Conselho
Este importante assumpto. Por em quanto,
Deixai que eu vá, repleto de saudades,
Abraçar a mulher e as caras filhas.
Regressarei d'aquí a dois minutos. (*sae pela direita*)

SCENA III

OS MESMOS MENOS MANOEL BECKMAN

LAZARO DE MELLO

Não acharam que trouxe meo padrinho,
Gravadas no semblante austero e nobre,
A inquietação e as sombras da tristeza ?...

EUGENIO RIBEIRO

Inquieto e triste, não ; mas abatido
 E como quem contempla, toda em nevoas,
 Transformar-se a esperança que o alentava !...
 Foi uma prova assaz penosa e rude
 Ter a Tapuytapéra nos negado
 Ou forças de que tanto precisamos,
 Ou, seo moral apôio á nossa causa.
 Não sei, por que fatal destino, os homens
 N'este mundo, mais amão, quasi todos,
 O interesse, o egoismo, os grandes lucros,
 Do que da patria o rapido progresso !
 Beckman, não quer bater-se, preferindo
 Subordinar-se ás tropas que se esperam.
 Não, que lhe falte intrepida coragem ;
 Não, que, a esta Colonia, amor lhe falte :
 Nem por que preste ao throno firmes preitos ;
 Mas, sim, por ser escassa a infantaria,
 E grande insensatez contar ao certo,
 Com o auxilio efficaz do nosso povo.

LAZARO DE MELLO

E' pouca a infantaria ; mas, unida
 Aos que nos são leaes e dedicados,
 Talvez comsiga cheia de heroismo
 Derrotar essas tropas que, suppômos,
 Devem chegar do Reino p'ra depôrem,
 Do governo interino, os revoltosos.

EUGENIO RIBEIRO

E nós tamt em Serrão, fômos ha pouco,
 Em pról da resistencia.

MANOEL SERRÃO

.... Continúo,

E hei-de sempre pensar da mesma fórma.
 Ou lutar, ou morrer.

EUGENIO RIBEIRO

.... Bem ; entretanto

Se fallei a favor da resistencia,
 — Embora a considere quasi inutil ; —
 Se fui até, talvez, de mais energico,
 Tive apenas em mente erguer o espirito,
 Do nosso prestimoso amigo e chefe.
 Do mar a prepotencia infatigavel,

Em vão contra os rochedos se debate ;
 Mas, na vida, a lutar contra os revézes,
 Dos homens, o mais forte, o mais heroico,
 Se resiste, afinal, tomba ou succumbe!
 Desgostoso, a soffrer contrariedades,
 Vendo o povo a fugir para o reconcavo,
 Não tendo, de Thomaz, noticia alguma,
 Obrigado, por fim, a confiar-se
 N'esse, Sargento mór, tão aferrado
 A's rigorosas leis da disciplina !...
 E... quem nos póde garantir ainda,
 A sua inabalavel lealdade ?...

LAZARO DE MELLO (*forte*)

Eu !

SCENA IV

OS MESMOS, MANOEL BECKMAN E, POUCO DEPOIS,
 COSTA BELLO

MANOEL BECKMAN (*que ouve as ultimas palavras ao entrar da direita*)

Bem fraca experiencia tens, ó Lazaro !...
 Do que são, em geral, no mundo os homens.

LAZARO (*tremulo e á parte*)

Ah ! quem sabe se, Laura, não... não creio !...

MANOEL BECKMAN (*vindo para a frente e para Costa Bello que entra da esquerda*)

A que vindes ?...

COSTA BELLO

Senhor, um emissario
 Que chegou do Pará, á toda pressa...

TODOS (*menos Costa Bello, muito admirados*)
 Do Pará ! !...

COSTA BELLO

...E da parte do Governo.

MANOEL BECKMAN

De Francisco de Sá ?...

EUGENIO RIBEIRO (*para Manoel Beckman*)

...O caso é grave !...

MANOEL BECKMAN (*para Costa Bello*)

Porém, dizei ; quem é, e o que pretende ?...

COSTA BELLO

E' Hilario de Souza e, deprecou-me
De entregar-vos em mão esta missiva. (*entrega um officio*)

MANOEL BECKMAN (*recebe o officio*)

E não terá resposta ?...

COSTA BELLO

...Apenas disse
Que aguardava, Sr., as vossas ordens.

MANOEL BECKMAN (*pequena pausa*)

Bem ; esperai alli (*aponta para a esquerda*)

... 'té que vos chame.

(*Costa Bello sae pela esquerda, fazendo a continencia militar*).

SCENA V

OS MESMOS, MENOS COSTA BELLO

MANOEL BECKMAN

Só por algum motivo imperioso,
E' que o Governador á mim dirige-se. (*vem para a frente*).
(*Pausa*) Que quer ? oh !.. que intenções serão as suas ?..
Vejamos. (*voltando-se para os outros*). Com licença.
(*abre e lê*).

... Ah !... Lêde Eugenio, (*dando o officio*).
E vós amigos ; igualmente... lêde...

(*Os outros agrupam-se lendo*)

EUGENIO RIBEIRO (*fallando*)

Hilario em commissão !...

MANOEL SERRÃO

... E reservada !...

EUGENIO RIBEIRO (*dando o officio a Manoel Beckman*)

Um tal procedimento causa espanto !
Deveis ouvir a Hilario, quanto antes,
Retiremo-nos.

MANOEL BECKMAN

... Não ; ficai, vos rogo.
A causa que abracei não me pertence,
Porem, a todos nós. Sendo aliados,
Não me cabe com vósco ter segredos.

EUGENIO RIBEIRO

Nos mereceis tão grande confiança
Que não crêmos em vós, seria um crime.

MANOEL BECKMAN

Muito obrigado ; mas, as vezes, dão-se
Por força do destino, ou do accaso,
Occurrências, no mundo, de tal ordem
Que, illimitada seja muito embora,
A confiança que inspirar-se possa,
Todavia affirmar jamais devemos,
Que estamos livres de sentir um dia,
Da suspeita os farpões nos trucidarem.

EUGENIO RIBEIRO (*com gravidade*)

Oh !.. pretendeis, Manoel...

MANOEL BECKMAN (*com firmeza*)

... Não me refiro
A vós, nem a nenhum dos meos amigos.
Incapaz eu seria de offender-vos.
Referia-me, sim, a inconsequente
Opinião popular que, com mil bôcças,
Idéas mil desata em um segundo,
Sempre diversas, incoherentes sempre !...
Mecs actos todos devem ser bem publicos,
E, pois, condescendei, eu vo-lo peço..
Sim... entrai para aquelle gabinete. (*apontando para a
direita baixa*)

EUGENIO RIBEIRO

Cedemos, para não contrariar-vos, (*saem*)

SCENA VI

MANOEL BECKMAN (*vae ao fundo á esquerda e falla para fóra*)

Dizei ao portador, Sr. Sargento,
Que estou á sós e posso recebel-o.
Retirai-vos depois. (*vindo para a frente*)
... Me abala o espirito,

Um prenuncio fatal de atroz desgraça !
(*Vendo Hilario que entra e fica parado junto a porta á esquerda baixa*)

Entrai, Sr. Hilario... (*Hilario vem para a frente ; cumprimentam-se seriamente. Manoel Beckman continuando.*)
...Mas.. sentai-vos.

HILARIO DE SOUZA

Obrigado, Sr. ; com quanto seja
Importante a missão que foi-me entregue,
Poucas palavras tornam-se precisas,
Para dar-lhe completo desempenho.

MANOEL BECKMAN (*sempre grave*)

Bem.

HILARIO DE SOUZA (*pequena pausa*)

...O Governadôr embora houvesse
Preparado uma força respeitavel,
Resolvêo, todavia, á vós mandar-me,
Para, amigavelmente, instituir-se
Um governo legal n'esta Colonia. (*pausa*)

MANOEL BECKMAN

Continuai, Sr. — Eu vos escuto.

HILARIO DE SOUZA (*continuando*)

Sabendo que de vós, de vós apenas,
E' que depende o publico socego,
Espera que entregueis a presidencia,
Que já não póde mais ser sustentada.

MANOEL BECKMAN

Só isto ?...

HILARIO DE SOUZA

...Não, senhor.

MANOEL BECKMAN

... Que mais, dizei-me ?...

HILARIO DE SOUZA

Para que não julgueis que tal pedido
Encobre uma traição ou fingimento,
A vós, senhor, com toda a lealdade,
Para sahirdes da Colonia, envia (*dando-as*)
Estas cartas patentes, concedendo-vos
Plena amnistia e o posto mais distincto,
Na civil gerarchia d'este Estado.

MANOEL BECKMAN

Amnistia á mim só e não a todos ?

HILARIO DE SOUZA

Por enquanto, senhor., a vós somente.

MANOEL BECKMAN

Vossa missão, só n'isto se resume ?

HILARIO DE SOUZA

Devo ainda dizer que a mais honrosa
Das condecorações, a vós garante,
E que, por mim, (*com reserva*) occultamente, manda (*Met-*
tendo a mão no bolso)
A quantia de quatro mil cruzados... (*Retira a mão a um*
gesto expressivo de Manoel Beckman)

MANOEL BECKMAN

De mais nada, Sr., vos incumbiram ?

HILARIO DE SOUZA

De nada mais, Sr ; vossa resposta,
Ora aguardo com toda a reverencia.

MANOEL BECKMAN (*com dignidade*)

A Francisco de Sá, Sr. Hilario,
Resolvo devolvêr e sem abri-las,
Estas cartas patentes. Recebei-as. (*entrega-as*)

HILARIO DE SOUZA (*recebendo-as*)

Reflecti !... meditai ! não é possível !... (*crescendo*)

MANOEL BECKMAN (*grave*)

Tenho vossa missão por concluída,
E, pois, Sr. Hilario, se quizerdes... (*comprimenta e aponta
para a porta*)

HILARIO DE SOUZA

Ainda não.

MANOEL BECKMAN (*admirado*)

... Porque ?!

HILARIO DE SOUZA

... Porque pretendo,
Perante o que valeis interessar-me,
Quanto couber em minhas deveis forças,
Para acceitardes, sim...

MANOEL BECKMAN (*positivo*)

... Regeito tudo.

HILARIO DE SOUZA

Vós regeitais porque, talvez, ainda
Ignoreis que, a qualquer instante pode
Chegar de Portugal reforço enorme.

MANOEL BECKMAN

Ha de encontrar-me firme no meo posto.

HILARIO DE SOUZA

Se esse reforço já 'stivesse á vista?
Se até desembarcar pudesse em pouco?..

MANOEL BECKMAN

Pretendeis, por ventura, intimidar-me,
Ou quereis que supponha estardes louco?

HILARIO DE SOUZA

Por Deos, por vossa esposa e vossas filhas,
Que acceiteis, vos supplico...

MANOEL BECKMAN

... Está cumprida
Vossa missão. Podeis quando julgardes... (*acendendo para
a porta*)

HILARIO DE SOUZA

Pensai melhor, Senhor,

MANOEL BECKMAN

... No mundo, a morte
E' da vida a mais certa contingencia.
Desprezo aquella, mais venero a honra.
Podeis vos retirar.

HILARIO DE SOUZA

(*d parte*)... Fiz o que pude.
(*alto*) Vou deixar-vos, pore:m, do fundo d'alma,
Lamento essa cruel fatalidade,
Que, insensivel, arrasta á morte um homem,
Dotado dos mais nobres sentimentos.
(*vindo para frente*) Oh! Maranhão! deveis amargo pranto
Desprender, quando um dia, infelizmente,
Chegardes a perder tão grande vulto!
(*para Manoel Beckman*) Sr, eu me retiro, sim, mas antes,
Como um homem de bem, que a honra préza,
Um favor merecer, de vós, espero.

MANOEL BECKMAN

Que desejais, Senhor?..

HILARIO DE SOUZA

... Deixai, vos peço,
Que com orgulho a vossa dextra aperte.

MANOEL BECKMAN (*dando-lhe a mão direita*)

Ei-la. (*apertam-se as mãos*)

HILARIO DE SOUZA

... De coração vos asseguro
Que nunca olvidarei, em quanto vivo,
A honra que acabais de conceder-me!... (*Hilario comprimenta, sae pela esquerda e Manoel Beckman o acompanha até a porta*)

SCENA VII

MANOEL BECKMAN, EUGENIO RIBEIRO, PADRE
ELIAS, e MANOEL SERRÃO (*entram da direita*)

EUGENIO RIBEIRO (*correndo e abraçando Manoel Beckman
que vinha para a scena*)

Sois, em tudo, Manoel, grandioso e nobre!...

MANOEL BECKMAN

Busquei o meo dever cumprir apenas.

MANOEL SERRÃO

D'esta arte, é que se augmenta e revigora
O respeito que a vós tributam todos

PADRE ELIAS

E que mais importante, ou mais sublime
Episodio profano encontraria
Para um novo sermão ?... Se canto as glorias
E as immortaes virtudes do Deos Homem,
Dos homens as virtudes invejaveis,
Que puderem servir de exemplo ao mundo,
No pulpito cantar tambem eu devo !
E quanta differença, em vós, ó Beckman !
D'esses Governadoies que mandavam
De lá, de Portugal, para regerem,
Villões !... o nosso malfadado povo !...

MANOEL BECKMAN

De mais engrandeceis, caros amigos,
Esse meo proceder. Era impossivel
Acceitar um favor que não dissesse,
Respeito a todos nós, e concedido (*com desco*)
Por Francisco de Sá ! Quem, de tal homem,
Descesse a receber qualquer offerta,
Lançaria por terra o seo prestigio.
A honradez, não se liga nunca á infamia !...
De mais, se a propria morte não me aterra,
Como temer podia as ameaças
Com que tentou, Hilario, assoberbar-me ?.
Se tenho o coração encarcerado (*levando a mão ao coração*)
N'uma estreita prizão, elle palpita
Vizando sempre vastos horizontes,
Sempre vizando o bem da humanidade!
Posso um dia abater-me na desgraça,
Mas sempre a honra a sustentar altivo !

MANOEL SERRÃO

E quando á resistencia vos oppunheis,
Foi que tentaram vir intimidar-vos !...
Que nescios ! Que insolentes !... Oh ! buscarem
Dinheiro offerecer-vos, convencidos
De que podiam subornar um homem
Que, tudo quanto ganha, alegre espalha,
Por aquelles que vivem na penuria !..

E havemos de guardar fidelidade,
 A quem assim, vilmente, nos governa ?...
 E havemos nós de amortecer os braços,
 De entregar as cabeças ao carrasco,
 Não resistindo ás tropas que se esperam ?...
 Quando se morre, defendendo a vida
 No campo da batalha, a morte é gloria
 Para aquelle que tomba heroe na luta !
 Lutemos, pois; lutemos..

MANOEL BECKMAN

... Eu não creio
 Na rapida chegada d'essas tropas,
 Apesar da linguagem positiva,
 Empregada, 'inda ha pouco, por Hilario.
 Necessario é, porém, nos prevenirmos.

EUGENIO RIBEIRO

E que falta nos faz Sampaio, agora,
 Que, talvez, precisemos de recursos!

MANOEL BECKMAN

Sampaio ! pobre amigo, alem recluso,
 No Convento do Carmo 'inda vegeta !..
 Sua idade e fortuna, embora grandes,
 Nem ao menos tambem seo alto merito,
 Para o povo, que tanto provocava,
 De nada inteiramente lhe valeram.

PADRE ELIAS

E, a vós, foi que devêo poder salvar-se.

MANOEL BECKMAN

Sim ; pretendêra o povo estrangula-lo !..
 Pobre Sampaio !... Mal sabia ainda,
 Que o povo, em toda a parte, é sempre o vasto,
 O infinito oceano que conserva-se
 Sereno e calmo ao sôpro das aragens,
 Que sabem lhe embalar a superficie ;
 Mas que, se acaso, o vendaval o açouta
 Impetuoso, indomavel, se alevanta !...

(Ouve-se rumor ao longe)

TODOS *(admirados)*

Oh ! Que é isto ?...

PADRE ELIAS

... E o tumulto vai crescendo !

VOZES MAIS PERTO

(umas) Será do Reino ?*(outras)* ... Não, é um corsario !..MANOEL BECKMAN *(apontando para o fundo)*

E' para alli que todos nós devemos

Desde já dirigir-nos. *(puxando a espada)* Sim, partamos!**SCENA VIII**

OS MESMOS, LAURA E DEPOIS LAZARO DE MELLO

LAURA *(entrando da direita)*Manoel, por Deos, te peço; não, não saias, *(impedindo-lhe a saída)*
Não desampares tua esposa e filhas !...

MANOEL BECKMAN

Laura, o dever....

LAURA *(interrompendo-o, fóra de si)*

...Dever ? !.. Dizei.. a morte !..

Sim, Manoel, é só ella que te chama,
Para arrancar-te dos meos ternos braços,
E lançar minhas filhas na orphandade !
Vamos para Santa Cruz, onde podemos,
Livres ficar d'esse perigo ingente.MANOEL BECKMAN *(vozes ao longe)*

Do povo a gritaria tu não ouves ?..

Não vês que abandona-lo é impossivel ?..

Deixa-me...

LAURA *(prendendo-o sempre)*

...Não.

MANOEL BECKMAN *(contrariado)*

..Contêm-te...

LAURA *(crescendo)*

...Não, não deixo

Que te affastes de mim nem um instante.

Prediz-me o coração desgraças proximas !...

LAZARO (*entra precipitadamente da esquerda*)
Nós estamos perdidos ! (*grande vida em scena*)

TODOS

... Ah !...

MANOEL BECKMAN

... Que dizes ? !...

LAZARO (*vai ao fundo e corre o reposteiro do meio. Vê-se ao longe um navio fundeado*)

Olhai p'ra alli !..* Que vêdes ?.. (*ainda no fundo e apontando para fóra*)

TODOS (*menos Laura*)

... Um navio !...

LAZARO (*todos no fundo e Laura na frente*)

Uma fragata cheia de soldados,
Trazendo um General tambem a bordo.

MANOEL BECKMAN

Ah ! Hilario de Souza não mentio-me !

PADRE ELIAS (*vindo para a frente*)

Santo nome de Deos ! Que resta agora
Senão fugirmos... sim, fugirmos todos ?.. (*com força*)

MANOEL BECKMAN

Não Padre Elias ; procuremos antes
Em face da surpresa ganhar tempo.
(*forte*) E, pôis, Eugenio, a bordo ide depressa,
E se algum General houver chegado,
Em meo nome dizai-lhe que, cumprindo-me
Recebe-lo com as honras merecidas,
Guarde para amanhã seo desembarque.

EUGENIO RIBEIRO (*sahindo*)

Mui bem comprehendí qual vosso plano. (*sae pelo fundo*)

MANOEL BECKMAN (*para Lazaro, com calma*)

Vai ao Sargento Mór, Lazaro, e diz'-lhe
Que tenha a infantaria alerta, prompta
E ao quartel recolhida, mas de fóрма,
A não se acreditar que n'elle exista
De um só soldado nem sequer a sombra,

LAZARO DE MELLO (*sahindo*)

Comprehendo ; vou dar todas as ordens. (*sae pela esquerda.*)

SCENA IX

MANOEL BECKMAN, LAURA, PADRE ELIAS E
MANOEL SERRÃO

MANOEL BECKMAN (*energico*)

Manoel Serrão ; meo caro Padre Elias,
Eis chegado o momento do perigo
E, com elle, de novo reaparece
Em meo peito a coragem, a energia
Que, pouco a pouco, em mim já se abatiam !..
Se, El-Rei, menosprezou-nos ; se essas tropas
Para nos derribar envia altivo,
No renhido combate que travar-se,
Nossas vidas vendamos muito caro,
Briosos, tendo em mente que batemo-nos
Pela prosperidade d'esta terra !..
Vamos... segui-me !... (*ao sahir, Laura se lhe interpõe.*)

LAURA (*de braços erguidos e como louca*)

...Não. (*desce os braços e n'elles enlaça o marido*)

MANOEL BECKMAN (*constrangido*)

...Deixa-me, Laura !..

Queres que seja tido por covarde ?.. (*ambos caminhando para a frente*)

Até logo, ou então na eternidade !... (*arrancando-se dos braços d'ella e sahindo*)

LAURA

Manoel !.. Ah !.. não !.. eu morro !.. (*cae desfallecida ; Manoel Beckman volta á scena com os outros, deixando a espada qe cae-lhe das mãos. Levantam Laura e sentam-na.*)

MANOEL BECKMAN (*grande luta se lhe passando n'alma. Manoel Serrão apanha a espada e mette-a na respectiva bainha*)

..Abandona-la,

Vendo-a, meo Deos !.. tão proxima da morte !..

E o dever a chamar-me ! Isto é horrivel !..

E' o destino a querer manchar meo nome !..

Fatalidade atroz !.. por que mysterio

Rija me prendes com teos ferreos pulsos?... (*pausa*)
 Laura!.. ó céos! e não desperta!.. e o tempo corre!..
 Ide, Serrão, e dai as providencias
 Que em tal caso por mim seriam dadas.

MANOEL SERRÃO (*sahindo com a espada em punho*)

Podeis vos confiar nos meos esforços. (*sae*)

SCENA X

MANOEL BECKMAN, LAURA E O PADRE ELIAS

MANOEL BECKMAN (*em luta intima, fazendo esforços para reanimar Laura*)

Ah!.. Laura! minha Laura! Esse desmaio...
 E em que momento o' Padre, ó meo amigo!
 Que tormentos crueis ferem minha alma!..
 Aqui, pallida e fria a cara espôsa,
 Alem, a se exigir minha presença!..
 Dever, contra dever!.. Que dois gigantes
 Dentro em meo peito féros se debatem!..
 Ah!.. Laura, minha espôsa, ó sim, desperta
 Não me faças carpir tão crua angustia!..
 E sempre, sempre ó Deos!.. inerte e muda,
 Sem me deixar correr da honra ao campo!.. (*pausa*)
 Em fim! já torna a si!.. eis-me a teo lado...

LAURA (*despertando*)

Manoel!.. (*levanta-se*) Meu caro espôso!.. felizmente,
 Aqui, ficaste e agora... sim.. partamos!
 Tudo está preparado para a fuga.
 Vamos; a tua espada não procures
 Desembainhar, jamais, contra o governo
 Do nosso Soberano! oh! não te esqueças
 De que trahindo El-Rei, trais tua patria!..

SCENA XI

OS MESMOS, EUGENIO RIBEIRO E, DEPOIS, LAZARO DE MELLO

MANOEL BECKMAN (*para Eugenio Ribeiro que entra em sobresalto*)

Já 'stais de volta!.. (*sorpreso*)

EUGENIO RIBEIRO

...Sim ; nem tive tempo
Para chegar a bordo da fragata !
Em grandes escaléres toda a tropa,
Para o nosso arsenal já se dirige.

MANOEL BECKMAN (*sahindo*)

A infantaria e o povo hão-de ajudar-nos !

LAZARO DE MELLO (*entrando ao mesmo tempo*)

Traição por toda parte !.. (*fingindo-se assustado*)

MANOEL BECKMAN

.. 'Inda o não creio !..

LAZARO DE MELLO

Não ; é certo. Esse infame Costa Bello,
Esse villão Sargento atraçoou-nos !..
A nossa infantaria, ao seo commando,
Da tropa o desembarque até protege !

MANOEL BECKMAN (*ancioso*)

E o povo ? !..

LAZARO DE MELLO

...Amedrontado foge em massas
Do mais covarde e vergonhoso modo !..

MANOEL BECKMAN (*extatico e depois crescendo*)

O povo abandonar-me ? !.. O povo !.. o povo !..
(*com magoa*) Oh ! não posso admittir tão negra infamia !..

LAZARO DE MELLO

Infelizmente o fêz !.. (*ouvem-se vivas ao governador*)

LAURA (*que tem durante esta scena se mostrado inquieta*)

...Ah !.. tu não ouves

Esses vivas, Manoel ?.. Que mais esperas ?..
Fujamos, sim, ; fujamos, meo espôso !..

MANOEL BECKMAN (*commovido, porem activo*)

Trahio-me a infantaria !.. o povo foge !..
Impossivel se torna a resistencia !..
E, pois, fugi tambem... sim, fugi todos !..
E vós, Eugenio, minha espôsa e filhas
Fazei o que puderdes por salva-las,

LANRA (*afflicta*)

E tu Manoel ?..

MANOEL BECKMAN (*imperioso*)

... Não te demores, corre !..

EUGENIO RIBEIRO (*para Manael Beckman*)

Vinde connôsko.

MANOEL BECKMAN (*firme*)

... Não.

PADRE ELIAS

Quereis ser prezo ?..

MANOEL BECKMAN (*imponente*)

Desejo vêr primeiro todos salvos,
Para depois buscar tambem salvar-me.
Ide ; deixai cumprir-se o meu destino.

LAURA

Deixar-te espôso e partir só... não quero !..
Prefiro conservar-me a ti unida,
Embora affronte os impetos da morte !..

SCENA XII

OS MESMOS, E MANOEL SERRÃO

MANOEL SERRÃO (*da direita e apressado*)

Mais um terrivel golpe, em nós desfecha
Com toda a furia a mão da desventura !..
Thomaz.. pobre Thomaz !.. entre soldados
Desembarcou de algêmas carregado !

MANOEL BECKMAN (*imperioso*)

Meo pobre irmão ! Cruel destino ! Amigos
No meu posto ficar eu mais não devo,
Conforme tinha, em mente, resolvido.
Em mim, agora, outro dever impéra,
Dever sagrado imposto pelo sangue !..
Serrão, acompanhai-me, sim, partamos
A vêr se ainda me será possível
Libertar essa victima primeira,
De entre os que se envolveram na revolta !

LAZARO DE MELLO

Não quereis que, comvôsko, tambem siga ?...

MANOEL BECKMAN

Não ; ficarás aqui prestando auxilio
 A' partida dos meos ; depois, sem falta,
 Por entre o povo procurar me deves.
 Eugenio, adeos ; adeos meo Padre Elias ;
 E tu, espôsa, (*abraçando-a com impeto*)
 ...foge, e a minha benção,
 Em nossas filhas, entre beijos lança !... (*arrancando-se
 dos braços de Laura e voltando-se para Serrão*)
 Vamos. (*saem pela direita*)

LAURA (*fóra de si*)

...Adeos, Manoel, adeos espôso !...

LAZARO DE MELLO (*que tem ido ao fundo, vem para a frente*)

Não podemos perder,*nem um minuto...
 O povo para aqui já se encaminha...
 Fujamos !

EUGENIO RIBEIRO

...D. Laura, acompanhai-me.

(*Suem pela direita; ouvem-se vivas a Gomes Freire, ao General, etc., que vão se approximando ; quasi em seguida, entram Costa Bello e alguns soldados*).

SCENA XIII

COSTA BELLO E OS SOLDADOS (*pelo fundo*) E DEPOIS
 LAZARO (*pela direita*)

COSTA BELLO

Viva El-Rei !...

TODOS

...Viva !..

COSTA BELLO (*olhando em torno*)

...Camaradas, ide

Revistar, um por um, os aposentos ;
 Quer homens, quer mulheres ou creanças,
 Prendei a todos que encontrar puderdes,
 E, em continente, os presos p'ra cadeia.

1.º SOLDADO (*fazendo a continencia*)

Queira me perdoar, Sr. Sargento.

COSTA BELLO

Censurar pretendeis as minhas ordens ?...

1.º SOLDADO

Sou um pobre soldado, é bem verdade ;
 No fogo, defendendo a minha patria,
 Os ais dos moribundos não me aterram,
 Nem pena eu tenho de prender áquelles
 Que, em retirada, a salvação procuram !...
 Prender, porem, creanças e mulheres
 Tão fracas, tão mimosas creaturas,
 Cujos prantos nos tocam dentro d'alma !...
 Cujos gemidos são magoadas notas,
 Que a mais terna piedade nos inspiram !...
 Não ; desculpai-me. Eu sei que a disciplina
 Manda cumprir as ordens recebidas ;
 Puni-me, se mereço ter castigo.

2.º SOLDADO

Não vêdes, meo Sargento, que este homem... (*apontando para a testa com o dedo, ao qual dá um movimento de rotação*)

COSTA BELLO (*para o 2.º soldado*)

Compreendi. (*para o 1.º soldado*)

...Ficai ; os outros sigam. (*os outros soldados saem apressadamente pela direita*)

Castigar devo áquelles que não cumprem
 As ordens que recebem. Entretanto...
 Eu vos desculpo e até vos elogio.

1.º SOLDADO

Graças, Sr. Sargento; em quanto vivo,
 A tal favor serei reconhecido.

2.º SOLDADO (*da direita, trazendo Lazaro preso*)

Eis um dos revoltosos ; quasi foge !... (*entram os outros soldados*)

Mais ninguem encontramos lá por dentro.

LAZARO DE MELLO (*furioso para o 2.º soldado*)

Miseravel, largai-me ! Costa Bello...
 Ordenai...

COSTA BELLO

... Sim, soltai-o, que é d'os nossos.

(Vozes perto e musica marcial ; os soldados correm os reposteiros)
Viva o Governador !..

COSTA BELLO

... E' Gomes Freire !

(para Lazaro) De pressa... retirai-vos, Sr. Lazaro. *(Lazaro sae pela esquerda. Pausa)*

SCENA XIV

OS MESMOS, GOMES FREIRE E GRANDE SÉQUITO.

(A musica em silencio)

GOMES FREIRE

Do Maranhão, Senhores, tomei posse,
Ficando assim, do General, cumprida
A importante missão, sem ser preciso
Ennodoar o sólo abençoado
D'esta cidade heroica, derramando
O precioso sangue de seos filhos !... *(pequena pausa)*
Espero, agora, vosso firme apoio,
Para poder, tambem, desempenhar-me
De outra nobre missão : a da Justiça !...
Viva Ei-Rei, meos Senhores !... *(todos descobrem-se)*

TODOS

... Viva ! Viva !...

(A musica tóca o hymno Portuguez.)

CAE O PANNO.

ACTO V

(A mesma decoração do primeiro acto)

SCENA I

MANOEL BECKMAN (*sentado e pensativo ; pequena pausa*)

Aqui, em Santa Cruz, eis-me isolado,
Como aquelle que em toda sua vida,
Ao egoismo apenas votou cultos,
Porem não, como quem, constante sempre,
O bem da humanidade procurava
E ao mesmo tempo o bem de sua patria ! (*pausa*)
De, Gurupá, aonde outr'ora estive
Com outros em degredo, por su-peitas
Contra mim concebidas pelo perfido,
Pelo feroz Maciel, voltar eu pude,
Sentindo se expandir meo triste peito,
Quando, em delirio, vi os esplendôres
Do horizonte sem fim da liberdade !.. (*levanta-se*)
Da liberdade ! O' Deos ! que nobre impulso
Esta palavra infiltra em nossas almas !...
E por ventura posso recordar-me
De ti, ó magestoso, excelso nume...
Quando abatido vejo espessas brumas,
Cercarem todo o ceo do meo futuro ?.. (*pausa*)
Tão longe da cidade, qual proscripto
A quem revêr a patria não permittem,
E mui alto eleva-la não o deixam !
Que vivo, ó Maranhão !.. (*suspende o pensamento e concentra-
tradamente*)

... Ah ! se eu pudesse ?!..

Porem trahido, (*exaltando-se*) abandonado e ainda
Sem recursos nenhuns, sem ter noticias
Do que lá na cidade agora occorre !...
Sem saber de Thomaz, qual o destino...
A meo lado, sem ter os meos amigos !...

SCENA II

MANOEL BECKMAN e LAURA (*da direita*)

LAURA (*que tem ouvido as ultimas palavras*)

'Stás enganado...

MANOEL BECKMAN

... Laura, minha Laura,
Esposa de minha alma ! Ah ! sim, perdôa,
Essas palavras que as profundas magoas
Arrancaram, por fim, de um modo estranho,
De meos labios cerrados ao infortunio
Que, sobre mim, lançou traição infame !
Eu sei, eu reconheço que me estimas,
Com todo o ardôr de uma alma nobre e pura,
Que torna-te um modêlo de virtudes;
E nem, a ti, me dirigir podia,
Por mais que o desespero me pungisse,
E sim, Laura, aos amigos de outras épocas,
Que demonstram, de mim, não mais lembrar-se !

LAURA (*insinuante*)

Enganas-te, Manoel.

MANOEL BECKMAN (*com alvoroço*)

... Por Deos, esposa !...
Falla, dize, o que sabes ?... Algum d'elles ?...

LAURA

Os amigos, de ti, não se esqueceram,
E tanto... qu'inda ha pouco...

MANOEL BECKMAN (*sofrego*)

... Ah !... continúa...

LAURA

Dois amigos, dos teos, aqui chegaram.

MANOEL BECKMAN (*ébrio de alegria*)

Onde estão ?.. Quero vê-los... abraça-los... (*correndo para a direita por onde entram Eugenio Ribeiro e o Padre Elias*)

SCENA III

Os MESMOS, EUGENIO RIBEIRO e o PADRE ELIAS

EUGENIO RIBEIRO

Ah ! Eis-me, em fim, Manoel, em vossos braços !... *(abraçando Manoel Beckman)*

MANOEL BECKMAN

Quanto prazer em estreitar-vos sinto !..,
Abraçai-me também, meo Padre Elias !... *(abraçam-se)*

PADRE ELIAS

Damos graças, á Deos, por conceder-nos
Chegar até aqui, meo caro Beckman !
Pelo rio fugir era impossivel,
Da cidade, por tanto, a pé viemos...
Sessenta legoas por caminhos pessimos !...
Imaginai, assim, quanto custou-nos
Essa viagem prolongada e rude !..
De dia, pelas matas caminhando,
Com receio de sêrmos descobertos,
E quantas, quantas vezes não sentimos
A fome enfraquecer nossa coragem ?!..

MANOEL BECKMAN

E duvidei de vós ! d'essa amizade
Que sincera e efficaz de novo surge ?!..
Ah ! como pude ser comvosco injusto ?!..
A que ponto nos leva o desespero ?!..
Quanto, porem, me orgulho e desvaneço,
Por ver-vos demonstrar que ainda existe,
Quem faça realçar os sentimentos
Que, dos homens, os actos ennobrecem! *(vem para a frente)*
O' Maranhão ! O' terra idolatrada !
Que futuro, teos filhos, te garantem
De esplendido progresso !.. Inda que eu morra,
Que os chefes da revolta morram todos,
Este meo vaticinio ha-de cumprir-se.

PADRE ELIAS

Sim, que do Maranhão, o nobre povo,
Deixará de ser nunca o mais notavel,
De entre os povos das plagas brasileiras !

MANOEL BECKMAN

Do fundo d'alma eu lhe daria ainda
 Todo o meo sangue, se preciso fôsse,
 Para em fórte colosso transforma-lo !
 (*mudando de tom*) Porem, de meo irmão, dai-me noticias..
 Ah! sim; fallai-me d'elle, d'essa victima,
 Que não pude arrancar das mãos dos guardas,
 A despeito da luta que travamos.
 (*Elias conversa com Eugenio, combinando um plano*)
 (*admirado*) Como! Não respondeis?.. Dar-s e-hia o caso?!

PADRE ELIAS

Não; Thomaz continúa ainda preso...
 Eugenio vos dará noticia exacta
 Do que tem occorrido; por em quanto...
 Permitti, sim... estou fatigadissimo;
 Preciso restaurar as debeis forças..
 Ha mais de quatro dias que não durmo,
 E... até podeis-me crêr... eu sinto fome!...

LAURA (*com interesse*)

Tendes fome?... Por que não m'o dissetes
 Ha mais tempo, meo padre?.. Entrai, sim, vinde,
 Vinde comigo, a casa é toda vossa...

PADRE ELIAS (*para Eugenio Ribeiro*)

Conseguimos assim o nosso intento.
 O tempo, agora, aproveitai, Eugenio.

MANOEL BECKMAN (*para o Padre Elias*)

Então! Entrai, e vós (*para Eugenio Ribeiro*) tambem...

EUGENIO RIBEIRO (*para Beckman, triste*)

... Eu fico. (*depois confidencialmente*)
 Necessito fallar-vos com urgencia.

PADRE ELIAS (*para Eugenio Ribeiro*)

Se não vindes... (*para Laura*) então querida filha...

LAURA

Entrai. (*saem os dois pela direita*)

SCENA IV

MANOEL BECKMAN e EUGENIO RIBEIRO

MANOEL BECKMAN

... Que tendes vós? Estais afflicto?!..
Que occurrencias fataes vossa alma enlutam?!

EUGENIO RIBEIRO (*grave*)

Fataes ! Dissestes bem.

MANOEL BECKMAN

... Sejam quaes forem,
Por em quanto guardai-as ; sim, não quero
Perturbar o prazer que sinto ao ver-vos
Junto a mim, caro Eugenio !...

EUGENIO RIBEIRO

... Infelizmente
A esse vosso desejo oppõe-se o tempo !
(*firme*) Abandonar, deveis, esta fazenda...

MANOEL BECKMAN (*interrompendo-o*)

Porque ?...

EUGENIO RIBEIRO

... Vim ter convôsko, não temendo
Ser lá, em São Luiz, ou preso ou morto,
Mas, para vos dizer... (*d parte*) Que transe horrivel !..

MANOEL BECKMAN

Pensais que me aterrar acaso pode,
Qualquer noticia por peor que seja ?...

EUGENIO RIBEIRO

Pois bem, ouvi-me.: contra os revoltosos,
Instaurou-se o processo o mais summario
E, em seguida, lavrou-se a atroz sentença...

MANOEL BECKMAN (*impassivel*)

De morte contra mim ?..

EUGENIO RIBEIRO

.., Coragem, Beckman !

MANOEL BECKMAN

Pode faltar coragem aos que morrem,
Pela causa a mais justa e nobre e santa?...
Não, nunca; e pois, dizei-me com franqueza,
Contra quem tal sentença foi lavrada.

EUGENIO RIBEIRO (*com esforço*)

A' morte, foram dois os condemnados.
Um d'elles... ah !. sois vós, Sampaio é o outro !...

MANOEL BECKMAN (*com grande magoa*)

Tambem Sampaio?!... Infortunado amigo,
Que terá de morrer por culpa minha! (*pausa e, depois, firme*)
Continuai.

EUGENIO RIBEIRO

.. Queria, Gomes Freire,
Que fosseis vós, somente, a triste victima !...
Mas do interesse, após, se recordando,
Fez com que a mesma pena imposta fosse,
Aos chefes opulentos da revolta.
Vós e Jorge Sampaio ..

MANOEL BECKMAN (*com magoa*)

... Pobre velho !..

EUGENIO RIBEIRO

Não só á morte condemnados fostes,
Mas ainda a soffrer completa perda
De bens, em beneficio da corôa !...
Que sentença terrivel e usuraria !
Sentença que não viza o crime apenas,
Mas as posses, tambem, dos seus autôres !...

MANOEL BECKMAN (*irado*)

Isto é horrivel !... Oh ! levem-me á forca,
Estrangulem, crueis, meo corpo todo,
Empreguem, contra mim, os soffrimentos
Que até hoje ninguem tenha soffrido,
Que me verão, tranquillo, supporta-los !
Mas, os meos!... reduzirem á miseria!... (*com grande magoa*)
Orphãs, pobres, ficarem minhas filhas !...

EUGENIO RIBEIRO (*triste*)

Assim foi resolvido. Eis uma copia
D'e-sa horrivel sentença. (*tira do bolso um papel e o dá a
Manoel Beckman*)

MANOEL BECKMAN (*depois de lêr*)

.. Oh ! que sicarios !...

EUGENIO RIBEIRO

Agora, meo amigo, que nos resta ?..
O recurso que temos é fugirmos.
Em falta de refugio, essas florestas
Tão vastas, tão copadas, tão sombrias,
Hão-de nos dar abrigo, hão-de valer-nos,
Caso, alli, nos prender alguém pretenda !

MANOEL BECKMAN (*resoluto*)

Ah ! não, Eugenio, não ; d'aqui não saio,
Prendam-me embora, embora á força eu suba !.

EUGENIO RIBEIRO

Que dizeis ?...

MANOEL BECKMAN

... O que sinto dentro d'alma.
Ao porvir d'esta terra é hoje inutil,
Minha triste existencia !

EUGENIO RIBEIRO

... Mas... dos vossos
Vos esqueceis assim, meo caro Beckman ?...

MANOEL BECKMAN

De minha esposa e filhas esquecer-me !..
Não, caro Eugenio, eu d'ellas não me esqueço !..
Se questrados meos bens, de todo pobre,
Obrigado a viver qual o bohemio,
Sempre vagante, me occultando sempre,
A receiar ser preso de hora em hora
A luta pela vida é louco esforço !..

EUGENIO RIBEIRO

Mas vossa companhia...

MANOEL BECKMAN

... A companhia

De um homem esmagado pelos golpes
De tão terrível e mesquinha sorte,
Mais compaixão inspira e mais desgostos,
Do que as tristes saudades de quem, martyr,
Morre contente pela patria sua !
O corpo tombe, mas a idéa... nunca !...

SCENA V

OS MESMOS, E O PADRE ELIAS

PADRE ELIAS (*entrando da direita*)

Não ha tempo a perder ; quando partimos ?..

MANOEL BECKMAN

Meo padre Elias, eu d'aqui não parto ;
Disse e repito que morrer prefiro.

PADRE ELIAS

Santo nome de Deos !.. Será possivel
Querdes concorrer para que possa
Uma vêz mais a humanidade inteira,
Cheia de horrôr, ouvir gemer afflicta,
A lei divina aos pés do cadafalso ?.. (*)
Não, Manoel Beckman, não; a vossa vida,
Para ser ao carrasco um dia entregue....

MANOEL BECKMAN (*interrompendo*)

Perdão, meo Padre Elias; comprehendo
Que destruir quereis o meo proposito.
Mas, ambos vós, sabeis qual meo character,
E, pois, baldados são quaesquer tentamens;
Hei-de cumprir o que o dever exige.

EUGENIO RIBEIRO

Mas dever tambem é não desprezar-se,
As instancias sinceras da amisade;
E, mui principalmente, não fazer-se
Com que venha a ficar se debatendo,
Nas ancias da miseria uma familia !

(*) Preito do autor ao grande e pranteado poeta F. Moniz Barretto,

MANOEL BECKMAN

Tendes razão, Eugenio; eu fôra um monstro,
 Se da amisade e da familia minha
 Pudesse me esquecer. Porem dizei-me,
 Dizei de coração, meos bons amigos :
 Como quereis que fuja, alem deixando
 Sampaio soffrer só de morte a pena ?.
 Por acaso quereis tornar-me indigno,
 De todos que me têm votado estima...
 E d'essa cara esposa, e d'essas filhas,
 Trjndade a quem tributo ardentés cultos ?...

EUGENIO RIBEIRO

Porem Sampaio é sem familia e velho.

MANOEL BECKMAN (*forte*)

Porem eu fui o chefe da revolta.
 E, se deixar não devo que outro soffra,
 Sem querer compartir de seo destino,
 Menos, quando se trata de Sampaio,
 D'esse velho distincto e independente,
 Que só por minha causa unio-se aos nossos.

EUGENIO RIBEIRO

Procurar insistir, fôra arriscar-me
 A vos exacerbar ; o tempo corre
 E, pois, vos deixo.

MANOEL BECKMAN

... Não, ficai comigo.

EUGENIO RIBEIRO

E'me impossivel ! Prevenir me cumpre
 D'essas tão lamentaveis occurencias,
 Alguns outros dos nossos companheiros.
 A perda de um minuto, muitas vezes,
 Acarréta um milhão de dissabores.
 Mas, amanhã, regressarei á tarde
 E, praza aos Ceos, que mais feliz eu seja.
 Adeos ; 'té amanhã.

MANOEL BECKMAN

Adcos, Eugenio.

PADRE ELIAS

Esperai. Resolvi acompanhar-vos,
 Porque, talvez, catechizar convosco
 Alguns amigos meus e aqui trazê-los,
 Para quebrar, Manoel, o vosso alvitre,
 Ou defendei-vos de qualquer ataque.
 E, pois, adeos amigo. (*para M. Beckman*)

MANOEL BECKMAN (*vendo Laura que entra*)

Ahi vem Laura.

SCENA VI

OS MESMOS, E LAURA

LAURA (*para o Padre Elias*)

Adeos, dissestes vós, quando suppunha
 Que vos demoraríeis, alguns dias,
 Em nossa companhia?

PADRE ELIAS

... E' mui provavel
 Que hoje mesmo se dê nosso regresso.
 Mas amanhã, por certo, voltaremos.

LAURA

Porque partis assim com tanta pressa?...

EUGENIO RIBEIRO

Devemos entregar, com toda a urgencia,
 Algumas cartas de importancia immensa.
 Desculpai-nos portanto.

LAURA

... Mas, sem falta,
 Poderei amanhã tornar a ver-vos?

EUGENIO RIBEIRO

Por certo; ad os, Sr.^a (*para Beckman*)
 ...Adeos, meo Beckman!

MANOEL BECKMAN

Por ora ainda não; vou conduzir-vos.

LAURA (*para o marido*)

Não te demores.

MANOEL BECKMAN

.... Não, fica tranquilla ;
Irei com elles, só, até o *atalho*.
Poucos minutos demorar-me devo. (*saem pela esquerda*)

SCENA VII

LAURA (*só e pensando; pequena pausa*)

Essa prompta partida !... Essa recusa
A ficarem coninosco... e... sem ao menos
Quererem descansar algumas horas...
O padre Elias tendo até me exposto
Que estava fatigado e tinha fome ! (*pausa*)
Ah ! sim; talvez buscasse esse pretexto,
Para affastar-me e conseguir Eugenio
A sós tratar, aqui, com meo marido. (*reflecte*)
Mas, então... oh ! quem sabe ?.. Sim, por certo, (*crescendo*)
Algum caso fatal ! . O cadafalso,
Prestes a erguer-se, á espera, só da victima !...
(*tremula*) Em alvoroço o coração palpita-me...
E a mente se me enluta... e vê.. distante..
Negro painel... de horror... de sangue e morte !
(*agitada*) As predicções que eu expendi outr'ora,
Como de novo me opprimir pretendem !... (*desvairada*)
E... ao longe... ao longe, não; é, sim, bem perto...
E' d'alli... (*aponta para o fundo*) é d'alli que se aproxima
O atroz cortejo !.. Oh ! Ceos ! que força estranha (*como*
que em delirio)
Me arrasta, sem querer, p'ra aquelle lado!
Não posso resistir... (*vai ao fundo, olha para fóra e depois*
dá um grito de horror)
... Ah !... pobre esposo !.. (*corre para a esquerda*)
Manoel ! Manoel ! Em fim ! ei-lo que chega !...

SCENA VIII

LAURA, E MANOEL BECKMAN,

MANOEL BECKMAN (*correndo para Laura*)

Oh ! que tens ?.. Que terror é este ?..

LAURA (*como louca*)

... Foge...

Foge... não percas um minuto... apressa-te...
Elles bem perto estão...

MANOEL BECKMAN

... Elles ! Quem ?.. Dize !

LAURA (*com terror e anciedade*)

Teos verdugos !..

MANOEL BECKMAN

... Desvairas ?!

LAURA (*idem*)

Não;.. são elles... (*levando-o aq fundo*)

Vem... vem... olha p'ra alli, que vês ? Responde !..

MANOEL BECKMAN (*olhando para fóra e firmando a vista*)

Uma canôa !.. (*admiradissimo*)

LAURA (*aterrada*)

... Cheia de soldados !..

MANOEL BECKMAN

Elles que cheguem !.. Bem chegados sejam !.

Que prompto hão de encontrar-me a acompanha-los !

LAURA (*fóra de si*)

Desvairas, Manoel ?!.. Queres ser preso ?..

Oh ! salva-te !.. Não vês que se aproximam ?..

Livra-te, sim, das garras d'esses monstros !

MANOEL BECKMAN (*dando só attenção para fóra*)

Oh ! Ceos !.. Que vejo ?!.. Um homem na canôa (*admirado*)

Acenando de pé, co' um lenço branco !..

E se descobre... e agora cumprimenta-me !..

(*Laura cheia de ansiedade*)

Quem será?.. Justo Deos?!.. Não! não me engano...
(*crescendo*) E' elle, sim, é Lazaro, e eu suppondo
Que vinham me prender!... E' elle, esposa !..

LAURA (*aterradissima*)

Elle !.. (*a meio da scena*)

MANOEL BECKMAN (*com satisfação aproxima-se de Laura*)

... Sim; são ainda outros amigos,
Que em frio esquecimento não deixaram-me !..
E' Lazaro de Mello !.. (*indo ao fundo e olhando para fóra*)

LAURA (*impressionada*)

... Que terrível
Presentimento, subito me aterra?!
(*corre para o marido*) Manoel. foge, partamos meo esposo,
D'esse traidor por uma vez affasta-te !..
Pois não vem te salvar e sim prender-te !

MANOEL BECKMAN (*reprehendendo-a*)

Laura, por Deos, esposa !.. (*voltando-se para fóra e absorto
com o que vê*)

LAURA (*em desespero*)

Não... eu devo
Dizer-te, em fim, quem é aquelle homem !.. (*apontando
para fóra*)

Escuta... o pejo até a voz me embarga !..
Nem sei mesmo, Manoel, como contar-t'o !..
Mas, d'esta confissão, está pendente
Tua preciosa vida !.. Ah ! não me attende !.. (*com mágoa*)

MANOEL BECKMAN (*idem, idem*)

Estão quasi chegando ao pé do porto !..

LAURA (*fóra de si*)

Que horrível situação !.. Meo Deos, que transe !..
Como a cegueira para a morte o arrasta !.. (*pausa*)
Não sei mesmo, meo Deos ! não sei que faça,
Para poder movê-lo a ouvir-me agora !..
Manoel, fujamos, sim, foge depressa,
Não, caro esposo meo, não mais te illudas
Com quem buscou até manchar-te a honra,
Tentando seduzir...

MANOEL BECKMAN (*idem, idem*)

Em fim !... saltaram !...

LAURA

Está surdo de todo as minhas supplicas !
Como, oh ! Deos ! intentais martyrisar-me !...

MANOEL BECKMAN (*idem, idem*)

Já se approximam... côrro ao seo encontro !... (*sae pelo fundo*)

LAURA (*com voz cavernosa*)

Encontro só da morte !...

MANOEL BECKMAN (*fóra*)

... Caro amigo !...

LAURA (*em desespero*)

A confiança vai precipita-lo,
Por não me ouvir, no mais tremendo abysmo !..

SCENA IX

MANOEL BECKMAN, LAURA E LAZARO DE MELLO

LAZARO (*que entra pelo fundo com M. Beckman*)

Pude, em fim, abraçar-vos ! (*para Laura*) D. Laura,
Grande satisfação, mui grande, eu sinto
Em vos tornar a ver. Mas... estais triste ?!...
Razão, porem, vos dou. Meo bom padrinho
Obrigado a viver como um recluso,
Sem um amigo ter n'esta fazenda,
Ou para acompanha-lo, ou defendê-lo
De qualquer aggressão !.. Sim, era justa,
Era até muito justa essa tristeza.

LAURA

Não 'stava triste e sim sobressaltada.
(*apontando para o fundo*) Estes soldados...

LAZARO (*promptamente*)

... São amigos nossos;

Sim, meo padrinho, amigos dedicados !
Não calculais, talvez, quão temeraria
Foi esta minha empreza !

MANOEL BECKMAN

... Dos serviços,
O maior que até hoje haveis-me feito!

LAZARO DE MELLO

Por vós, jamais, eu arrisquei-me tanto !
Conseguir, pude em fim, que alguns soldados,
— Dos que foram fieis a nossa causa —
Quizessem me seguir; e, em poucos dias,
Contar 'inda podemos com mais trinta
Individuos de toda a confiança.
Serão assim cincoenta altivos peitos,
Promptos a dar por vós todo o seo sangue.

MANOEL BECKMAN

Relevante serviço me prestaste ;
Aos teos, se unindo, os que amanhã espero,
Heroica resistencia oppôr podemos,
A's forças que o tyranno Gomes Freire,
Pretender expedir para prenderem-me! (*crescendo*)
Ellas que venham, sim, lutar com a victima
Que fôra condemnada á pena ultima !..
Ah ! Sampaio ! Talvez possivel seja,
Do cadafalso desviar-te ainda !..

LAURA (*aterrada*)

Que disseste ?!

MANOEL BECKMAN

... Ah ! tambem, Jorge Sampaio,
Comigo foi á morte condemnado !.. (*Lazaro sorpreheñde-se*)

LAURA (*fôra de si*)

Comtigo !.. á morte ! á morte !.. Eu bem previra !..

MANOEL BECKMAN

Laura, querida esposa, não te assustes...
Procura destruir teos vãos receios.

LAURA

Vãos !..

LAZARO DE MELLO

... Sim. Trànquillisai-vos ; tal sentença,
E' como a vaga a rebramir distante,
E que ha de recuar quando, com furia,

Vier de encontro á rigida muralha,
 Que só a gratidão erguer pudera ;
 E, pois, ficai tranquilla. (*para Manoel*) Mas... dizei-me,
 Quem vos dêo tão de prompto essas noticias ?..

MANOEL BECKMAN

Eugenio e o Padre Elias, que sahiram,
 Não ha muito, e amanhã voltar pretendem,
 Trazendo até comsigo alguns amigos.

LAZARO DE MELLO (*meio sobresaltado*)

E... nada mais disseram elles ?..

MANOEL BECKMAN

... Nada.

LAZARO DE MELLO (*com segurança*)

Pois bem ; ficai sabendo que offerecem,
 — Levados da vingança pela sêde —
 Uma patente, a quem puder prender-vos !

MANOEL BECKMAN (*altivo*)

Prender-me ?!..

LAZARO DE MELLO

... Sim ; e até parece incrível
 Que alguns ambiciosos intentassem...
 Ha gente muito infame n'esta terra !...
 Essa offerta accèptar embora vissem
 Para sempre, co'a vil traição de envôlta,
 Seos nomes revolvêr-se em lôdo immundo !..
 Projectem elles semelhante empreza...
 Elles que tentem vir aqui buscar-vos,
 Que hão de pizar aos pés nossos cadaveres,
 Se a nossos pés não se curvarem todos !..
 Mas .. porque estes soldados se demoram ? (*indo ao fundo*)

LAURA (*a meia voz*)

Ah ! como podem sentimentos nobres
 Sahir assim de labios traiçoe ros ?..

MANOEL BECKMAN

Que dizes ? salpicar ainda queres
 Gottas de fel, na taça reluzente
 Da firme gratidão e da amisade ?,.

LAURA

Oh ! perdôa-me, esposo, inda esta duvida !..
 Porem., tu... acertado... sim... não julgas
 Que se mande chamar á toda pressa (*Lazaro se aproxima*)
 Eugenio e o Padre Elias, prevenindo-os,
 De haver aqui chegado o Sr. Lazaro ?..

LAZARO DE MELLO

Lembraís perfeitamente.

LAURA (*para Manoel Beckman*)

... Que resolves ?

MANOEL BECKMAN (*depois de pensar*)

Dize ao André que siga pelo *atalho*.
 Elles estar, não devem, muito longe.

LAURA

Corro apressada. (*sae pela esquerda apressadamente.*)**SCENA X**

MANOEL BECKMAN, LAZARO E DEPOIS OS SOLDADOS

MANOEL BECKMAN

... Meo querido Lazaro,
 Como te hei de pagar tão grande divida ?

LAZARO DE MELLO

Pagar-me, quando a vós eu devo tudo... (*interrompendo-se
 com a entrada dos soldados*)

Ahi chegam, porem, os nossos bravos
 E, por certo, a cahirem de cansaço.

MANOEL BECKMAN (*indo ao fundo, por onde entram
 os soldados*)

Entrai, sim; que esta casa vos hospeda.
 (*Conhecendo e batendo no hombro de cada um. cujos nomes
 vai dizendo*)

Affonso Lopes, Requião Garcia,
 Lopes Correia e vós, tambem, Themotheo !...
 Velho sim, mas sadio e forte sempre !..

Tanta affeição, por mim, quanto agradeço !..
 Mas.. esperai ; vou dar algumas ordens,
 Para que se preparem vossos commodos (*sahindo pela
 direita*)

LAZARO DE MELLO

(A' esquerda despe o sobretudo, atira ao chão o chapéo e deita na cabeça um bonet que trazia occulto. — Um soldado, que tem se encoberto no meio dos outros, dá-lhe a espada que elle cinge á cintura, e assim apresenta-se completamente uniformisado e bradando)

Viva o Governador !

(Os soldados avançam para Beckman e o arrastam de surpresa e de costas, em luta, para a scena. Beckman, então, volta-se encarando Lazaro)

MANOEL BECKMAN (*para Lazaro*)

Covarde ! Infame !...

Dos ceos a maldição te fira, ingrato !...

Affastai-vos !... (*impetuoso e para os soldados que o conservam
 preso*)

LAZARO (*ao vêr a hesitação de alguns soldados*)

... Então, bravos soldados,

Vacillais, por acaso ?! Andai, prencei-o,

Cumprí do general as ordens todas.

*(Os soldados principiam a amarrar os pulsos de Beckman,
 que luta energicamente)*

MANOEL BECKMAN (*sempre lutando*)

Oh ! matai-me, matai-me, vis traidores !...

Matai-me, sim ; mas, cordas !.. não... não... nunca,

Em pulsos que não são de um assassino,

Ou de qualquer horrendo criminoso !...

Esphacellai meo corpo em mil pedaços,

Porem não conspurqueis de um modo indigno

Aquelle que durante a vida inteira,

Da honra o sustentaculo tem sido,

E sempre honrou da humanidade os brios !

LAZARO DE MELLO

Camaradas, as cordas apertai-lhe...

E depois, dos melhores, quatro ou cinco,

Seguindo pelo *atalho*, a toda a pressa,

Prendei tambem Eugenio, o Padre Elias

E, da revolta, quantos encontrardes !... (*cinco soldados
 começam a mover-se*)

MANOEL BECKMAN (*para Lazaro*)

Infame ! Miseravel ! não, não mandes
Prender esses dois homens que eu tranquillo,
A ti denunciiei..

LAZARO DE MELLO (*imperioso*)

... Não o revógo.

MANOEL BECKMAN (*lutando sempre e em desespero*)

Oh ! manda-me levar a quem comprou-te,
Mas... (*com grande magoa*) prender esses homens !...

LAZARO DE MELLO (*para os soldados*)

... Sigam, sigam. (*saem cinco soldados*)

MANOEL BECKMAN (*lutando ainda*)

Ah ! quem trahe uma vez, trahe toda a vida !..

LAZARO DE MELLO (*para os soldados*)

Acabai de o prender, depois levai-o,
Ainda que de rastos, p'ra canôa.

MANOEL BECKMAN (*amarrado e com grande magoa*)

Não posso mais lutar !... Da força bruta,
Minha força moral se quebra, aos impetos !...
Matai-me, eu o prefiro, sim, matai-me !..

SCENA XI

OS MESMOS, E LAURA

LAURA (*da direita, horrorisada*)

Meo Deos !.. Que vejo ?.. Meo esposo preso!... (*correndo
para o grupo*)

Oh ! eu te livrarei d'esses perversos !! (*quer livrar o ma-
rido, um dos soldados a empurra*)

LAZARO DE MELLO (*veñdo Laura recuar, cambaleando*)

Não respondo, Senhora, pelos actos,
Que esses homens convôsko praticarem.

LAURA (*assaltada de uma id'ea*)

Ah!.. (*corre á esquerda*) Clemente, José, Antonio, Pedro,
Todos, todos, soccôro, andai depressa !.

(*Diz estes versos e, ao mesmo tempo, por meio da corda faz soar, repetidamente, uma sinêta*)

Sim, (*vindo para a scena*) eu te salvarei, meo caro espôso!

LAZARO DE MELLO (*ao ouvir os tropeis dos famulos, corre á esquerda de espada em punho*)

Alto ! Em nome d'El Rei, nem mais um passo !..

(*para Laura*) Vêde como recuam vossos famulos !..

(*Ouvem-se os passos dos famulos que se afastam*)

LAURA (*em extrema angustia*)

E não poder salva-lo !.. Oh ! Ceos !.. Succumbo !.. (*cae na poltrôna*)

MANOEL BECKMAN (*impetuoso*)

Ah ! malvados !.. (*querendo arrancar-se das mãos dos soldados*)

... Soltai-me !..

LAZARO DE MELLO

... E' tudo em balde !..

Levai-o quanto antes !

MANOEL BECKMAN (*imponente*)

... Miseravel !..

Ordena que desatem estes pulsos,
Das infamantes cordas que me livrem !..

LAZARO DE MELLO

Desamarrar-vos !..

MANOEL BECKMAN (*lutando com os soldados*)

... Sim, manda soltar-me.

LAZARO DE MELLO

Para fugirdes ?..

MANOEL BECKMAN

... Não; eu te asseguro...

LAZARO DE MELLO (*bruscamente*)

Levai-o p'ra canôa, camaradas.

MANOEL BECKMAN (*lutando*)

Amarrado... jamais ! Matai-me... o exijo !...

LAZARO DE MELLO

Desamarrado, fugireis por certo..

MANOEL BECKMAN

Dou-te palavra de honra que não fujo.

LAZARO DE MELLO (*impressionado*)

Vossa palavra de honra ?..

MANOEL BECKMAN (*forte*)

... Sim.

LAZARO DE MELLO (*depois de pequena pausa, para os soldados*)

Soldados...

Podeis desamarrar todas as cordas.

MANOEL BECKMAN (*depois de desamarrado*)

Da Providencia cumpram-se os decretos !... (*abraçando
Laura, ainda desmaiada*)

Querida esposa, adeos !.. (*olhando para a esquerda*)

... adeos, ó filhas !..

Adeos, adeos, até á morte !... (*para os soldados e energico*)

... Vamos. (*saem, menos Laura
e Lazaro, todos pelo fundo*)

SCENA XII

LAURA E LAZARO DE MELLO

LAURA (*despertando, quando o marido transpõe a porta*)

Manoel, irei contigo !... (*correndo para o fundo*)

LAZARO DE MELLO (*segura-lhe no braço e a detem*)

... Não, Senhora ;

Peço-vos que fiqueis.

LAURA (*desprendendo-se*)

Deixai-me, ó monstro !..

LAZARO DE MELLO (*com ternura*)

Uma palavra só, e meo padrinho

Voltará a estreitar-vos em seos braços !..

Lembraí-vos, sim, de que ninguem, no mundo,

Poderá presumir que vos cubiço
 E que loucura tal, traidor tornou-me !..
 Todos hão-de julgar que, de ser nobre,
 A misera ambição foi que cegara-me,
 Ao ponto de chegar á tal baixesa !.. (*Laura quer sair ;
 Lazaro a detem*)

Por vossas filhas, 'té por Deos vos rógo,
 Que não deixeis em desespero horrível,
 O triste que por vós morre de amores !...
 Dai-me ao menos, Senhora, uma esperança,
 Que mandarei soltar vosso marido,
 Embora venha a lhe pedir de joelhos,
 Pleno perdão, por tê-lo atraído.

LAURA

Senhor, os vossos tenebrosos planos
 Da mais baixa traição ou ignominia,
 De todo concluir buscai, mas nunca
 Haveis de conseguir que, Laura Beckman,
 Traia a fé que jurou a seo espôso.

LAZARO DE MELLO (*muito terno*)

Mas elle morto, em horrída miseria,
 Em breve cahireis com vossas filhas,
 Ao passo que sereis feliz, se meiga,
 Ao meo amor corresponder quizerdes !..

LAURA

Morte, miseria, vida, f'licidade,
 São palavras, Senhora, que se confundem,
 Quando não se irradiam sobre as ultimas,
 Os raios sacrosantos da virtude !..
 Oh ! levai meo marido ao cadafalso,
 Antes vê-lo morrer que deshonra-lo !... (*sae pela esquerda*)

LAZARO DE MELLO (*furioso*)

Quando a pobreza te levar á fome,
 Talvez, mulher, o teo rigor abrandes !... (*saem pelo fundo*)

CAE O PANNO.

ACTO VI

A mesma decoração do 3.º acto, devendo porem, haver uma mesa com tinteiro, cadeiras e sofá. Os reposteiros corridos deixam vêr a rua e, ao longe, a vista do fundo. Passeia uma sentinella— que é o 1.º soldado— pela parte de fóra, ficando ás vezes occulta pelos intervallos das arcadas.

SCENA I

O 1.º SOLDADO E, POUCO DEPOIS, COSTA BELLO
E HILARIO DE SOUZA

COSTA BELLO (*vindo da esquerda para o 1.º soldado*)

Poderia fallar, meo camarada,
Ao Sr. General?.. (*vendo Hilario de Souza que vem da direita.— Todos devem ficar em frente á arcada do meio*)
... Sr. Hilario. (*cumprimentando-o*)

HILARIO DE SOUZA (*retribuindo o cumprimento*)

Sargento Costa Bello... (*para o 1.º soldado*) Tambem quero
Fallar ao General.

1.º SOLDADO

... Sua Excellencia

Está, Senhor, ausente.

HILARIO DE SOUZA

... Contraria-me...

Tal demora me causa até transtorno.

1.º SOLDADO

Se quizerdes entrar, podeis fazê-lo ;
Ordens não tenho que, em contrario, sejam.

COSTA BELLO

Entrarei.

HILARIO DE SOUZA

... Sim, de certo é preferível
Aqui mesmo aguardarmos seo regresso (*entra e senta-se*)

COSTA BELLO (*para o 1.º soldado*)

Terieis hoje visto o Sr. Lazaro ?..

I.º SOLDADO

Não, Senhor.

COSTA BELLO (*entrando*)

... E' difficil encontra-lo !...
(*d parte*) E eu que fallar-lhe devo quanto antes ! (*senta-se*)

HILARIO DE SOUZA

Relações de amizade haveis ainda
Por ventur, Senhora, com tal sujeito ?!..

COSTA BELLO

Grande espanto me causa esta pergunta !
Não sei porque motivo...

HILARIO DE SOUZA (*interrompendo-o*)

... Oh ! o motivo ?!..

Sim... é bem simples. Sois leal, distincto,
Em fim, de El-Rei, um servo prestimoso,
Ao passo que esse Lazaro... parece-me...

COSTA BELLO (*interrompendo-o*)

Ser um homem de bem.

HILARIO DE SOUZA

... Estais em erro.

COSTA BELLO

Que dizeis ?!.

HILARIO DE SOUZA

... A verdade ; e só lastimo
Que não existam penas para os judas
Que, sagazes occultam suas fronte
Nos refólhos da vil hypocrisia,
Com que disfarçam negros sentimentos
De continuo a ferverem-lhes nos peitos !
Individuos falsarios e traidôres

Que devem ser votados á calcêta
E não, de envôlta, conviver com aquelles
Que prezam seo dever e a honra prezam.

COSTA BELLO (*admirado*)

Pretendeis alludir ao Sr. Lazaro?!...

HILARIO DE SOUZA (*levantam-se*)

Ainda o perguntais?!.. Que mais indigna,
Que mais cruel traição que a perpetrada
Por elle, contra um homem que prestara-lhe
Os maiores favores?!.. Contra um vulto
Tão distincto e tão nobre como Beckman,
Que pospôz, ao progresso d'esta terraz,
A familia, o futuro e a propria vida?..

COSTA BELLO

O rancôr á injustiça vos arrasta.
Se Lazaro envolvêo-se na revolta,
Por seo gosto não foi, mas impellido
Por esse a quem temia e respeitava ;
Porem dispôsto sempre a liber.ar-se
D'esse fatal dominio, quando o acaso
Deparasse-lhe ensejo favoravel.
Collocado entre El-Rei e os insurgentes,
Trahindo a estes, foi fiel á patria,
Fazendo quanto em suas forças coube,
A fim de que eu pudesse entrar na posse
Do commando de toda a nossa tropa.

HILARIO DE SOUZA

Certo estou do que a tal respeito dêo-se.

COSTA BELLO

E poderá alguém suppôr, dizei-me,
Que, nem um dia, a El-Rei traidôr eu fôsse?..

HILARIO DE SOUZA

Prestastes um serviço relevante
Exercendo, Senhor, um tal commando,
Pois convinha ao governo que os soldados

A vós, somente a vós, obedecessem.
 Não fostes um traidôr, porem um subdito
 Fiel, intelligente e dedicado.
 Vós não ereis amigo e não devieis
 Nem um favor se quer, aos revoltosos ;
 Mas, Lazaro, fazia convivencia
 Com todos e de todos era amigo,
 Devendo a seo padrinho vêr-se livre
 Da miseria maior em que vivêra,
 Para fruir um bem estar decente.

COSTA BELLO

Tendes muita razão e a crêr me inclino
 Que tal homem, de certo, é um perverso.

HILARIO DE SOUZA

Não calculava Beckman, que elle em breve,
 Houvesse de calçar aos pés, infame !..
 A estima, a gratidão e a confiança !..
 E vai um titulo alcançar de nobre !..
 Oh ! a nobreza a recahir sentida,
 Sobre o busto villão d'esse individuo,
 Virá se parecer do sol a um raio,
 Se reflectindo nas lodosas agoas
 Do paúl o mais negro e mais immundo.

COSTA BELLO

E eu que levar deixei-me por tal homem ?..

HILARIO DE SOUZA

De vós fez elle, apenas, instrumento,
 Para a sua traição levar a effeito !..
 Se a brava infantaria resistisse
 Às tropas do governo, Gomes Freire
 Que fôsse derrotado eu não duvido,
 Devendo seo esplendido triumpho
 Aos miseraveis planos d'esse ingrato
 Que, tendo-se alistado na revolta,
 Trahio aos seus consocios e ao padrinho,
 Dois crimes commettendo ao mesmo tempo.

SCENA II

OS MESMOS, E LAZARO DE MELLO

Posso ao Governador fallar agora ?..

HILARIO DE SOUZA (*d esquerda com Costa Bello*)

Oh ! Lazaro de Mello !..

COSTA BELLO

... E' elle proprio !..

HILARIO DE SOUZA

Não pode-lo evitar causa-me tedio!..

LAZARO DE MELLO (*que tem estado a conversar com o 1.º
solado, entra em scena*)Esperar !.. Oh ! que inferno !.. (*reparando para os dois*)
Desculpai-me,Eu não vos tinha visto ; mas a sorte
Como que, ha tempos, me sorti fagueira !..Deveria esperar; p'ra mim a espera
Estando a sós, é cousa que me irrita !..

Felizmente a fazer com que a suporte,

Terei dois cavalleiros mui distinctos. (*indo comprimen-
ta-los*)
Sr. Hilario... bravo Costa Bello...(*ao querer apertar-lhe as mãos, ambos passam para a direita;
Lazaro d esquerda*)

Desprezam-me ! Que importa, se procedem

D'esta forma levados pela inveja ?..

(*Para os outros*) Já sabeis que o justo, o bravo Andrade

Concordou em brindar-me co'a patente

Dos nobres Capitães dos ordenanças ?..

COSTA BELLO (*ironico*)

D'essa nobre patente sois mui digno.

LAZARO DE MELLO

Dá-me bons vencimentos e nobreza.

Comigo trago o titulo, faltando...

Sim... que em nome de El-Rei seja assignado,

Em seguida pretendo tomar posse

D'esse, por tantos, cobiçado cargo,

COSTA BELLO (*ironico*)

O dia de hoje; então, ha-de tornar-se
Um dia bem notavel n'esta terra !..

LAZARO DE MELLO (*arrogante*)

Pela mente vos passa, por ventura,
Aqui... n'este lugar...

COSTA BELLO (*interrompendo-o*)

... Não ; enganai-vos.
Se proferi, Senhor, essas palavras,
Não quiz vos offender, mas referir-me
Ao facto de trazer tambem comigo,
Ordem mui importante que, hoje mesmo,
Tem pelo General, de ser firmada.
Duas assignaturas, n'um só dia,
Em actos de elevada transcendencia,
— E que de modo incrível se entrelaçam —
Por certo hão-de torna-lo memoravel.
Accresce que, ambos nós, á mesma hora,
Pelo Governador á espera estamos, (*pausadamente*)
Para que esses papeis firmados sejam.

LAZARO DE MELLO

Então é de mui grande circumstancia
Esse outro que trazeis, Senhor, convôsko?..
Se segredo não é..

COSTA BELLO (*intencionalmente*)

... Não ; podeis lê-lo. (*dando-lhe um papel*)

LAZARO DE MELLO (*depois de lêr o papel*)

Oh !... (*com sobresalto*)

COSTA BELLO

... Vêde que razão bastante eu tinha,
Para aquellas palavras dirigir-vos ?...
E' a ordem pela qual a vossa victima
Terá de estrebuxar no cadafalso !...
E' a ordem que fará no dia de hoje
Dois de Novembro, um homem... não, um martyr,
Pela patria soffrer a pena ultima !

HILARIO DE SOUZA (*com energia*)

São, portanto, os papeis de que fallastes
 Grandemente importantes, pois, n'um d'elles,
 Exarada se vê triste sentença
 Que, como um raio de exterminio horrendo,
 Illustre martyr lançará na tumba !
 Ao passo que, no outro se conferem,
 Ao homem que o prendêo distinctas honras !...
 Que, se arrojando aquelle em um abysmo,
 Tão fundo como a altura a que attingira,
 Não só pela nobreza de character,
 Mas tambem pelo amor pujante, extremo,
 Que ao Maranhão constante consagrava,
 Suspenso este vai ser, até aonde,
 O erguer podia a tolerancia humana !

LAZARO DE MELLO (*d dircita*)

Enganai-vos, Senhor, se bem que houvesseis
 Toda vossa eloquencia pôsto em jôgo !
 Esses papeis a que vos referistes,
 — Embora n'um sepulchro alguém arrojem
 E aos faustos da nobreza me conduzam —
 São dois actos bem justos, são dois actos
 Que, de um solemne modo, perpetuam
 O importante serviço que hei prestado
 Ao nosso soberano e a nossa patria !...
 E quem, Senhores, quem teria a audacia
 De ir lá prender, em sua propria casa,
 Esse notavel chefe da revolta ?!...
 Ninguém ! ninguém ! só eu tão grande empreza
 Poderia tentar com risco enorme !...
 E quando oúvi os brados da justiça,
 Reclamando a prisão d'esse rebelde,
 No fundo de minha alma recalcando,
 Com magoa extrema, os firmes sentimentos
 De estima e gratidão que lhe votara,
 Não trepidei, Senhores; fui prendê-lo. (*forte*)
 E querem me taxar alguns de ingrato !
 Outros traidôr me chamam, esquecidos
 De que deve a justiça conservar-se
 Qual deosa que não sente e não tem olhos,
 Quando houver de julgar seos infractores

COSTA BELLO (*para Hilario*)

É, realmente, um cynico este Lazaro !..

I.º SOLDADO

Às armas !. (*ouve-se, fóra, o tropel da guarda que forma-se*)

COSTA BELLO (*para Hilario*)

... E' o Governador que chega !

Vamos, sim ; vamos já ao seo encontro.

HILARIO DE SOUZA

Por certo. (*vão ao fundo*)

LAZARO DE MELLO

... Que orgulhosos !.., Ah !.. mais tarde...

Talvez que bajular-me até procurem !..

(*pequena pausa*) Quanto anseio que seja a assignatura

D'esse Freire de Andrade. já lançada

N'esta nomeação !.. (*batendo no bolso*)

SCENA III

OS MESMOS, E GOMES FREIRE

GOMES FREIRE (*no fundo, acêna para fóra*)

... Destroce a guarda.

(*Vindo para a frente e para Hilario. Costa Bello, e Lazaro indo á esquerda*)

Estimavel Senhor, provavelmente,

Estais a minha espera ha muito tempo.

Se soubesse que aqui vinha encontrar-vos,

Apressado teria meo regresso. (*a sentinella occulta-se*)

HILARIO DE SOUZA

Muito vos agradeço.

GOMES FREIRE

... Mas agora

Eis-me, Senhor, de todo as vossas ordens.

HILARIO DE SOUZA

General, são as vossas que me cumpre

Receber desde já, preso ao respeito

Devido á posição e ao grande merito

Que sempre tem vos distinguido tanto.

GOMES FREIRE (*após um ligeiro cumprimento*)

Para Belem deveis partir em breve.
 E' verdade : e eu que havia-me esquecido
 D'essa vossa partida ; desculpai-me.
 Tantas e tão difficeis occurrencias
 — Como as que preoccupam meo espirito —
 Esse facto esquecer até fizeram-me !
 Ficais, porem, assim, de pé ?.. Sentai-vos. (*sentam-se*)

HILARIO DE SOUZA

Amavel sois de mais para comigo.

GOMES FREIRE

Vós muito o mereccis, Sr. Hilario ;
 E... a Francisco de Sá, vos encarrego
 De informar que, somente, a instancias minhas
 Aqui ficastes. Vosso firme auxilio...

HILARIO DE SOUZA (*comprimentando*)

Senhor !...

GOMES FREIRE (*continuando*)

... Convinha á causa da justiça. (*pausa*)
 Contai-lhe... que esta terra se assemelha
 A um vasto acampamento, aonde vê-se
 Por toda parte apparecerem fardas,
 E mui escassamente algum paisano,
 Pois d'ella os habitantes desertaram,
 E escondidos lá vivem pelas matas. (*pausa*)
 Ah ! bem profundas eram as raizes
 Que esta revolta desdobrao havia !..
 Porém, os chefes principaes já foram
 Á prisão recolhidos, e, é provavel
 Que, em breve, sejam deportados todos.

HILARIO DE SOUZA (*admirado*)

Será crível que tanta f'licidade
 P'ra mais vos elevar guardada esteja ?..

GOMES FREIRE

Um tal espanto decifrar não posso,
 Ou, mal interpretastes minha phrase.

HILARIO DE SOUZA

Para vós, General, seria, eu penso,
 Esplendido padrão de glórias cheio,
 Punir, apenas, esses revoltosos,
 Com prisão prolongada ou com desterro,
 Da fôrça desviando um nobre velho,
 E um homem tão notavel como o Beckman.

GOMES FREIRE

Pretendi conseguir esse impossível ;
 Mas, de todo não pude !... Era preciso
 Ao povo dar aterrador exemplo,
 A fim de não tentar, para o futuro,
 Nova revolta e muito mais extensa,
 Ou, quem sabe ?.. talvez, geral revolta
 Em todas as colonias brasileiras !...
 E' penôso arrancar-se a sangue frio
 D'esse ou d'aquelle a vida; sim, é certo !
 Mas, com quanto em desterro, um homem pode
 Vir um dia a fugir, se fôr ousado,
 Mais temível sabendo 'inda tornar-se,
 Do que foi, por ventura, em outras épocas.
 Em quanto que, ninguém, da fria tumba
 Onde em silencio dorme o somno eterno,
 Fugir jamais pensou, nem pensa ao menos,
 A lousa espedaçar-lhe, embora fragil !...
 E, pois, se resolvi, que o Padre Elias,
 Thomaz, Serrão, Eugenio, e muitos outros,
 Soffressem só a pena de degrêdo,
 O mesmo houvera feito em referencia
 A Sampaio e tambem ao proprio Beckman.

HILARIO DE SOUZA

Não quiz vos censurar, nem o faria,
 Por que acima de vós, ninguém conheço
 Mais justiceiro e cheio de criterio.

GOMES FREIRE

Muito me honram, Senhor, vossas palavras.
 Acreditei que apenas tive em vista
 Meo coração abrir-vqs. Mas... dizei-me
 Se soubestes ou não, que me accusaram

De usurpadôr e sanguinário despota,
 Por decidir que os bens se confiscassem
 D'esses que á morte foram condemnados ?...

HILARIO DE SOUZA

Soube.

GOMES FREIRE

... E vós, que pensais a tal respeito ?...

HILARIO DE SOUZA

Quereis, Senhor, que com franqueza falle ?

GOMES FREIRE

Sim ; sêde tão sincero como sempre
 Tendes sido, Senhor, para comigo.

HILARIO DE SOUZA

Já que vós, General, quereis franqueza,
 Vos direi que... reprovo e que lamento
 Uma tal decisão, principalmente,
 Na parte relativa a Manoel Beckman,
 Porque tem de ficar sua familia
 Na miseria, mas não por culpa sua.

GOMES FREIRE

Ouvi-me attentamente ; sim, ouvi-me:
 Um grande prejuizo em suas rendas
 Teve o Reino por causa da revolta.
 Era justo, por tanto, resarçi-lo
 Quando não no total, sequer em parte,
 Os bens se confiscando dos dois chefes,
 Que foram seos mais firmes sustentaculos.
 Um, era a mente audaz que planejava,
 Outro, era a bolsa a segundar-lhe os planos.
 Sem aquella e sem esta era impossivel
 Que pensassem jamais em ser rebeldes.
 Quanto á familia, posso assegurar-vos
 Que, por certo, não fica na miseria.

LAZARO DE MELLO (*d parte*)

Maldicto, que burlais meos planos todos !...

GOMES FREIRE (*levantando-se ambos*)

Agora transmitti, Sr. Hilario,
 A Francisco de Sá, estreito abraço. (*abraça-o*)
 ... (*dando-lhe segundo abraço*) Este é vosso.

HILARIO DE SOUZA (*agradecido*)

... Senhor ! tão grande honra !...

GOMES FREIRE

E' merecida. Adeos. (*apertando-lhe a mão*)

HILARIO DE SOUZA

... As vossas ordens. (*cumprimenta, passa por Costa Bello e diz-lhe*)

Disponde, no Pará, dos meos serviços.

COSTA BELLO

Muito obrigado. (*Hilario sae pelo fundo*)

SCENA IV

OS MESMOS, MENOS HILARIO DE SOUZA

GOMES FREIRE (*sentando-se*)

(*Para Costa Bello*) ... E vós ao que viestes ?...

COSTA BELLO

Entregar-vos, Senhor, esta sentença. (*dando-lhe um papel*)

GOMES FREIRE

E já está tudo prompto ?...

COSTA BELLO

... Falta apenas

Este papel por vós ser assignado.

LAZARO DE MELLO (*adiantando-se*)

Se permittis, Senhor, tambem eu trago

Minha nomeação, na qual só falta...

GOMES FREIRE (*interrompendo-o*)

Oh ! esperai, Senhor, que se offereça

O momento opportuno.

LAZARO DE MELLO (*humilde*)

... Eu não sabia...

GOMES FREIRE (*para Lazaro que se affasta*)

Bem ; (*para Costa Bello*) dai-me este papel. (*tomando-o e, ao querer assigna-lo*)... Oh ! custa muito...

Porem a compaixão não deve nunca,
Fazer-nos vacillar ante a justiça ! (*assigna tremulo e entrega a sentença a Costa Bello.*)
Onde foi, finalmente, erguida a força ?...

COSTA BELLO

Na praia do armazem.

GOMES FREIRE

... Que não demorem
A triste execução. (*levanta-se e vem para a frente*)
... Os condemnados (*d' meia voz*)
Devem alli passar e, sem que eu saia,
Posso dar as precisas providencias.
(*para Costa Bello*) Ide vos.
(*Costa Bello cumprimenta e sae pelo fundo*)

SCENA V

GOMES FREIRE e LAZARO DE MELLO

GOMES FREIRE (*ainda na frente*)

... Quanto dentro d'alma eu sinto,
Fazer suppliciar esses dois homens !... (*pausa*)
Que se derrame sangue nas batalhas,
No calor dos combates que se escutem
Agonisantes ais dos moribundos,
Aos montes sobre a terra, desprendendo
Pelos labios já frios a existencia !...
Mas... qual fouce maldita espedaçar-se
Mais de uma vida, em paz, em plena calma !...
Que funesta missão tem sido a minha !... (*senta-se; pausa*)
Não achais que devemos, Sr. Lazaro,
Cruciante pezar sentir ao vêmos
Dois homens ao patibulo subirem..
E, mui principalmente, quando um d'elles
E' tão distincto e nobre como o Beckman ?...

LAZARO DE MELLO (*aproximando-se*)

Concordo, General, sim... entretanto...

GOMES FREIRE

Continuai.

LAZARO DE MELLO

... Entretanto foi mui justa,
Direi mesmo que fôra indispensavel
A vossa decisão a seo respeito.
Influencia tamanha tem tal homem
Que, certo, deportado fugiria,
Talvez, pensando em revoltar-se ainda !...

GOMES FREIRE

Porem foi tão honesto e patriota
Que nada quiz p'ra si !...

LAZARO DE MELLO

... Estou de accôrdo.
Tudo queria em pró d'esta Colonia
Que, muito progredindo em seo governo,
Mais ha-de prosperar, Senhor, no vosso

GOMES FREIRE

E, dissei-me ; não é vosso padrinho ?...
De vós não foi um dedicado amigo ?...

LAZARO DE MELLO

Sim, Sr. General ; mas, por mais forte
Que essa amisade fôsse, era bem fraca
Para, de um servidôr do Estado, as bases
Tentar, de seo dever, lançar por terra.
E quando os interesses e o serviço
De Sua Magestade reclamavam...

GOMES FREIRE (*interrompendo-o*)

Sim ; devo resgatar minha palavra.
Não trazieis ahí, Senhor, convôscos... (*com desdêm*)

LAZARO DE MELLO (*soffrego*)

Ei-la, Senhor. (*dá a Gomes Freire a patente e affasta-se*)

GOMES FREIRE (*de si para si*)

... E' grande sacrificio
A traição disfarçar-se com as honras
Que a nobreza adornar na terra devem !... (*assigna e, com
desprezo dando a patente, levanta-se e diz:*)
Da guarda o Commandante que me falle. (*sae pela direita*)

SCENA VI

LAZARO DE MELLO E DEPOIS LAURA COM AS DUAS FILHAS

LAZARO DE MELLO (*com a patente na mão*)

Ah! vinde agora desprezar-me... vinde!...
 Vinde, do Maranhão villões Senhores!...
 Sou nobre .. em fim, sou nóbre!. Muito em breve
 Rico serei, sem duv da, e, a nobreza
 Quando á opulencia unir-se, oh!... quem ha-de,
 Quem será tão ousado que pretenda
 Ou que se atreva ainda a desprezar-me?...

(*Vai sahindo e encontra-se com Laura que entra com as filhas,
 todas tres com véos espessos e vestidos pretos*)

LAURA (*para Lazaro, cabistaixa*)

Ao Sr. General, com toda a urgencia,
 Desejava fallar.

LAZARO DE MELLO (*fóra de si*)

(*á parte*) ... Oh! Céos!... Que escuto!...
 Sim... esta voz!... (*alto*) Dizei... sereis acaso...

LAURA

A feliz que a traição tornou miserrima!

LAZARO DE MELLO (*furioso e á parte*)

Pelo inferno!...

LAURA (*desculpando se*)

.. Perdoai ter proferido
 Aqui n'este recinto essas palavras. (*levantando o véo*)
 Sou Laura Beckman.

LAZARO DE MELLO (*á parte*)

... Ella, ainda ella...
 E sempre a perseguir-me em toda parte!
 (*alto*) Que pretendeis fazer aqui, Senhora?...

LAURA (*encaranão espantada para Lazaro*)

Vós!.. Sois vós!... Esse Lazaro de Mello
 Esse nefando algóz que desgraçou-me!...
 Oh! filhas de minha alma!... Erguei de todo
 Os vossos negros véos!.. Filhas... erguei os!... (*as meninas
 levantam os véos*)

Sim, olhai para alli, para aquelle homem !.. (*exaltada*)
 O!hai... olhai p'ra elle e... desprezai-o !...
 (*transição*) Não... tende compaixão somente d'elle ! ..
 E' Lazaro de Mello... o que prendêra
 Vosso extremôso pai e á forca o arrasta !...
 Minhas filhas... pedi em vossas rezas,
 Que até d'elle o Senhor se commisére,
 Chegando a perdoar-lhe o mal que fez-nos !...

LAZARO DE MELLO

Ah ! porque despertais os sentimentos
 Que no meo coração calmos dormiam,
 Ateando essas chammas quasi extinctas,
 Que a mente e o peito me abraçar tentaram ? ..
 Porque viestes assanhar as iras
 Que, pouco a pouco, eu applicar buscava ?...
 Não sabeis que sou nobre e vós apenas
 A mulher de um rebelde e condemnado,
 Que terá de expiar tremendo crime ?...

LAURA

Ah ! Senhor ! por piedade... (*curvando-se*)

LAZARO DE MELLO (*ironico*)

... Por piedade !...

Em fim, já vos lembrastes, sem orgulho,
 De que ricò eu serei, e, na miseria
 Vós, Senhora, a viver estais exposta ?...
 Comprehendestes já, que sendo outr'ora
 Ao meo amor...

LAURA (*altiva*)

... Silencio, Sr. Lazaro !...

Não vêdes que manchais, com essas phrases,
 Innocentes ouvidos de dois anjos ?...

LAZARO DE MELLO

Quizestes me illudir, mas eu vos juro
 Que, em pouco tempo, haveis de ouvir-me humilde.

LAURA

A virtude, Senhor, jamais se curva
 Ao desenfreno atróz dos deshonestos.
 Saíamos, minhas filhas. (*vão sahindo ; Lazaro as detem*)

LAZARO DE MELLO

... Orgulhosa !

Hei-de rico, vencêr vossa penuria !

Hei-de ousado, dobrar vossa virtude !...

Sim, Senhora !... terei de ser vencida,

Eu vo-lo juro !... adeos, até mui breve !... (*sae pelo fundo*)**SCENA VII**LAURA, AS FILHAS E DEPOIS O COMMANDANTE
DA GUARDA E GOMES FREIRELAURA (*para Lazaro que sae*)Miseravel !.. (*apparece a sentinella e Laura corre para ella*)

... Fazei, por Deos, vos rogo.

Senhor, que ao General fallar consiga !...

1.º SOLDADO

Da guarda o Commandante se aproxima ; (*contrariado*)

E' melhor que falleis com elle proprio.

LAURA (*para o Commandante que entra pelo fundo*)Senhor, tende a bondade... (*o Commandante desvia-se d'ella e se aproxima de Gomes Freire que entra pela esquerda*)GOMES FREIRE (*para o Commandante*)

... Ia mandar-vos

Pela segunda vêz... (*vendo Laura*) Ah ! desculpai-me !...(*para o Commandante*) Por em quanto esperai. (*para Laura*)

... Que pretendieis ?...

LAURA

Ao Sr. General fallar desejo.

GOMES FREIRE

Ei-lo.

LAURA (*as filhas ficam um pouco distantes*)

... Ah !. sois vós ?!..

GOMES FREIRE

... Sou eu, Senhora, e peço

Que me deixeis ir dar algumas ordens. (*vai ao Commandante, falla-lhe baixo, o Commandante sae*)(*Para Laura*) Permaneceis assim de pé ?.. Sentai-vos.

LAURA

Muito obrigada. Vinde, minhas filhas ;
 O General ainda não conhece
 Quem sômos nós. Ainda elle não sabe,
 Que sois filhas de Beckman e eu a espôsa !... (*Gomes Freire
 denota espanto*)
 Que a seos pés ! .. (*caem as tres ajoelhadas*)

GOMES FREIRE (*commovido*)

... Não, Senhora !.. ajoelhada
 A meos pés.. e tambem estas meninas !..
 Não ; não posso deixar que assim pratiquem !.. (*levan-
 tando as*)
 Dizei : que pretendeis ?..

LAURA

... E' muito longa,
 De minha vida é muito triste a historia !..

GOMES FREIRE

Disposto estou a ouvir-vos.

LAURA (*triste*)

... Mil venturas
 Desfructava, Senhor, aqui na terra,
 Quando a sorte cansada, ou invejosa
 Por vêr-me tão feliz, lembrou-se um dia
 De lançar-me no abysmo da desgraça,
 Dos braços, o marido, me arrancando,
 Para atira-lo aos seios da revolta !..
 Quanto busquei então, quantos esforços...
 Ai !.. quantos empreguei para, de novo,
 A mim e as minhas filhas vê-lo entregue ?!..
 Mas tudo foi de balde !.. em vão foi tudo,
 Pelo amor que á Colonia elle votava !..
 Correm os tempos... sempre em sobresalto
 — A divisar em grupos... de continuo... (*crescendo*)
 De mim em torno, espectros furibundos —
 Mais tarde vi, Senhor, vi amarrarem-no,
 Como um ladrão, ou como um assassino
 Se costuma amarrar em nossas matas !..

GOMES FREIRE

Oh !. . desculpai, Senhora, interromper-vos ;
 Ordem nenhuma dei a tal respeito.

LAURA

Eu previa, Senhor, que só um monstro
Capaz seria de uma tal vileza !... (*pausa*)

GOMES FREIRE

Contin uai, vos peço, e... sêde breve.

LAURA (*continuando*)

D'esse supplicio livre meo marido,
Supplicio mais atroz que a propria morte,
Preso partio. Querendo acompanha-lo, (*crescendo*)
Tal dita, bruscamente, me negaram,
Pois que da prepotencia enorme é a força !..
Que podia fazer ?.. Penosa embora,
Embôra longa, emprehendi a vinda
Para esta cidade, ao lado sempre
De minhas filhas, creancinhas debeis
E que, a Deos, imploravam entre lagrimas, (*as meninas soluçam*)

Coitadinhas !.. que as forças não tirasse-lhes,
Para, seo pai, poderem vêr ainda !.. (*ehorando ; pequena pausa*)
Porem tudo, Senhor, tudo converge
Para mais se augmentarem minhas magoas !..
As portas da cadêia não se abriram,
Ninguem quiz attender as nossas supplicas,
Supplicas de uma espôsa e duas filhas
Que, apenas, ao marido e ao pai queriam
Em prantos dar o derradeiro amplexo !..
Agora... a vossos pés, Senhor, cahimos (*ajoelham-se*)
E, de joelhos, perdão vos imploramos...
Perdão ! perdão !..

GOMES FREIRE (*enchugando uma l grima*)

... Senhora !.. levantai-vos !..

LAURA (*levanta-se com as filhas*)

Chorais!.. (*para a frente*) Oh! que essas lagrimas indiquem,
Meo Santo Deos, em fim !.. que elle perdôa
A meo inf'liz espôso !.. (*para G. Freire*) Graças... graças,
Senhor, vos rendo e toda minha vida... (*ajoelhando-se*)

GOMES FREIRE

Levantai-vos, Senhora, e desculpai-me... (*com magoa*)
O que pedis .. de todo é impossivel.

LAURA

Impossível, Senhor !... Ha impossiveis
 Que a vossa posição vencer não possa ?...
 E nem faltam razões, até bem justas,
 Para que a meo marido se conceda
 O perdão que a gemer eu vos imploro !...
 Sim, vós bem o sabeis, embora preso,
 E só pela palavra de honra dada,
 Que foi grilhão mais fórte que essas cordas
 Com que tanto insulta-lo pretenderam,
 Elle fêz, para aqui, toda a viagem,
 Sem ser preciso que um soldado ao menço,
 Até esta cidade o acompanhasse,
 Como lá na cadêia ha pouco o soube !...

GOMES FREIRE

Vosso esposo, Senhora, é bem verdade,
 Apenas veio preso pela honra
 Da palavra que déra a minha escolta.
 Não obstante... o perdão que depreciais-me...

LAURA (*interrompendo*)

Ah ! Senhor !... Elle até não ignorava
 Que vinha caminhando p'ra o patibulo
 E, honrado, á morte preferio render-se,
 A palavra trahir que havia dado !
 Se Egas Moniz, outr'ora, indo entregar-se
 Aos Leões de Castella, offerecendo
 Não a vida somente, o que era pouco,
 Mas, Senhor, de igual modo, as proprias vidas
 Da cara esposa e das prezadas filhas
 Para, com essas, resgatar de todo
 A palavra, que não cumprida fôra,
 Conseguio a final plena amnistia,
 Porque em vós a clemencia tenazmente,
 Fica surda ao perdão que vos supplico? ... (*curvando-se*)

GOMES FREIRE (*levantando-a*)

Senhora, eu sempre sou sincero e justo.
 A historia Maranhense, no futuro,
 Terá de registrar de orgulho cheia,
 Um nome tão honrado, tão distincto
 Como o de Manoel Beckman, vosso espôso.
 Porem se o rei Affonso de Castella,

Concedêo o perdão a que alludistes,
Elle era um poderoso Rei, em quanto,
Senhora, eu sou, Governadôr, apenas !...

LAURA

Não ; vós tambem sois Rei n'esta colonia.
Perdoai-o !

GOMES FREIRE

.. São justos vossos rogos ;
Entretanto... exigis o que não devo... (*com magoa*)

LAURA (*como louca*)

Que será, oh ! meo Deos !... d'estas creanças
Orphãs e sem amparo e na miseria ?!...

GOMES FREIRE

Tranquillisai-vos ; livres da penuria...

SCENA VIII

OS MESMOS, E LAZARO DE MELLO

LAZARO DE MELLO (*do fundo e apressado*)

Sr. Governador... (*ven* Laura) Ah ! perdoai-me !...
Pensei...

GOMES FREIRE (*altivo*)

... Fôra melhor que o Sr. Lazaro
Procurasse indagar se me convinha
Agora lhe fallar !...

LAZARO DE MELLO (*confuso*)

... Fui indiscreto.
Desculpai-me... Senhor... eu não sei mesmo
Onde a cabeça tenho, pelo ultrage
Que sobre mim cuspiram, e vos peço
Que me façais justiça e só justiça.

GOMES FREIRE

Justiça ?!.. Do que então, Senhor, se trata?.. (*Laura
affasta-se*)

LAZARO DE MELLO

De todo escarneceram d'esse acto,
Pelo qual vos aprouve nomear-me
Dos nobres, Capitão dos ordenanças.

GOMES FREIRE

Porem como ?.. Explicai-vos.

LAZARO DE MELLO

.... Todos estes
Com mesquinho desprezo me trataram,
Como se eu fôsse um homem desprezível !..
E o que é peor, Senhor, peor ainda,
Nem ao menos quizeram dar-me posse
Do cargo, que, por mim seria honrado.

GOMES FREIRE (*sardonico*)

Por vós ?! (*gravemente*) Pois bem ; justiça me pedistes,
Justiça vos farei. Agora ouvi-me :
Dando-vos esse pôsto, resgatada
Ficou minha promessa feita áquelle
Que pudesse prender a Manoel Beckman;
E pois, de nada mais sou responsavel,
Nem a pcdirdes mais, tendes direito.

LAZARO DE MELLO (*pasmo*)

Não expedis, Senhor, nenhuma ordem,
No sentido de ser obedecida..

GOMES FREIRE (*interrompe-o*)

As normas da justiça a isto oppoem-se.
Como posso obrigar homens distinctos,
Defensôres leaes de minha patria,
A servirem, Senhor, sob o commando
De um.. traidor ! que de tudo se esquecêra,
Em busca unicamente, d'esse premio ?..
Tende a bondade de esperar-me um pouco. (*para Laura
que ficara confusa*)

(*Dobre funebre por dois minutos*)

LAURA (*estremecendo assim como as filhas*)

Meo Deos !...

GOMES FREIRE (*sobresaltado e á parte*)

... Um dos signaes !.., Dêmo-nos pressa. (*sae
pela direita*)

SCENA IX

OS MESMOS, MENOS GOMES FREIRE

LAZARO DE MELLO (*para Laura*)

Contente estais por vêr como esse estúpido
E brusco General enxovalhou-me ?!..

LAURA

Enganai-vos, Senhor, senti somente
Profunda compaixão !..

(*Segundo dobre funebre mais prolongado do que o primeiro.
Rumôr ao longe. Laura anciada e tremula. Lazaro aterrado*)

..,'Inda estes sinos !..,

Oh ! que lugubres sons que elles desferem !,
Santo Deos !... Que terror enorme invade
Meo triste coração !... (*corre para as filhas, as abraça e,
com grande magoa*)

... Pobres creanças !..

Queridas filhas !!... filhas desgraçadas !...
Que tetrico futuro vos aguarda ?!..

SCENA X E ULTIMAOS MESMOS, GOMES FREIRE (*e depois o prestito que passa
acompanhando Manoel Beckman e Jorge Sampaio*)GOMES FREIRE (*apressado, entra da esquerda, querendo dar
a Laura um papel e trazendo o chapéo na mão esquerda*)

Acceitai, minha Senhora.

LAURA (*sorpreza*)

... Ah ! perdoastes ?!

Deos, Senhor, para sempre vos ampare !... (*Ajoelhando-se
e querendo beijar a mão de G. Freire*)

GOMES FREIRE (*levantando-a*)

Perdoar, já não posso e muito o sinto ! (*com magoa*)
Se o pudesse !... Porem... (*firme*) tende a bondade...
Acceitai. (*dando-lhe o papel*) Resolvi, por este acto,
Fazer-vos plena doação, Senhora,
Dos bens que a vosso*esposo pertenciam.

LAURA (*que ia tomando o papel*)

Ah ! não é seo perdão ?! Senhor, regeito !..

GOMES FREIRE

Tomai a doação ; por vossas filhas
Acceitai-a, e podeis partir p'ra o Reino,
Ou mesmo p'ra qualquer uma outra parte.

LAURA (*retrahindo-se*)

Obrigada, Senhor; muito obrigada.
Posso vir a acceitar, um dia, esmólas
De outras mãos ; mas das vossas, que arremessam
N'um cadafalso, meo querido espôso,
Nunca, Senhor, oh ! nunca !.

GOMES FREIRE (*commovido*)

... Eu hei-de ainda
Mais uma vêz convôsko a tal respeito
Tratar com toda calma; por agora
Peço que nos deixeis. (*Conduzindo-a para a direita. Ter-
ceiro dobre. Rumôr mais proximo*)

LAURA (*fóra de si*)

... Que tristes dobres
São estes que me aterram, que resfriam
Meo corpo todo, quasi que de subito ?!
(*Para G. Freire*) Oh! mandai, sim, mandai, Sr., que cessem
Esses dobres medonhos que simulam
Um prenuncio fatal de morte proxima !

GOMES FREIRE

Parti, Senhora; sim, parti, vos peço.
(*Para Lazaro e á parte*) Para longe a levei. Por este lado...
(*aponta para a direita*)

LAURA (*desprende-se das mãos de Lazaro*)

Largai-me... que sahir d'aqui não posso !...
Sr. Governador, ficar deixai-me (*correndo para G. Freire
que está á esquerda*)

Alguns instantes mais. Que vai passar-se ?...

Ah ! nem mesmo eu o sei !... (*exaltando-se*)

....Pela alma correm-me

Angustias taes que suffocar-me querem !

Porem prevejo que, em mui pouco tempo,
Ha-de aqui debuchar-se horrendo quadro
De dôr, de desespero, luto e morte !..

GOMES FREIRE (*tomanão-a nos braços*)

Saiamos; eu irei acompanhar-vos.

LAURA (*oppondo-se*)

Não, Senhor; não ouvís os templos todos
Continuando a soltar mortaes gemidos?
(*para o dobre*) Não ouvís essas vozes que approximam-se,
Como da morte funebres cortejos?

VOZES DOS OFFICIAES DE JUSTIÇA (*lentamente*)

“ As justiças d’El-Rei deixai que passem !..
“ Rezai pelos dois réos; rezai, Senhores !”

LAURA (*espavorida; grande mimica*)

Meo Deos !.. E’ meo marido ! sim, é elle..
Que já segue o caminho do patibulo ! (*corre para o fundo*)

GOMES FREIRE (*para Lazaro*)

Levai-a, sim; levai-a mesmo á força (*luta entre Lazaro e
Laura, querendo aquelle arrasta-la para fóra*)

VOZES DOS OFFICIAES DE JUSTIÇA (*mais perto e lentamente*)

“ As justiças de El-Rei, deixai que passem !”

LAURA (*arrancando-se das mãos de Lazaro*)

Não ; quero ainda o vêr, quero abraça-lo !..

VOZES DOS OFFICIAES DE JUSTIÇA

“ Rezai pelos dois réos ; rezai, Senhores !

(*O prestito vem passando por fóra das arcadas. Manoel Beckman e Jorge Sampaio em camisola branca e baraço ao pescoço. Officiaes de justiça, povo, tropa, etc., de alguma fórma encobrem tambem os condemnados.*)

LAURA (*vendo o marido*)

Martyr ! irei contigo ao teu Calvario !.. (*correndo para
o fundo*)

(*Lazaro e alguns officiaes de justiça fazem-lhe frente; Manoel Beckman rompe por entre o povo e apparece na arcada do meio*)

GOMES FREIRE (*ao mesmo tempo*)

Ah ! não é mais possível! (*para os officiaes*) Não ! soltai-a!
(*para Laura*)

Podeis ir abraçar vosso marido !

(*á parte*) A tropa os acompanha em grande numero !
Não pode sobrevir nenhum perigo !.. (*senta-se pensativo*)

LAURA (*correndo para o marido*)

Manoel ! meo pobre espôso !.. (*Miserere na orchestra*)

MANOEL BECKMAN (*abraçando-a*)

... Laura !.. Laura !..

(*Manoel Beckman em frente a arcada do meio ; o sequito, um pouco para o fundo ; grupo formado por Laura, as filhas e Manoel Beckman, este reclinado sobre a esposa ; as filhas, depois, se lançam de joelhos junto d'elle, uma á direita e outra á esquerda ; Jorge Sampaio, cabisbaixo, tambem fica visivel*)

LAURA (*depois de abraçar o marido, volta-se para as filhas*)

Filhas, queridas filhas, vinde dar-lhe

O mais triste de todos os abraços ! (*as filhas depois de abraçá-lo, ajoelham-se como fica dito. Laura e ellas em pranto*)

MANOEL BECKMAN

Laura ! Laura ! oh ! prezadas filhas minhas !

Não ; não choreis assim, que vosso pranto

Pode quebrar a força, com que eu venço

O martyrio que os homens me impuzeram !..

Não ; não choreis assim, oh ! pobres victimas

Do amor que ao Maranhão consagro ainda !..

Aos martyres no mundo suppliciam,

Para que, uma ventura eterna, possam

Alcançar das sagradas mãos do Altissimo !..

Esposa erguei, erguei, queridas filhas,

Vossas nobres cabeças ! Oh !.. erguei-as

Alto, bem alto, sim !.. Lembrai-vos sempre

De que, nas veias, corre-vos o sangue,

D'aquelle que chamou-se Manoel Beckman (*Laura e as filhas em pranto*)

Não, não choreis assim ! ah ! resignai-vos,

Sêde fortes, perdoai como eu perdôo,

Para sempre os algozes que me matam,

Pois que morro contente ao recordar-me

De que é pelo futuro d'esta terra,

Que tenho de expirar no cadafalso !...
Perdoai-os .. Aquelles que perdoam,
Vão, de Deos, mais e mais se approximando !...
Perdão, perdão, do fundo d'alma a todos !...

LAZARO DE MELLO (*cahindo de joelhos após haver mostrado
grande emoção. Pára a orchestra*)

E a mim, a mim, Senhor ! Será possível...

MANOEL BECKMAN (*solemne*)

A ti !... Como christão, tambem perdôo !...
Porem, de lá de cima do patibulo,
Te hei de amaldiçoar, traidor, em nome
Do povo Maranhense ! Adeos, esposa !...
Filhas, adeos !... (*arrancando-se dos braços de Laura*)
... A eternidade espera-me !..

*Vai seguindo para a direita. Laura e as filhas de joelhos—
Quadro—Cae o panno.*



NOTA

Para não alterar o plano que havia traçado, conservei a falla a que se refere esta nota — *pagina 87* —, tal como se acha ; no entanto, aos rigorosos em chronologia, direi que poderia ter destruido o anachronismo a que alludi, na minha carta ao Leitor, relativo á partida de Thomaz Beckman, do seguinte modo :

EUGENIO RIBEIRO

Assim não penso e até receio muito
Que, não tendo partido para o Reino
Juntamente com os padres jesuitas
— Conforme ajuizado pretendêra —
Chegue a dar-se o contrario ; mas, Senhores,
Nos diz a consciencia que cumprimos,
Embora sustentando esta revolta,
Os preceitos leaes de amor á patria !...
Venha o perdão ou duras ordens venham
Para prender-se os revoltosos todos,
Que nos hão de encontrar no posto de honra.

ERRATA

Alem de outros cuidados de revisão, escaparam os seguintes:

<i>Pags.</i>	<i>Aonde se lê</i>	<i>Leia-se</i>
24	appoio	apoio
25	Ah! porque hão-de fazer-se...	Porque se hão de fazer....
26	A' vossas plantas...	A vossas plantas..
31	desagravo...	desaggravo...
43	A' Balthazar...	A Balthazar...
47	<i>(que tem estado na abetar do</i> <i>miuro)</i> Estevão Gandolf	Estevão Gandolf
55	<i>(com força indo-se dado)</i>	<i>(com força, tendo se dado)</i>
60	Faz-me fossa eminencia..	Fêz-me vossa eminencia...
72	esta tua alma	essa tua alma
123	haveis me feito	tens me feito
130	Senhora	Senhor
132	Por ventur Senhora...	Por ventura. Senhor...
135	<i>(apertar-lhe as mãos...)</i>	<i>(apertar-lhês as mãos...)</i>







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).